

Universidade de Lisboa  
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



**O papel do associativismo juvenil na integração dos estudantes internacionais em Lisboa: estratégias, contributos e desafios**

**Miguel Filipe Marques Ferreira**

Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território

Dissertação de Mestrado orientada pelo Doutor Jorge da Silva Macaísta Malheiros

2025

Universidade de Lisboa  
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

**U** LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



## **O papel do associativismo juvenil na integração dos estudantes internacionais em Lisboa: estratégias, contributos e desafios**

**Miguel Filipe Marques Ferreira**

Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território

Dissertação de Mestrado orientada pelo Doutor Jorge da Silva Macaísta Malheiros

Júri:

Presidente: Doutora Alina Isabel Pereira Esteves, Professora Associada do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutora Maria Helena Mariano de Brito Fidalgo Esteves, Professora Auxiliar do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa
- Doutora Juliana Chatti Iorio, Investigadora Colaboradora do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa
- Doutor Jorge da Silva Macaísta Malheiros, Professor Associado do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

2025

## **Declaração de Autoria**

Eu Miguel Filipe Marques Ferreira, declaro que a presente dissertação de mestrado intitulado O papel do associativismo juvenil na integração dos estudantes internacionais em Lisboa: estratégias, contributos e desafios, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.



## **Agradecimentos**

A dissertação que aqui se apresenta espelha o trabalho de três longos anos, com muitos avanços, paragens e recuos, para o qual contribuíram várias pessoas e organizações.

É indispensável dirigir o meu primeiro agradecimento ao Professor Doutor Jorge Malheiros, um exemplo de profissionalismo e correção, e com uma intelectualidade que enriqueceu em muito este trabalho. Agradeço, também, por toda a compreensão pelos obstáculos que fui encontrando pelo caminho e pelas doses adicionais de motivação que me foi dando. Sem isso, talvez nunca tivesse terminado esta etapa.

Obviamente, agradeço aos meus pais, Olinda e Honório, que são os meus grandes pilares e fizeram sempre os possíveis e os impossíveis para que nunca me faltasse nada. São poucas as palavras que lhes possa dirigir aqui que já não vá tentando dizer no dia-a-dia. Os meus avós, Jacinta e Joaquim, os meus segundos pais... espero que, onde quero que estejam, se orgulhem de mim, e que me perdoem por não ter conseguido terminar a tempo para que pudessem assistir a tão importante marco.

À minha amiga de sempre, Nadine, agradeço pela amizade incondicional, pelos choques de realidade e pela motivação constante.

Aos meus colegas de turma, agradeço pelo companheirismo, mas, em especial, à Sílvia, por nunca me ter deixado afundar em todas as dúvidas existenciais que foram aparecendo e que me foi ajudando a clarificar.

Às minhas psicólogas, Maria Veiga e Rosângela Barreto, agradeço pelo acompanhamento íntegro e eficaz.

Por último, não posso deixar de agradecer a todos os estudantes internacionais e dirigentes associativos que aceitaram contribuir para esta investigação. Os vossos testemunhos de resiliência foram inspiradores, e só vos desejo o maior sucesso.



## **Dedicatória**

Gostaria de dedicar este trabalho aos meus avós, Jacinta e Joaquim. Espero que estejam orgulhosos desta minha conquista. Nunca vos esquecerei.

Gostaria, também, de dedicar a minha dissertação a todas e todos os estudantes que convivem, diariamente, com a depressão e a ansiedade ao longo do vosso percurso. Não se esqueçam que não caminham sozinhos.



## Resumo

A internacionalização do ensino superior português, associada à sua crescente financeirização, tem impulsionado a participação das instituições em programas de mobilidade de crédito, como o Erasmus+, e atraído estudantes internacionais em mobilidade de grau, sobretudo oriundos da União Europeia (UE) e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Contudo, a integração destes estudantes, em particular dos que realizam ciclos completos de estudos (licenciatura, mestrado ou doutoramento), não tem sido uma prioridade das instituições, levando associações juvenis e estudantis a desenvolver iniciativas, projetos, eventos e ações de *advocacy*.

Esta investigação analisou as estratégias tidas e os desafios enfrentados por associações juvenis na integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau em Lisboa. Para tal, recorreu-se à revisão da bibliografia sobre internacionalização do ensino superior, estudante internacional, integração e associativismo juvenil em Portugal, complementada com alguns dados quantitativos de fontes secundárias. A metodologia adotada foi maioritariamente qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas a estudantes internacionais da UE, Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Brasil, permitindo comparar dificuldades de integração e interações com associações numa lógica Norte–Sul Global. Seguiram-se entrevistas a cinco associações, de modo a compreender os seus *modi operandi* e constrangimentos, culminando na elaboração de um Guia Orientador para associações juvenis.

Os principais obstáculos enfrentados pelos estudantes são a barreira linguística, dificuldades de alojamento e custo de vida, acrescidos de questões como *background* académico, saudades de casa e entraves burocráticos, especialmente no caso dos oriundos do Sul Global. As associações procuram responder através de atividades de integração e *advocacy* junto de instituições de ensino e entidades estatais, mas deparam-se com limitações estruturais, como falta de recursos humanos, infraestruturas, financiamento e reconhecimento institucional.

**Palavras-Chave:** Internacionalização do ensino superior, Estudantes Internacionais em Mobilidade de Grau, Integração, Associativismo Juvenil, Lisboa



## **Abstract**

The internationalisation of Portuguese higher education, linked to its growing financialisation, has boosted the participation of institutions in credit mobility programmes, such as Erasmus+, and attracted international students on degree mobility programmes, mainly from the European Union (EU) and the Community of Portuguese-Speaking Countries (CPLP). However, the integration of these students, particularly those completing full cycles of study (bachelor's, master's or doctorate), has not been a priority for institutions, leading youth and student associations to develop initiatives, projects, events and advocacy actions.

This research analysed the strategies employed and the challenges faced by youth associations in integrating international degree mobility students in Lisbon. To this end, we reviewed the literature on the internationalisation of higher education, international students, integration and youth associations in Portugal, supplemented with some quantitative data from secondary sources. The methodology adopted was mainly qualitative, based on semi-structured interviews with international students from the EU, Portuguese-speaking African countries (PALOP) and Brazil, allowing for a comparison of integration difficulties and interactions with associations in a North-South Global logic. This was followed by interviews with five associations in order to understand their *modi operandi* and constraints, culminating in the development of a Guidance Manual for youth associations.

The main obstacles faced by students are the language barrier, accommodation difficulties and cost of living, compounded by issues such as academic background, homesickness and bureaucratic obstacles, especially in the case of those from the Global South. The associations seek to respond through integration and advocacy activities with educational institutions and state entities, but they face structural limitations, such as a lack of human resources, infrastructure, funding and institutional recognition.

**Keywords:** Internationalisation of Higher Education, Full-degree International Students, Integration, Youth Associations, Lisbon



## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>v</b>
<b>Dedicatória</b> .....	<b>vii</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>ix</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>xi</b>
<b>Lista de siglas e acrónimos</b> .....	<b>xvii</b>
<b>Índice de figuras</b> .....	<b>xxiii</b>
<b>Índice de quadros</b> .....	<b>xxv</b>
<b>1. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS</b> .....	<b>1</b>
1.1 Estrutura da dissertação .....	3
1.2 Metodologia .....	4
<b>2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>10</b>
2.1 A internacionalização do ensino superior .....	10
2.1.1 A internacionalização do ensino superior português.....	15
2.1.2 A capitalização do processo de internacionalização do ensino superior.....	16
2.2 O conceito de estudante internacional: definição e tendências .....	18
2.2.1 Mobilidade de grau .....	19
2.2.2 Mobilidade de crédito .....	22
2.2.3 Tendências geográficas: a mobilidade internacional de estudantes e o movimento Sul-Norte.....	24
2.3 Definindo integração .....	26
2.3.1 A integração de migrantes na UE e em Portugal .....	27
2.3.2 A integração do estudante internacional: estratégias, barreiras e desafios .....	28
2.4. O associativismo juvenil .....	31
2.4.1 Antecedendo a associação: o ativismo estudantil.....	31
2.4.2 Associativismo em Portugal .....	33
2.4.3 Associativismo juvenil em Portugal.....	34

2.4.4 Associativismo juvenil em Lisboa .....	37
<b>3. BREVE INTRODUÇÃO AOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS EM PORTUGAL E NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA: CARACTERÍSTICAS E DADOS DE INSERÇÃO.....</b>	<b>41</b>
3.1 Caracterização do universo de estudantes internacionais.....	41
3.2 Questões de inserção dos estudantes internacionais .....	45
3.2.1 Motivações para a mobilidade internacional.....	48
3.2.2 O processo de integração .....	52
3.2.3 A relação com as associações juvenis .....	69
<b>4. O ASSOCIATIVISMO JUVENIL COMO MOTOR DE INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS EM PORTUGAL E EM LISBOA.....</b>	<b>74</b>
4.1 Notas Introdutórias ao tecido associativo juvenil, ao tipo de estruturas e às suas atividades junto dos estudantes internacionais .....	74
4.2 Associações juvenis em Lisboa: estratégias, desafios e contributos para a integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau .....	80
4.2.1 A Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia (AEISA) .....	81
4.2.2 O Núcleo de Estudos Africanos e Lusófonos (NEAL-NOVA) .....	85
4.2.3 A União dos Estudantes Cabo-verdianos de Lisboa (UECL).....	91
4.2.4 A Associação de Estudantes da Guiné-Bissau em Lisboa (AEGBL).....	97
4.2.5 A Erasmus Student Network Lisboa (ESN Lisboa) .....	102
4.3 Uma reflexão de conjunto sobre o papel das associações juvenis: um trabalho importante, mas incompleto? .....	106
<b>5. PROPOSTA DE ESBOÇO DE GUIA ORIENTADOR PARA A ESTRUTURAÇÃO E AÇÃO DE ASSOCIAÇÕES JUVENIS ORIENTADAS PARA ESTUDANTES INTERNACIONAIS DE ENSINO SUPERIOR .....</b>	<b>122</b>
<b>6. CONCLUSÕES .....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>141</b>
Anexo 1: Ficha de caracterização de associações juvenis com impacto na integração de estudantes internacionais na região de Lisboa .....	141

Anexo 2: Guião de entrevista semiestruturada conduzida a estudantes internacionais em mobilidade de grau em Lisboa .....	150
Anexo 3: Guião de entrevista semiestruturada conduzida a representantes das associações juvenis, de estudantes e núcleos de estudantes a operar em Lisboa ...	155
Anexo 4: Caracterização sociodemográfica dos estudantes internacionais em mobilidade de grau alvo de entrevistas semiestruturadas no âmbito do capítulo 3 ...	160
Anexo 5: Organizações mencionadas pelos estudantes internacionais em mobilidade de grau alvo de entrevistas semiestruturadas no âmbito do capítulo 3 em resposta à pergunta “Conhece alguma associação juvenil ou núcleo de estudantes?” .....	162



## **Lista de siglas e acrónimos**

AAF DL – Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa

AAUL – Associação Académica da Universidade de Lisboa

ACM – Alto Comissariado para as Migrações

ACV – Associação Caboverdeana

AE – Associação de Estudantes

AEAPortugal – Associação de Estudantes Angolanos em Portugal

AEFCL – Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa

AEFCSH-NOVA – Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

AEFCT – Associação de Estudantes da Nova FCT

AEFDUNL – Associação de Estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa (NOVA Law SU)

AEFFUL – Associação dos Estudantes da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa

AEFPIE-UL – Associação de Estudantes da Faculdade de Psicologia e do Instituto da Educação da Universidade de Lisboa

AEGBL – Associação de Estudantes da Guiné-Bissau em Lisboa

AEIGOT – Associação de Estudantes do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

AEISA – Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia

AEISCSP – Associação de Estudantes do ISCSP-ULisboa)

AEISEG – Associação de Estudantes do ISEG

AEIST – Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico

AEs – Associações de Estudantes

AEUE – Associação de Estudantes da Universidade Europeia

AIMA – Agência para a Integração, Migrações e Asilo

AISBL – *Association Internationale Sans But Lucratif* [Associação Internacional Sem Fins Lucrativos]

AMP – Associação Maense em Portugal

APEF – Associação Portuguesa de Estudantes Florestais

BET – Bring Entrepreneurs Together (Universidade Católica Portuguesa)

Brexit – *British + exit* [Saída do Reino Unido da União Europeia]

CCCV – Centro Cultural de Cabo Verde

CE – Comissão Europeia

CEI – Casa dos Estudantes do Império

Covid-19 – Pandemia da doença do coronavírus SARS-CoV-2 de 2019

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

CRUP – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas

DGEEC – Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

DGES – Direção-Geral de Ensino Superior

ECTS – Sistema Europeu de Transferência e Acumulação de Créditos

EEES – Espaço Europeu de Ensino Superior

EI – Estudante internacional

EIs – Estudantes internacionais

ENDA – Encontro Nacional de Direções Associativas

Erasmus – *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students* [Plano de Ação da Comunidade Europeia para a Mobilidade de Estudantes Universitários]

ESN – Erasmus Student Network

EU – União Europeia

EUA – Estados Unidos da América

FAL – Federação Académica de Lisboa

FNAJ – Federação Nacional de Associações Juvenis

GMAT – *Graduate Management Admission Test* [Exame de Admissão para Graduados em Administração]

GRI – Gabinete de Relações Internacionais

IES – Instituições de Ensino Superior

IGOT-ULisboa – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude

ISA – Instituto Superior de Agronomia

ISCSP-ULisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

IST – Instituto Superior Técnico

JUPLP – Juventude Unida dos Países de Língua Portuguesa

LGBTQIA+ – Lésbicas, *gays*, bissexuais, transgénero, *queer*, intersexo, assexuais e outras identidades de género e orientações sexuais

MP – Mocidade Portuguesa

NAISA – Núcleo de Ambiente do ISA

NEA - FCT/UNL – Núcleo de Estudantes Africanos (Nova FCT)

NEAISA – Núcleo de Estudantes Africanos do ISA

NEAISCSP – Núcleo de Estudantes Africanos do ISCSP-ULisboa

NEAIST – Núcleo de Estudantes Africanos do IST

NEAL-NOVA – Núcleo de Estudos Africanos e Lusófonos

NEB – Núcleo de Estudantes Brasileiros do ISCSP-ULisboa

NERI – Núcleo de Estudantes de Relações Internacionais (ISCSP-ULisboa)

NIF – Número de Identificação Fiscal

NISS – Número de Identificação da Segurança Social

NOVA – Universidade Nova de Lisboa

NOVA FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

NOVA FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

NOVA SBE – NOVA School of Business and Economics

NOVA SU – NOVA Students' Union

NUTS – Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OE – Orçamento do Estado

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PE – Parlamento Europeu

RAIDES – Inquérito ao Registo de Alunos Inscritos e Diplomados do Ensino Superior

RNAJ – Registo Nacional do Associativismo Juvenil

SARS-CoV-2 – Coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

SU – *Students' Union*

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UE – União Europeia

UECL – União dos Estudantes Cabo-Verdianos de Lisboa

UL – Universidade de Lisboa

ULisboa – Universidade de Lisboa



## Índice de figuras

<b>Figura 1:</b> O conceito de internacionalização do ensino superior, adaptado de Knight (2021). Autoria própria.....	12
<b>Figura 2:</b> Evolução do número de estudantes inscritos em mobilidade de grau em IES portuguesas entre os anos letivos de 2016/2017 e 2023/2024. Fonte: DGEEC (2024). .....	20
<b>Figura 3:</b> Evolução do número de estudantes inscritos em mobilidade de crédito em IES portuguesas entre os anos letivos de 2016/2017 e 2023/2024. Fonte: DGEEC (2024). .....	23
<b>Figura 4:</b> N.º total de inscritos em situação de mobilidade de grau por país de conclusão do ensino secundário - 2023/2024 (resultados do 1.º momento do inquérito RAIDES). Fonte: DGEEC (2024). .....	42
<b>Figura 5:</b> Evolução do número de estudantes internacionais inscritos entre os anos letivos 2013/2014 e 2023/2024. Fonte: DGEEC (2024). .....	44
<b>Figura 6:</b> “Survival Guide” da ESN Portugal. Fonte: Website da ESN Portugal. ....	76
<b>Figura 7:</b> Guia “Orientações Lusófonas” da ESN Portugal. Fonte: Website da ESN Portugal.....	77
<b>Figura 8:</b> Calendário de atividades da ESN Lisboa do mês de setembro de 2024. Fonte: Instagram da ESN Lisboa. ....	78



## Índice de quadros

<b>Quadro 1:</b> As três ondas de evolução da mobilidade internacional de estudantes. ....	24
<b>Quadro 2:</b> 4. <sup>a</sup> onda de mobilidade internacional de estudantes.....	25
<b>Quadro 3:</b> Alguns exemplos de movimentos estudantis com resultados políticos. ....	32
<b>Quadro 4:</b> As modalidades do associativismo juvenil.....	36
<b>Quadro 5:</b> Associações juvenis, registadas no RNAJ, direcionadas a estudantes internacionais a operar no concelho de Lisboa e respetivas missões ou objetivos .....	38
<b>Quadro 6:</b> Caracterização da amostra de entrevistas semiestruturadas a estudantes internacionais em mobilidade de grau por nome, país de origem e idade (N=18). .....	47
<b>Quadro 7:</b> Relação numérica do número de entrevistados por país de origem. ....	47
<b>Quadro 8:</b> Relação numérica do número de entrevistados por concelho de residência. ....	48
<b>Quadro 9:</b> Relação numérica do número de entrevistados por estabelecimento de ensino. ....	48
<b>Quadro 10:</b> Relação numérica do número de entrevistados por ciclo de estudos. ....	48
<b>Quadro 11:</b> Motivações para a realização de mobilidade internacional de estudos....	49
<b>Quadro 12:</b> Opiniões face ao grau de facilidade de obtenção de um diploma académico. ....	52
<b>Quadro 13:</b> Barreiras ao processo de aprendizagem.....	53
<b>Quadro 14:</b> Dificuldades vivenciadas na instalação e na vida diária em Lisboa. ....	56
<b>Quadro 15:</b> Experiências e perceções de discriminação em diferentes domínios. ....	59
<b>Quadro 16:</b> Dificuldades na obtenção de autorização de residência.....	63
<b>Quadro 17:</b> Viagens de ida ao país de origem: realização e frequência. ....	65
<b>Quadro 18:</b> Respostas à questão “Tem muitas saudades de ‘casa’?” distribuídas por região de origem.....	66

<b>Quadro 19:</b> Aspetos do país de origem de que mais sente falta.....	67
<b>Quadro 20:</b> Intenções sobre mobilidade futura.....	68
<b>Quadro 21:</b> Conhecimento de (e interação com) associações por parte dos estudantes, segundo o tipo.....	70
<b>Quadro 22:</b> Tipo de atividades procuradas pelos estudantes entrevistados. ....	71
<b>Quadro 23:</b> Síntese da avaliação das atividades das associações. ....	71
<b>Quadro 24:</b> Motivação para integrarem uma associação.....	73
<b>Quadro 25:</b> Dados de caracterização da AEISA.....	81
<b>Quadro 26:</b> Dados de caracterização do NEAL-NOVA. ....	85
<b>Quadro 27:</b> Dados de caracterização da UECL.....	92
<b>Quadro 28:</b> Dados de caracterização da UECL. ....	97
<b>Quadro 29:</b> Dados de caracterização da ESN Lisboa.....	102
<b>Quadro 30:</b> Quadro-síntese de esquematização das principais dificuldades dos estudantes internacionais entrevistados, das principais atividades das associações juvenis em estudo e dos principais constrangimentos à sua atividade.....	120
<b>Quadro 31:</b> Sugestões para a constituição da associação e burocracia adjacente, no âmbito do Guia Orientador para a estruturação e ação de associações juvenis orientadas para estudantes internacionais de ensino superior proposto na dissertação. ....	123
<b>Quadro 32:</b> Sugestões para a estratégia de <i>advocacy</i> , no âmbito do Guia Orientador para a estruturação e ação de associações juvenis orientadas para estudantes internacionais de ensino superior proposto na dissertação. ....	124
<b>Quadro 33:</b> Sugestões para a estratégia de comunicação/divulgação, no âmbito do Guia Orientador para a estruturação e ação de associações juvenis orientadas para estudantes internacionais de ensino superior proposto na dissertação. ....	124
<b>Quadro 34:</b> Sugestões de medidas e atividades de integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau, no âmbito do Guia Orientador para a estruturação	

e ação de associações juvenis orientadas para estudantes internacionais de ensino superior proposto na dissertação.....	126
---	-----





## 1. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O rápido crescimento dos processos de internacionalização tem desencadeado importantes mudanças nos sistemas do ensino superior português nos últimos anos. A cada vez maior estratégia de mercado das instituições de ensino superior (IES), motivada pelo subfinanciamento deste setor por parte do Estado português e pela lógica de competição internacional inserida no âmbito da globalização (Cabrito, Cerdeira e Mucharreira, 2023), potenciou a internacionalização dos currículos e a atração de um cada vez maior número de estudantes internacionais em programas de mobilidade de crédito e de grau.

Segundo dados da DGEEC, estavam inscritos em IES portuguesas, no ano letivo 2023/2024, 52 795 indivíduos de nacionalidade estrangeira em mobilidade de grau, o que corresponde a 12,26% do total de inscritos, com uma tendência clara de crescimento anual. Este crescimento acarreta a necessidade de integrar estes estudantes internacionais nas IES em que se inserem, assim como num novo país e numa nova cidade, não parecendo haver uma estratégia clara para tal. Para esse fim, várias estruturas do Terceiro Setor, nomeadamente associações juvenis e de estudantes, têm vindo a tentar colmatar essas falhas, organizando iniciativas de integração destes estudantes.

De acordo com dados do Registo Nacional do Associativismo Jovem (RNAJ), estavam registadas, no ano de 2022, 1023 entidades em Portugal, sendo 113 destas só no concelho de Lisboa. Esta lista engloba não apenas associações juvenis, mas também associações partidárias e sindicais e associações de guias e escuteiros, pelo que importa restringir às associações de estudantes e às associações juvenis, nas suas diversas variantes. Quando se fala, então, de associações de estudantes, 34 das 119 encontram-se em Lisboa; de associações juvenis, são 68 de 832; 2 das 3 associações juvenis socioprofissionais encontram-se em Lisboa; 1 dos onze grupos informais de jovens está neste concelho; relativamente às federações, as de associações de estudantes são 6 de 14, e as de associações juvenis estão apenas noutros locais do país (Registo Nacional do Associativismo Jovem, 2022).

O associativismo juvenil pode desempenhar um grande papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na medida em que é frequente observar o exercício de *advocacy* por parte de associações e dirigentes associativos junto dos órgãos de poder. Estas associações de jovens e de estudantes focam-se em fornecer aos estudantes internacionais uma melhor experiência nos seus períodos de mobilidade

internacional, através de iniciativas culturais, sociais, recreativas e até de mentoria que possam proporcionar uma maior integração tanto a nível académico como a nível quotidiano nas cidades que os acolhem, algo que frequentemente não é realizado pelas instituições de ensino superior (IES), por uma variedade de fatores que merecem análise.

O já referido crescente número de estudantes, assim como o peso que exercem no total do país, leva à grande pertinência do estudo da integração dos e das estudantes internacionais em Portugal e, sendo Lisboa o concelho do país com mais IES e estudantes, o foco da análise neste município é fulcral. Será também necessário analisar o processo de internacionalização do ensino superior português, que leva a que um crescente número de estudantes de países terceiros e da União Europeia procurem as IES portuguesas para realizarem os seus ciclos de estudos.

A presente dissertação propõe verificar qual o papel desempenhado pelo associativismo juvenil na integração de estudantes internacionais – considerando estudantes europeus e oriundos de países terceiros - na cidade de Lisboa, analisando as estratégias que adota, os contributos que oferece e os desafios que enfrenta, um tema pouco explorado na literatura em Portugal. Procurar-se-á contribuir para colmatar essa falha através da análise de dados estatísticos mais recentes recolhidos em instituições como a Direção Geral de Estatísticas do Ensino Superior, bibliografia de relevo nas áreas do associativismo, da integração ou da internacionalização do ensino superior, e a condução de entrevistas semiestruturadas com estudantes internacionais e com os dirigentes associativos.

Foi, então, elaborada a seguinte pergunta de partida: “Que estratégias têm e que desafios enfrentam as associações juvenis na integração dos estudantes internacionais em situação de mobilidade de grau em Lisboa?”.

Esta questão base formulada pela dissertação sustenta um conjunto de objetivos de investigação específicos que podem ser sintetizados da seguinte forma:

- 1) Explorar as publicações mais recentes relativamente ao associativismo juvenil e ao fenómeno da integração, com destaque para os estudantes internacionais, de forma a estabelecer o quadro conceitual e as bases para a fundamentação e a estrutura da análise empírica a adotar.

- 2) Analisar o universo das associações para compreender as suas atividades e o modo como se relacionam entre si e com os e as estudantes internacionais em Lisboa.
- 3) Questionar as estratégias, contributos e desafios das associações juvenis para a integração dos estudantes internacionais em mobilidade de grau.
- 4) Analisar de que forma diferem as dificuldades e respostas dadas para os estudantes internacionais do Sul Global (com especial enfoque na CPLP) e do Norte Global (com destaque para a UE).
- 5) Confrontar as diferentes estratégias utilizadas pelas diversas associações, de forma a permitir uma procura de soluções para as problemáticas.
- 6) Sugerir um plano de ação para a atividade destas associações, com o objetivo de colmatar as falhas que possam existir no acompanhamento e integração a estudantes internacionais em Lisboa.

### **1.1 Estrutura da dissertação**

De forma a cumprirmos os objetivos que pretendemos atingir com esta investigação, apresentados no final do último subcapítulo, propomos uma estrutura que permita uma exposição clara e coesa da temática em análise. Para este fim, subdividimos esta dissertação em seis capítulos:

- o primeiro respeita à introdução da temática, à estrutura da dissertação e à metodologia adotada;
- o segundo destina-se ao enquadramento teórico, dissecando alguma da bibliografia respeitante aos temas da internacionalização do ensino superior, do conceito de estudante internacional e das suas modalidades de mobilidade, da integração de migrantes ao nível europeu e de Portugal e de estudantes internacionais e, por fim, do associativismo juvenil em Portugal e em Lisboa;
- no terceiro capítulo, considerámos vantajoso traçar um perfil dos estudantes internacionais em Portugal e na área de Lisboa, complementando os dados estatísticos da DGEEC com a realização de entrevistas semiestruturadas que permitissem obter testemunhos acerca das experiências de integração e de

contacto com associações juvenis de estudantes do Norte Global e do Sul Global, comparando-os quando possível;

- no quarto capítulo, realizámos uma observação empírica de algumas das associações juvenis e estudantis da área de Lisboa que realizam atividades e projetos de integração de estudantes internacionais, adicionando à informação disponível na internet a informação recolhida através de entrevistas semiestruturadas aos dirigentes associativos com o intuito de conhecer as suas estratégias de integração dos estudantes; no final do capítulo, efetuámos a discussão dos resultados dessa componente da investigação;
- o quinto capítulo foi destinado à delineação de um plano de ação orientador para associações juvenis, que pode ser entendido como as recomendações resultantes dos dados recolhidos;
- no sexto capítulo, encontram-se as principais conclusões desta dissertação.

## **1.2 Metodologia**

No presente estudo, foi adotada uma metodologia mista, resultado de uma combinação de dados quantitativos, observados brevemente em alguns momentos, com dados qualitativos, maioritários na exploração da problemática. Esta metodologia permitiu-nos responder à questão de investigação de forma mais completa, uma vez que a complementaridade dos métodos auxilia no preenchimento de lacunas que a utilização de apenas um método poderia originar (Elwood, 2010). De facto, alguns estudos recentes procuraram estudar a integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau provenientes dos PALOP em instituições de ensino superior portuguesas, como os trabalhos académicos de Elisa Alves ou Thaís França; no entanto, verifica-se, no seio da produção bibliográfica portuguesa, a ausência de estudos que relacionem o tecido associativo jovem português com o seu impacto na comunidade estudantil internacional, particularmente em Lisboa, e sobretudo numa lógica de comparação entre estratégias adotadas para as comunidades do Norte e do Sul Global. Além disso, a presente investigação propõe-se, ainda, a adotar uma perspetiva crítica em relação ao fenómeno da internacionalização do ensino superior em Portugal, relativamente ao seu impacto nas instituições de ensino superior (IES) e nas associações de estudantes e de jovens.

Após uma breve introdução à problemática em análise, formulámos a questão de partida orientadora e os respetivos objetivos a alcançar ao longo da dissertação, permitindo, assim, elaborar uma estrutura que torne coerente a abordagem ao tema.

De forma a adquirir o conhecimento necessário acerca dos vários fenómenos que orbitam a problemática em estudo, realizou-se, inicialmente, uma investigação documental ancorada pela bibliografia disponível em repositórios e periódicos científicos. Tal investigação permitiu-nos compreender vários aspetos: a forma como estes fenómenos coexistem no tempo e no espaço e se interligam e complementam entre si; o que tem vindo a ser estudado ao longo do tempo em investigações semelhantes e os métodos de investigação nelas adotados; e, por fim, as lacunas existentes neste campo de estudo, algo para cujo preenchimento a presente investigação ambiciona contribuir.

O último ponto do enquadramento do trabalho, relativo ao associativismo juvenil em Lisboa, foi o primeiro momento da dissertação que adicionou a componente quantitativa à investigação. Após solicitação ao IPDJ da listagem das associações inscritas no RNAJ em 2024, que nos permitiu começar a definir a amostra, decidimos fazer o levantamento de todas as associações de estudantes do ensino superior e das associações juvenis de Lisboa que operam especificamente para estudantes internacionais que se encontram a estudar na cidade e sua envolvente. Ainda que a investigação se concentre primariamente no concelho de Lisboa, considerámos necessário incluir algumas associações de estudantes presentes em concelhos limítrofes, situados na Área Metropolitana de Lisboa. Esta escolha prendeu-se com o facto de, atualmente, importantes campi universitários se encontrarem localizados fora do concelho – como, por exemplo, a NOVA School of Science and Technology (anteriormente designada Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa, ou NOVA FCT), no Monte da Caparica, concelho de Almada, distrito de Setúbal, e a NOVA School of Business and Economics (NOVA SBE, anteriormente designada Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa), em Carcavelos, concelho de Cascais, distrito de Lisboa. Em termos práticos, filtrámos o ficheiro fornecido com base no critério de distrito – Lisboa – e realizámos uma procura exaustiva de associações juvenis com âmbito de integração de estudantes internacionais, assim como associações de estudantes de instituições de ensino superior – universitárias e politécnicas, públicas e privadas. Obtida essa amostra, averiguámos, através dos seus websites, as associações de estudantes que dispunham de núcleos autónomos orientados para a integração de estudantes ou, dentro da sua composição orgânica,

departamentos específicos para a dinamização da mobilidade internacional *incoming*. No entanto, rapidamente nos deparámos com o primeiro obstáculo a esta estratégia: muitas associações parecem ter abandonado os seus sítios web nos últimos anos, dando agora primazia a redes sociais como o Instagram, provavelmente para reduzir os seus custos orçamentais; ainda que não tenham, efetivamente, abandonado os seus *websites*, as instituições de ensino superior parecem, também, ter vindo a adotar uma maior presença nas redes sociais, de forma a aproximarem-se mais dos seus utilizadores e *stakeholders*, como verificaram Sörensen et al. (2023). Tal facto afigurou-se um problema, nomeadamente a consequente falta de informação acerca da atividade das associações, da composição dos seus órgãos sociais e dos seus projetos. Ainda assim, algumas dispõem de plataformas como o Linktree, nas quais partilham os seus eventos e outras informações. O Linktree é uma plataforma que permite aglomerar, numa página personalizável, várias hiperligações para outras plataformas ou redes sociais da organização ou pessoa, bastando colocar essa hiperligação na biografia da sua página de Instagram ou partilhá-la com o seu público-alvo (What Is Linktree? | Linktree Help Center, s.d.).

De forma a contornar este obstáculo, determinámos a realização de um passo preliminar que pudesse afunilar a amostra, por um lado, excluindo as associações que não tenham qualquer contacto com estudantes internacionais (no caso de, por exemplo, se tratar de uma associação de estudantes inserida numa IES que não tenha estudantes internacionais) e, por outro, obter informações prévias relevantes que nos permitissem saber mais acerca da associação, assim como determinar as que seriam alvo de entrevistas semiestruturadas. Foi, por esse motivo, elaborada uma ficha de caracterização exploratória em formulário online e enviada, através de correio eletrónico, às associações juvenis e de estudantes (Anexo 1). Este mecanismo revelou-se, no entanto, ineficaz. Lamentavelmente, de um universo de cerca de sessenta associações e núcleos contactados via *e-mail*, obtivemos seis respostas à ficha de caracterização, dos quais apenas quatro se enquadravam no estudo, e tendo uma recusado a entrevista. A quinta associação entrevistada foi, por sua vez, encontrada e contactada através do Facebook. Ainda assim, algumas das respostas permitiram-nos traçar um perfil das associações a entrevistar e adaptar questões da posterior entrevista semiestruturada à realidade dessas organizações.

No terceiro capítulo, dedicado à “procura pelos serviços”, isto é, aos estudantes internacionais, consultámos os dados estatísticos da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) do Ensino Superior referentes aos inscritos em

mobilidade internacional de grau, com particular enfoque nos dados disponíveis para o ano letivo 2023/2024, o mais atual, analisando a sua evolução desde o ano letivo 2013/2014, o ano mais antigo com dados disponíveis. Através dessa informação, foi-nos possível construir infografia relevante para compreender o universo de estudantes internacionais em mobilidade de grau que procuram Portugal para realizar um ciclo de estudos no ensino superior português. A partir daí, decidimos concentrar-nos no universo de estudantes de 1.º e 2.º ciclos, licenciatura e mestrado, respetivamente, excluindo os de doutoramento (3.º ciclo) por acreditarmos que se trata de um grupo que, na sua génese, é mais reduzido, composto por uma faixa etária mais elevada e, em grande parte, usufruidor de bolsas de estudo mais elevadas que proporcionam uma experiência diferente.

Considerámos vantajoso para a investigação conduzir entrevistas semiestruturadas com estudantes internacionais de algumas das principais nacionalidades presentes nas estatísticas do ensino superior. Como aponta McDowell (2010), a entrevista é um método útil num estudo de caso, pois permite-nos analisar um fenómeno em profundidade, examinar relações humanas e compreender ao máximo os comportamentos adotados por pessoas ou grupos de pessoas, em contraposição com métodos quantitativos. Através dos dados estatísticos já referidos anteriormente, não nos seria possível obter quaisquer opiniões ou testemunhos desses estudantes internacionais que nos permitissem averiguar de que modo se dá a sua integração – e comparar as diferentes experiências com base em fatores como nacionalidade, língua ou género –, e a forma como se relacionam – ou não, e o porquê em ambos os casos – com associações de estudantes e de jovens.

Visto que a conjuntura socioeconómica dos estudantes e o quadro político do país têm vindo a sofrer avanços e recuos ao longo do tempo, uma vez que, apesar de Portugal ser um Estado-membro da União Europeia, as competências da UE nas políticas sociais são limitadas e dependem dos governos nacionais (Direção-Geral da Comunicação - Parlamento Europeu, 2024), considerámos importante atualizar, com este capítulo, a bibliografia sobre as experiências dos estudantes internacionais em Lisboa. Então, para complementar cronologicamente importantes estudos como Albuquerque (2008), Alves (2015) e Alves (2021), elaborámos um guião de entrevista semiestruturada (Anexo 2) que inclui, em primeiro lugar, um conjunto de questões de caracterização socioeconómicas acerca da pessoa entrevistada e, depois, questões de resposta aberta que nos permitem compreender, por um lado, os desafios enfrentados

por estes estudantes e, por outro, a sua relação com associações juvenis, para começar a desvendar a priori uma possível interação entre si, ou a ausência desta.

Partindo do princípio de que não seria, em tempo útil, possível construir uma amostra verdadeiramente representativa do universo de estudantes internacionais em mobilidade de grau na região de Lisboa no âmbito desta dissertação, foi construída uma amostra de natureza intencional e não representativa, sendo selecionada com o propósito de identificar problemas e compreender os seus motivos, assim como recolher informações detalhadas sobre práticas e atitudes dos participantes. Apesar de não seguir critérios de representatividade estatística, foi intencionalmente segmentada para garantir a diversidade dos participantes. Esta segmentação teve em conta as diferenças regionais, nomeadamente entre participantes oriundos do Norte global (com destaque para os países ocidentais da União Europeia) e do Sul global (nomeadamente no seio dos países da CPLP, nomeadamente o Brasil e alguns PALOP), cujas experiências e dificuldades de integração e de relação com o tecido associativo juvenil se manifestam de forma distinta. Adicionalmente, foram consideradas outras variáveis relevantes na realização das questões, como a nacionalidade, a língua e o género, de modo a captar as múltiplas nuances que influenciam a relação dos jovens com as associações.

Efetuámos, assim, entrevistas com 18 estudantes, sendo seis oriundos do Brasil, sete dos PALOP (um da Guiné-Bissau, três de Cabo Verde, dois de Moçambique, um de Angola), e cinco de países ocidentais da União Europeia (dois de França, um da Itália, um de Espanha e um da Bélgica), cujos contactos foram obtidos através do método de bola de neve, no qual os participantes iniciais indicam outros participantes, que por sua vez recomendam outros, sendo utilizado até atingirmos uma amostra com o tamanho pretendido (Paiva, 2024). No caso desta dissertação, este método permitiu-nos ter em estudo um número de entrevistados sensivelmente equilibrado entre as três regiões de origem dos estudantes, parando-se a aplicação quando as respostas obtidas começavam a revelar redundância.

Posteriormente à recolha de dados junto de estudantes internacionais em mobilidade de grau, coube-nos a tarefa de entrevistar os atores-chave do nosso estudo: as associações juvenis e de estudantes de ensino superior, representadas pelos seus dirigentes associativos. O principal objetivo destas entrevistas seria averiguar, de entre as associações que desenvolvem atividades em prol de estudantes internacionais, quais as estratégias que utilizam para promover uma maior integração desse grupo, assim como os desafios que enfrentam e aquilo que consideram necessário e possível para uma melhoria dos seus contributos. Foi elaborado, para isso, um guião de entrevista

semiestruturada (Anexo 3), que visou explorar mais a fundo alguns dos aspetos identificados pelas associações nas fichas de caracterização preenchidas na etapa exploratória. Todas estas informações recolhidas e complementadas com a bibliografia existente sobre esta temática serão analisadas no capítulo quatro.

Para assegurar a integridade ética destes passos metodológicos, desde a recolha de dados ao seu tratamento, foi elaborado um termo de consentimento cuja aceitação por parte dos entrevistados foi obrigatória para a prossecução das entrevistas. Ademais, para garantir o cumprimento dos trâmites legais, assim como os respeitantes e às normas do IGOT-ULisboa, obtivemos a apreciação e aprovação deste passo metodológico através de parecer favorável por parte da Comissão de Ética da supramencionada instituição de ensino. Neste campo, importa, ainda, mencionar que o autor desta dissertação fez parte da Associação ESN Lisboa durante alguns anos – uma das associações alvo de entrevistas –, sendo que, apesar de uma possível posição privilegiada de *insider*, é necessário adotar uma postura imparcial de análise ao trabalho da organização.

## **2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **2.1 A internacionalização do ensino superior**

A internacionalização do ensino superior é, tal como muitos outros conceitos utilizados na análise de processos sociais e políticos, alvo de diversas tentativas de concetualização por vários autores e autoras. Aqueles que merecerão maior destaque neste capítulo serão Jane Knight, pelo seu pragmatismo e objetividade na concetualização, e Wit et al., pela adaptação do conceito da primeira autora ao panorama europeu.

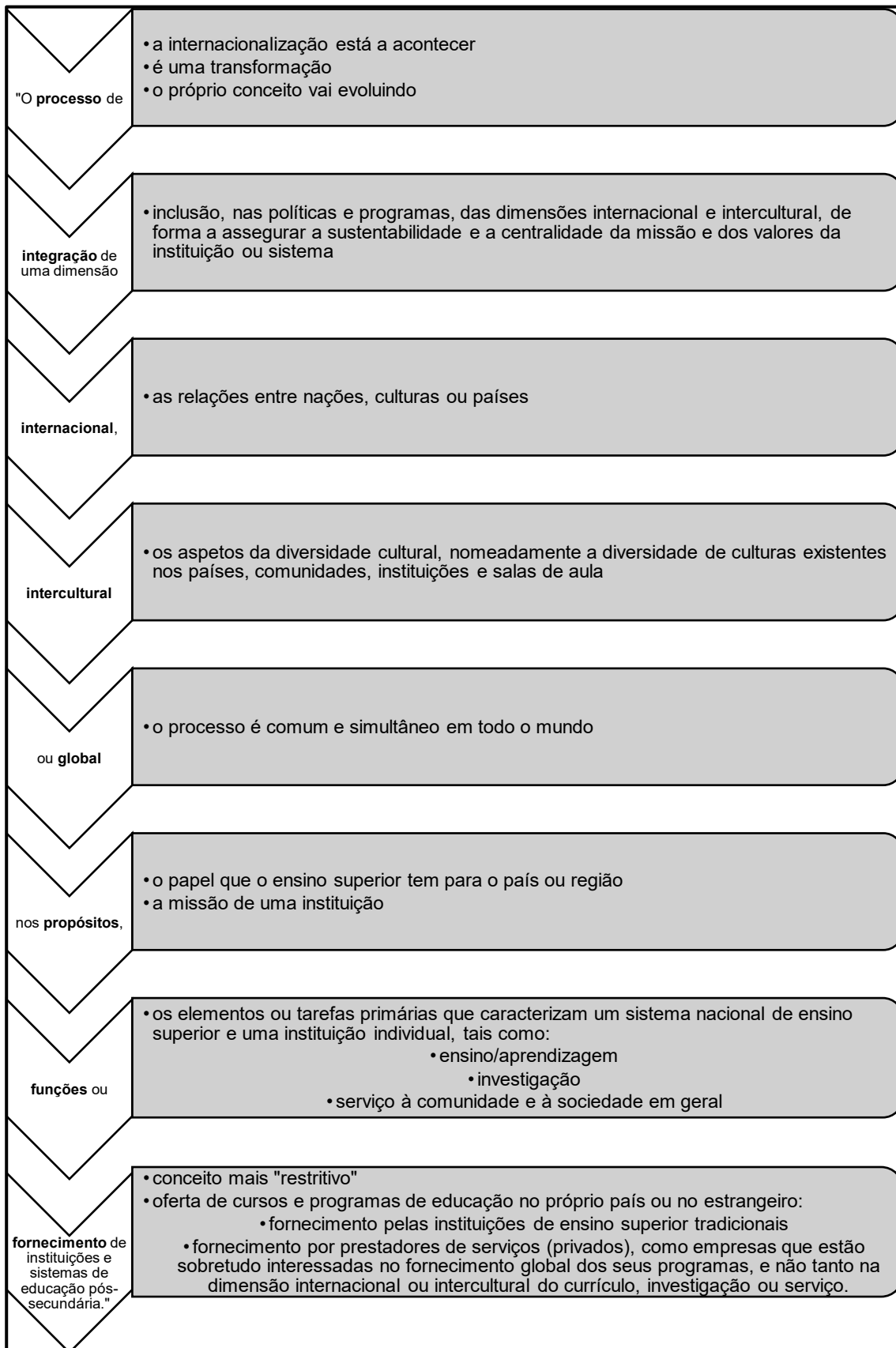
A internacionalização do ensino superior é um processo que se observa desde a Idade Média e da mobilidade entre universidades europeias, não ocorrendo apenas desde a fase tardia da globalização em que nos encontramos, que remete para a afirmação e significativo incremento das Tecnologias de Informação e Comunicação. Por esse motivo, sempre que, na História, se encontram processos de globalização – um fenómeno económico e cultural amplo, à escala planetária, que implica uma crescente interdependência mundial –, é possível identificar, também, processos de internacionalização do ensino superior, constituindo estes uma resposta das instituições de ensino à globalização – através de estratégias deliberadas como a mobilidade internacional, a cooperação científica e a criação de currículos internacionais –, e um motor de globalização eles mesmos (Wit et al, 2015; Cachapuz, 2020).

O contributo de Knight (2021) para a teorização acerca da internacionalização do ensino superior é incontornável e, por isso, é fulcral analisar o conceito à luz desta autora. Ela constata que, efetivamente, não é consensual o significado do conceito, variando consoante determinados grupos de pessoas ou entidades. Knight (2021) afirma, então, que se pode tratar de:

1. um conjunto de atividades internacionais como a mobilidade académica de estudantes e docentes, conexões, parcerias e projetos internacionais e novos programas académicos e iniciativas de investigação internacionais;
2. os esforços para levar a educação superior a outros países por via técnicas presenciais e à distância;
3. a inclusão das dimensões internacional, intercultural ou global, tanto no currículo como no processo de ensino e aprendizagem;

4. um incremento da preponderância da componente comercial da educação transfronteiriça;
5. a aprendizagem colaborativa internacional online através de salas de aula virtuais e estágios.

Não obstante a referência a todas estas dimensões, propõe uma definição sintética que é amplamente difundida (e, frequentemente, adaptada) na literatura sobre a temática, defendendo que a internacionalização do Ensino Superior corresponde ao “processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções ou fornecimento de instituições e sistemas de educação pós-secundária” (Knight, 2004, p. 11). Posteriormente, a autora explica as seis componentes do conceito: as dimensões internacional, intercultural e global, e os propósitos, as funções e o fornecimento, cuja esquematização propomos na Figura 1.



**Figura 1:** O conceito de internacionalização do ensino superior, adaptado de Knight (2021).

Autoria própria.

Knight (2021) considera que a teorização da internacionalização necessita de ser suficientemente genérica para ser aplicada aos diferentes contextos de países, culturas e sistemas educacionais. Defende, de igual forma, que não deve ser normativa nem descritiva pois, ainda que isso aumente a atratividade do conceito, limita a sua neutralidade e universalidade; ademais, deve evitar-se que se torne um conceito “*catch-all*” que englobe tudo o que for relacionado ao ensino superior. É por este motivo que tece uma crítica a vários autores e autoras, não querendo, porventura, abrir mão de uma concetualização por si criada que se distingue pela sua objetividade. Recupera-se, por essa razão, a definição concebida por Wit et al. (2015), merecendo a crítica de Knight (2021), ao adaptar e adicionar à sua definição as noções de “intencionalmente” e de “resultados”, conceitos considerados por si normativos, apesar de bem-intencionados. Bem-intencionados, pois, efetivamente, a intenção dos autores com esta adaptação do conceito é a de promover a inclusão e combater o elitismo da internacionalização, ao transferir o foco da mobilidade para o currículo e resultados da aprendizagem; além disso, consideram que não se trata de um fim, mas de um meio para aumentar a qualidade do ensino, não se devendo focar apenas em lógicas económicas (Wit et al., 2015).

Para a autora, no que toca a atores, a sua definição restringe-se intencionalmente aos níveis institucionais e nacionais do ensino superior, deixando de fora os níveis individuais e regionais. Contudo, não só não ignora que os atores individuais como estudantes ou investigadores estão envolvidos e são impactados, como enfatiza que são os “promotores, implementadores, participantes, alvos, beneficiários e alguns podem considerar-se vítimas” do processo – mas, mais uma vez, ao incluí-los na definição estaria, novamente, a limitar o âmbito e a abandonar a universalidade e objetividade (Knight, 2021, p. 72).

Outro aspeto que importa explorar quando se analisa o processo de internacionalização de ensino superior é a necessidade de separar em dois conceitos: “*at-home*” e “*crossborder*” que, na presente dissertação, serão traduzidos para “doméstica” e “transnacional”, respetivamente. Ainda que ocorra essa separação, ambos os fenómenos estão interligados e interdependentes, já que a ocorrência de um tem efeitos diretos ou indiretos no outro (Knight, 2021).

O conceito de internacionalização do ensino superior não se restringe, portanto, à prática da mobilidade internacional, podendo, e devendo, abranger a própria internacionalização que ocorre *at-home*, isto é, dentro dos limites da instituição. Como defende Sousa et al. (2019, p. 33), não existe uma obrigatoriedade no envolvimento dos

estudantes, docentes ou investigadores em programas de mobilidade internacional, isto é, não se trata de um requisito para a frequência de ciclos de estudo ou para a docência; a internacionalização é um processo que ocorre de forma simultânea, mas não necessariamente uniforme, dentro dos campi universitários, visando “a criação de uma cultura ou clima que promova ou apoie a compreensão internacional ou intercultural”.

Demonstrado por Wit et al. (2015), a internacionalização doméstica é uma estratégia que surgiu na Europa em 1999 através do movimento “*Internationalisation at Home*”, com o objetivo de mudar o paradigma de grande foco na mobilidade internacional, sobretudo através do programa Erasmus, que abrangia apenas dez por cento dos estudantes, deixando de fora a restante fatia. Como tal, por ser um processo que está fortemente ligado à mobilidade transfronteiriça dos diversos atores – que, por defeito, já é por si só desequilibrado e deficitário –, o conceito da internacionalização doméstica surge como tentativa de contrabalançar os dois panoramas, por meio de estratégias como a integração das dimensões intercultural e internacional no processo de ensino e aprendizagem, na investigação, nas atividades extracurriculares e nas relações com as comunidades culturais e étnicas locais, assim como a integração de estudantes e docentes estrangeiros dentro dos próprios campi (Knight, 2021). Ainda que consideremos importante mencionar o fenómeno como uma resposta europeia às tendências da internacionalização do ensino superior, a presente investigação não se debruça sobre a internacionalização doméstica, mas admite o seu contributo para a teorização da problemática.

De forma a chegar a um consenso o mais abrangente possível, tentaram, através de um painel Delphi, os autores do estudo para o Parlamento Europeu “*Internationalisation of higher education*” elaborar o seguinte conceito: “O processo intencional de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e fornecimento de instituições e sistemas de educação pós-secundária, com o propósito de melhorar a qualidade do ensino e investigação para todos os estudantes e académicos, e dar um contributo significativo para a sociedade.” (Wit et al., 2015, p. 29). Apesar de compreendermos a preocupação de Jane Knight na manutenção da abrangência do conceito original, acreditamos na importância de aproximar esta investigação à linha de pensamento dos autores europeus supracitados, pelo que adotaremos este último conceito como orientador para a restante investigação.

### **2.1.1 A internacionalização do ensino superior português**

Um dos aspetos mais visíveis, numa primeira análise, à averiguação de um processo de internacionalização do ensino superior, em Portugal, é a existência de Gabinetes de Relações Internacionais (GRI) nas instituições de ensino superior (IES) (Outras dimensões da internacionalização no ensino superior, 2024). Estes gabinetes têm como principal objetivo a dinamização prática deste processo, através de iniciativas que promovam a cooperação entre instituições e a mobilidade de estudantes e docentes. Um aspeto ao nível da mobilidade de grau traduz-se na criação de cursos em inglês, com vista a atrair estudantes estrangeiros a matricular-se nessas IES, e que muitas vezes, através de protocolos, oferecem graus conjuntos com IES de outros países. Outro aspeto, já relativo à mobilidade de crédito, é a participação ativa destas IES em programas de mobilidade semestrais ou anuais e a disponibilização de cursos de verão.

A nível legal, foram consagradas na Resolução do Conselho de Ministros n.º 78/2016, de 30 de novembro, uma série de medidas com vista a reforçar este processo de internacionalização do ensino superior português. Entre elas, destacam-se, por exemplo, a divulgação da oferta formativa nacional ao nível do ensino superior, tanto em português como em inglês, a disponibilização de bolsas de estudo a estudantes estrangeiros e a promoção das redes de ensino superior e de ciência e investigação.

Historicamente, por culpa de um forte controlo por parte do regime ditatorial e autocrático do Estado Novo durante grande parte do século XX, período em que a internacionalização do ensino superior foi um fenómeno recorrente noutras economias, o ensino superior português partiu já tarde para um caminho de internacionalização (Horta, 2010). Ainda segundo Horta (2010), a posição do Estado português passou de um modelo controlo direto, que durante tanto tempo impossibilitou a competitividade das universidades portuguesas, para um modelo de supervisão estatal, ao incrementar a autonomia destas; contudo, o financiamento continua baixo, pelo que o Estado deve desempenhar um papel de forte promotor deste processo, podendo este caso servir de modelo para os chamados países em desenvolvimento. Como indicam Cabrito, Cerdeira e Mucharreira (2023), verifica-se, no ensino superior em Portugal uma crescente lógica de mercado que atua em linha com o paradigma geral de gestão pública, o que ao nível do seu financiamento se tem traduzindo, desde meados da década de 1980, numa redução do papel do Estado (ao nível do OE) em detrimento da introdução de propinas, assentando os custos do ensino superior nos estudantes. Segundo Paulo Jorge Ferreira, presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP):

“Os níveis de financiamento [por estudante] do Ensino Superior em Portugal estão muitíssimo abaixo” dos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), lamentou, baseando-se em dados recentes que indicam que em Portugal “faltam seis mil dólares por estudante em relação à média da OCDE”, segundo contas feitas utilizando a paridade do poder de compra (PPC).

Tendo Portugal cerca de 223 mil pessoas a estudar no ensino superior, a diferença são “cerca de 1,3 mil milhões de dólares (1,19 mil milhões de euros) em PPC e isso não é uma insignificância”, alertou.” (Lusa, 2023)

França et al. (2018) argumentam que o processo de internacionalização do ensino superior português assenta, atualmente, numa dinâmica pós-colonial/neocolonial, aliada à pressão da Comissão Europeia para impulsionar o processo, na medida em que consideram que Portugal tem um especial interesse na esfera da lusofonia com o objetivo de aí manter a sua influência geopolítica, ao adotar estratégias como o estudo na antiga metrópole como porta de entrada na comunidade europeia ou de enriquecimento do currículo académico. Ainda que os estudantes portugueses se desloquem maioritariamente para o espaço europeu e não para o da CPLP, a mobilidade internacional estudantil dentro do contexto da comunidade lusófona apresenta quatro características principais: as antigas colónias africanas são maioritariamente países de origem de estudantes em mobilidade; Portugal e Brasil são os principais destinos destes; estudantes portugueses e brasileiros tendem a movimentar-se entre si entre estes dois países e de forma muito diminuta para os PALOP; e Portugal mantém a sua posição hegemónica no seio da CPLP, apesar da crescente competição por parte do Brasil (França et al., 2018).

### **2.1.2 A capitalização do processo de internacionalização do ensino superior**

A qualidade do fornecimento de educação pelas instituições de ensino superior tem sido uma preocupação das instituições governamentais e das próprias instituições de ensino ao longo do tempo.

No exemplo concreto da Europa, é possível afirmar que o processo de internacionalização tem beneficiado e sido influenciado pelo Programa Erasmus, abrindo caminho para uma série de desenvolvimentos, entre os quais: a criação do Sistema Europeu de Transferência e Acumulação de Créditos (ECTS), o caminho para a entrada de países da Europa Central e de Leste no bloco, o Processo de Bolonha e a criação do Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES). Como destacam Wit et al. (2015, p. 56):

“It has inspired cooperation between Europe and the rest of the world. It continues to act as a model and inspiration for others, even though no comparable initiatives have yet been developed.”

Segundo dados da OCDE (2017), são os países desenvolvidos de língua inglesa, nomeadamente os Estados Unidos, o Reino Unido e a Austrália, os maiores recetores de estudantes em mobilidade, ao passo que são a China e a Índia os países com maior preponderância no envio de estudantes, o que reflete desigualdades nesta matéria entre os países e as regiões do mundo (Sousa et al., 2019).

Apesar de todos os benefícios que este processo tem trazido ao desenvolvimento dos sistemas de ensino superior, poderá ser necessário adotar uma perspetiva crítica em relação ao mesmo. Efetivamente, este processo não é indiferente às tendências do mercado, apresentando, crescentemente, uma maior orientação para este, mesmo em países com uma tradição de Estado Social fortemente enraizada (Altbach e Klemencic, 2014). Por esse motivo, a sua evolução acompanha também a evolução económica do mundo. Como tal, com uma cada vez maior financeirização e capitalização da sociedade, torna-se visível a mudança de paradigma ao nível da própria politização e objetivos do processo. Assim, deixa de ser, necessariamente, um fenómeno de cooperação institucional para passar a ser de competição, em linha com o paradigma económico da sociedade atual (Wit et al, 2015). De acordo com Altbach e Engberg (2014), este “negócio” rendia aos EUA e ao Reino Unido cerca de 24 mil milhões de dólares anualmente, com uma estratégia considerada agressiva pelos autores ao nível da cobrança de propinas mais altas a estudantes estrangeiros.

Não obstante essa constatação, a cooperação entre instituições não desapareceu, havendo abertura para tal, o que se traduz numa melhoria constante da qualidade educacional e de investigação, que possibilita, também, uma melhoria das sociedades em que se inserem, sobretudo nos países menos desenvolvidos. Como defende Stallivieri (2002, p. 4):

“A internacionalização das instituições de ensino superior, através das diferentes formas de cooperação, tem sido o gatilho para a melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa que, unidos, criam as condições para o desenvolvimento dos países e o incremento da qualidade de vida das populações.”

## **2.2 O conceito de estudante internacional: definição e tendências**

Até este momento de contextualização no âmbito da presente dissertação, o conceito de estudante internacional englobou os vários perfis de estudantes que se deslocam para um Estado que não o seu de origem para prossecução de um plano de estudos mais ou menos duradouro no tempo. Contudo, é necessário, a partir de agora, estreitar e subdividir o conceito, nomeadamente atendendo à sua aplicação no contexto português. Como poderemos verificar nos próximos parágrafos, a construção desse conceito não é consensual.

O conceito de estudante internacional, no panorama universitário português, determina o indivíduo abrangido por um concurso especial de acesso ao ensino superior que, em linhas gerais, não tenha nacionalidade portuguesa nem seja nacional de um país da União Europeia (Concurso Especial Para Estudantes Internacionais | DGES, s.d.). Para efeitos estatísticos, a Direção Geral de Estatísticas do Ensino Superior engloba, no seu conceito de estudante internacional de grau, os alunos inscritos no ensino superior que completaram o ensino secundário no estrangeiro e será esse o que será utilizado ao longo da presente dissertação. O conceito de estudante internacional em mobilidade de grau contrasta, portanto, com o de mobilidade de crédito, que se refere aos alunos inscritos nos estabelecimentos de ensino superior ao abrigo de programas de mobilidade internacional de curta duração – sendo o exemplo mais conhecido o programa Erasmus+ (Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, 2024).

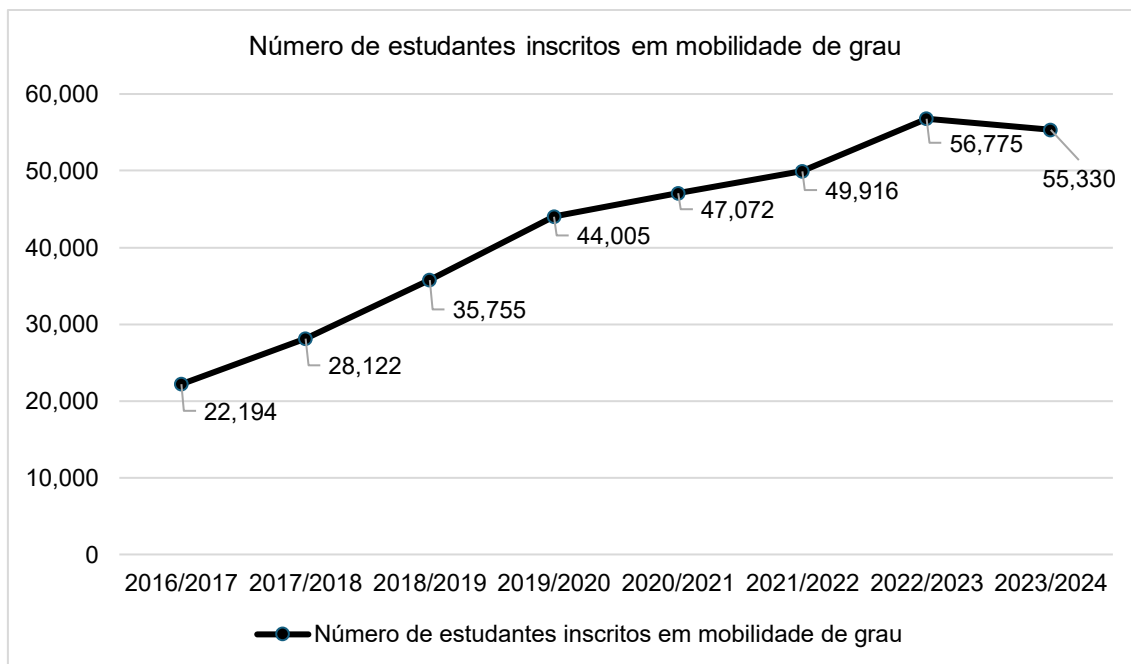
Ao nível legal, devemos verificar o artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 36/2014, de 10 de março, que indica que o estudante internacional em Portugal é aquele que não tem nacionalidade portuguesa, excetuando-se os cidadãos da União Europeia, os residentes legais em Portugal há mais de dois anos (e seus filhos) até 31 de agosto do ano em que ingressem no ensino superior, os candidatos por regimes especiais e os participantes de programas de mobilidade internacional. Através da Lei n.º 23/2007, de 4 de julho, que aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional, podemos adicionar, através do artigo 3.º, alínea i), que se trata do indivíduo “ nacional de um Estado terceiro que tenha sido aceite por um estabelecimento de ensino superior para frequentar, a título de atividade principal, um programa de estudos a tempo inteiro, conducente à obtenção de um grau académico ou de um diploma do ensino superior reconhecido, podendo abranger um curso de preparação para tais estudos ou a realização de investigações para a obtenção de um grau académico”.

Reconhecendo a eventual multiplicidade de definições deste conceito, propomos, daqui para a frente, uma definição abrangente de estudante internacional: “cidadão estrangeiro que se deslocou e fixou, pelo menos de forma temporária, em Portugal, com o propósito de frequentar um ciclo de estudos de ensino superior numa instituição deste país, algo que concretizou”. Aproximamo-nos, assim, da definição utilizada pela OCDE (2024), que declara que se trata daqueles que receberam educação prévia noutro país e que não são residentes do país de estudos atual. Contudo, para efeitos de compreensão das várias modalidades, será subdividido, nos próximos subcapítulos, em mobilidade de grau e mobilidade de crédito.

### **2.2.1 Mobilidade de grau**

A mobilidade de grau é uma das formas de mobilidade de estudantes internacionais que descreve o movimento de cidadãos estrangeiros para um outro país com vista a realizar um programa de estudos. No caso desta, trata-se, então, da frequência, no estrangeiro, de um ciclo de estudos completo (e.g. licenciatura, mestrado, doutoramento...), procedendo à matrícula numa instituição de ensino superior de um país que não aquele de que é nacional, através, geralmente, de concurso próprio e diferenciado daquele a que estudantes nacionais concorrem.

Segundo a DGEEC, estão em mobilidade de grau os estudantes inscritos num estabelecimento de ensino superior português que concluíram o ensino secundário num país estrangeiro e que pretendem a obtenção de um diploma (Figura 2). Como se observa, o número aumentou contínua e significativamente entre 2016/2017 e 2022/2023, o que atesta a progressiva internacionalização do sistema. A redução observada de 2022/2023 para 2023/2024 pode ser algo pontual ou, alternativamente, indiciar um processo de ligeira redução e possível estabilização em torno dos 55 000 alunos.



**Figura 2:** Evolução do número de estudantes inscritos em mobilidade de grau em IES portuguesas entre os anos letivos de 2016/2017 e 2023/2024. Fonte: DGEEC (2024).

Importa compreender quais são as motivações que levam a que um estudante se desloque para outro país para realizar ali um ciclo de estudos de ensino superior. Carlson (2012) considera, no seu estudo sobre estudantes alemães em mobilidade de grau, que os estudantes se tornam “geograficamente móveis” não através de uma escolha instantânea, mas, sim, com base no resultado de processos e eventos biográficos e sociais a longo prazo. Altbach e Engberg (2014) enumeram como objetivos a aquisição de conhecimento e qualificações indisponíveis no seu país de origem, obtenção de prestígio de um diploma estrangeiro ou até mesmo a simples vontade de emigrar. Alves (2015, p. 39) acrescenta que muitos estudantes “saem para um país que consideram academicamente prestigiante e acessível, enquanto passaporte para uma mobilidade ascendente, sobretudo no regresso ao país de origem, pelo que a qualidade do ensino e o valor dos diplomas internacionais que esperam conseguir são aspetos fundamentais”.

Wiers-Jenssen (2012) demonstra que os estudantes em mobilidade de grau tendem a ser aqueles cujos progenitores possuem educação superior, em comparação com os estudantes que não se envolvem em programas de mobilidade. São também estudantes que acreditam que podem vir a ter maiores oportunidades de

empregabilidade no estrangeiro, constituindo, assim, uma forma de migração permanente.

As estatísticas internacionais e diversos estudos demonstram que os Estados Unidos da América e a Europa possuem uma posição dominante no universo de destinatários da mobilidade de estudantes internacionais, beneficiando da sua atratividade para estudantes qualificados, tanto devido ao seu prestígio como ao próprio investimento na competitividade por parte das instituições e dos governos (de Wit et al., 2012; Carlson, 2012; Altbach e Engberg, 2014).

No quadro da mobilidade internacional de estudantes do ensino superior, verifica-se, portanto, uma clara tendência Sul-Norte, particularmente de países da Ásia para países de língua inglesa como os EUA, o Reino Unido, o Canadá e a Austrália, assim como outros como França ou Alemanha. Embora em menor número, também é significativo o número de estudantes africanos e da América Latina que frequentam instituições da América do Norte e da Europa, com destaque para países como a Nigéria ou o Brasil. Não obstante, como apontam de Wit et al. (2012), essa posição de dominância por parte do chamado mundo ocidental tem vindo, e virá nos próximos anos, a registar maior competição por parte de países com economias emergentes e que experimentaram processos de aceleração significativos nos seus níveis de desenvolvimento, sobretudo do sudeste asiático, que se tornam, agora, atrativos para a prática de mobilidade internacional. Adicionalmente, fatores como políticas de anti-imigração ou aumento de propinas nos países ocidentais também contribuem para reduzir a competitividade das suas IES.

No que respeita a diferenças no campo das necessidades entre estudantes de licenciatura ou de mestrado que realizam períodos de mobilidade no estrangeiro, Perez-Encinas et al. (2020) apontam que estas não são significativas. Contudo, estudantes em mobilidade de grau apresentam diferenças quando comparados com estudantes em mobilidade de crédito (estes últimos a serem tratados no próximo subcapítulo). Enquanto os estudantes em mobilidade de crédito se interessam mais por atividades sociais e académicas, os estudantes em mobilidade de grau demonstram maior preocupação relativamente a questões académicas, perspetivas de carreira e aos custos de vida (Perez-Encinas et al., 2020).

### 2.2.2 Mobilidade de crédito

O artigo de Breznik e Skrbinjek (2020), que se foca no fenómeno de mobilidade de crédito na Europa, define esta como uma inscrição temporária num estabelecimento de ensino superior no estrangeiro para persecução de estudos, mas com vista ao seu término no país de origem.

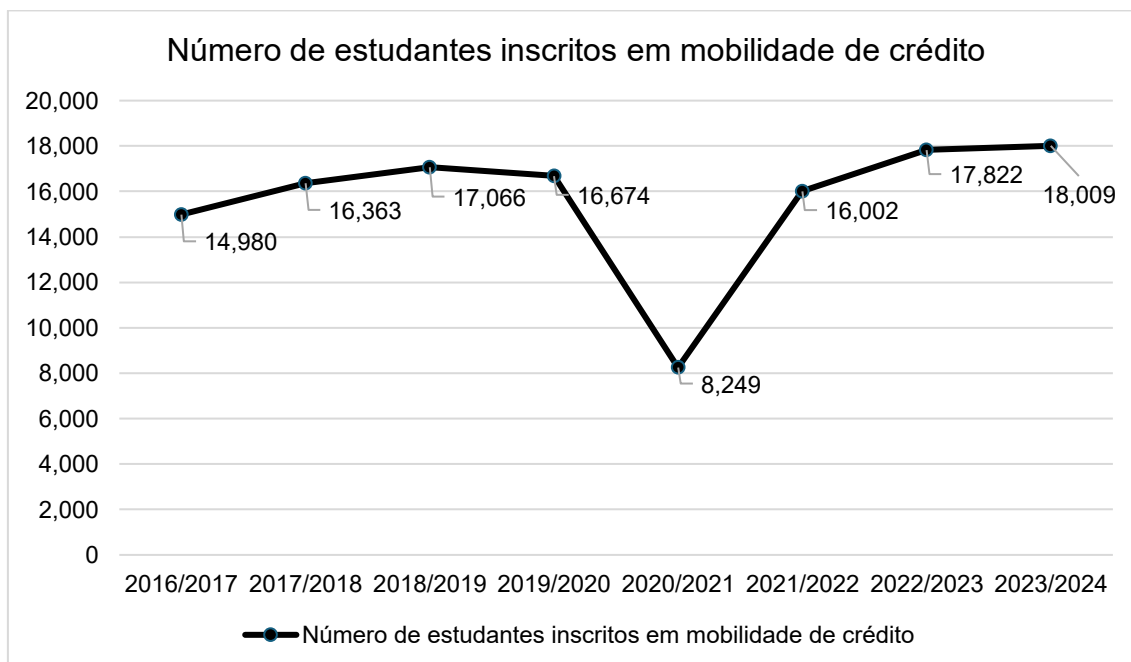
Segundo a DGEEC, estudantes internacionais em mobilidade de crédito designam os “inscritos num estabelecimento de ensino superior português, na modalidade de estudo ou de estágio, por um determinado período, tendo como finalidade a obtenção de créditos académicos posteriormente reconhecidos pela instituição estrangeira de origem a que pertencem” (DGEEC, s.d).

Um dos projetos mais icónicos relacionados com a mobilidade de crédito é o Erasmus+. O Erasmus+ é o programa da União Europeia que visa apoiar a educação, a formação, a juventude e o desporto na Europa. Foi criado em 1987 sob o pretexto de promover uma maior cooperação entre universidades e instituições de ensino superior, tendo evoluído, ao longo do tempo, para englobar no seu conceito um cada vez maior conjunto de iniciativas para, atualmente, oferecer suporte ao Pilar Europeu dos Direitos Humanos, implementar a *Estratégia da UE para a juventude 2019-2027* e desenvolver a dimensão europeia do desporto (What is Erasmus+?, 2024).

De acordo com o *Relatório anual do Erasmus+ de 2022* (Direção-Geral da Educação, da Juventude, do Desporto e da Cultura (Comissão Europeia), 2023), em 2022, o número total de participantes em atividades de mobilidade atingiu os 13,7 milhões desde 1987, usufruindo de um largo crescimento do orçamento comunitário para 2021-2027 em mais de 28 mil milhões de euros. Dado que o ano de 2022 foi definido pela Comissão Europeia como o Ano Europeu da Juventude, celebrando o 35.º aniversário do programa Erasmus+, foram implementadas mais de 13 000 atividades, envolvendo 150 milhões de cidadãos, na sua maioria jovens, cerca de 2 700 organizações e 67 países. Nestas atividades, destaca-se a preponderância de participantes oriundos de países como Espanha, Itália, França, Alemanha e Portugal, alguns dos maiores países emissores e destinatários de participantes. Um tão grande número de atividades e participantes, mesmo com as limitações impostas pela crise pandémica da covid-19, demonstra a importância do programa Erasmus no âmbito da mobilidade de crédito.

Relativamente ao quadro português, a DGEEC indica que, no ano letivo de 2023/2024, encontravam-se inscritos 18 009 estudantes em mobilidade de crédito nas

IES portuguesas, uma evolução positiva face aos 14 980 inscritos no ano letivo 2016/2017 – apesar do visível decréscimo no ano letivo 2020/2021, causado pela pandemia de covid-19, com o registo de 8 249 estudantes –, como observável na Figura 3, sendo na sua maioria estudantes de Espanha, Itália, Brasil, Alemanha e Polónia.



**Figura 3:** Evolução do número de estudantes inscritos em mobilidade de crédito em IES portuguesas entre os anos letivos de 2016/2017 e 2023/2024. Fonte: DGEEC (2024).

Calvo (2017) considera existir atualmente um processo de estudantificação da cidade de Lisboa por conta do programa Erasmus referindo, em tom de crítica, o papel da neoliberalização da “indústria global do ensino superior” nesta evolução. O autor aponta algumas conclusões interessantes, afirmando que os estudantes internacionais Erasmus são um grupo que se localiza disperso pelos vários bairros da cidade; forma comunidades sociais tendencialmente fechadas, com diminuta interação com a população local, devido à organização de atividades por parte de associações específicas para esse grupo. Acrescenta ainda que estes estudantes tendem ainda a participar na economia local de forma específica, na medida em que frequentemente adotam comportamentos de consumo de bens turísticos; ainda assim, o autor reconhece que estas características tendem a variar de acordo com fatores como a cultura, a nacionalidade ou a classe.

### 2.2.3 Tendências geográficas: a mobilidade internacional de estudantes e o movimento Sul-Norte

A mobilidade estudantil internacional, ou mobilidade internacional de estudantes, é um processo que, segundo Choudaha (2017), se caracteriza, entre 1999 e 2020, por três ondas, como se pode verificar na esquematização proposta no Quadro 1:

	Principais tendências, por ordem cronológica	Impacto, por ordem cronológica
<b>1.ª Onda (1999-2006)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crescimento das TIC e da globalização;</li> <li>- Aumento da procura de trabalhadores altamente qualificados;</li> <li>- Ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos EUA e consequentes políticas de imigração mais rígidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- EUA como principal destino devido à infraestrutura de investigação e financiamento;</li> <li>- Após 11 de setembro e com as restrições na imigração nos EUA, reforço de destinos como Canadá, Austrália ou Europa.</li> </ul>
<b>2.ª Onda (2006-2013)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crise financeira global de 2007-2008</li> <li>- Necessidade de novas fontes de rendimento para as instituições de ensino superior;</li> <li>- Maior competição entre instituições para atrair estudantes internacionais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aumento do fluxo de estudantes internacionais, apesar da crise económica;</li> </ul>
<b>3.ª Onda (2014-2020)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desaceleração da economia chinesa;</li> <li>- Referendo sobre a saída do Reino Unido da UE em 2016 (<i>Brexit</i>);</li> <li>- Eleições presidenciais nos EUA em 2016 e consequentes políticas de imigração.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Adoção de novas estratégias como programas de educação transnacional e <i>online</i> por parte de países e IES;</li> <li>- Crescente enfoque no suporte à empregabilidade de estudantes;</li> <li>- Crescimento da competitividade de destinos emergentes.</li> </ul>

**Quadro 1:** As três ondas de evolução da mobilidade internacional de estudantes. Adaptação própria de Choudaha (2017).

Volvidos alguns anos, revela-se necessário abordar acontecimentos importantes que têm vindo a moldar a mobilidade internacional de estudantes, tais como a pandemia de covid-19, a invasão da Ucrânia pela Rússia e a crise inflacionária decorrente da conjugação dos dois primeiros (Singh, 2023). Propomos, assim, a seguinte esquematização, com base em Strielkowski (2022) e (Chumak, 2022):

	<b>Principais tendências, por ordem cronológica</b>	<b>Impacto, por ordem cronológica</b>
<b>Proposta de 4.ª onda (2019-presente)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crescente digitalização do ensino superior</li> <li>- Pandemia de covid-19 (final de 2019 a 2023) que provocou grandes disrupções na mobilidade internacional de pessoas e bens</li> <li>- Invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022</li> <li>- Crise inflacionária</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diminuição abrupta da mobilidade internacional de estudantes durante a pandemia</li> <li>- Recuperação sustentada dos valores pré-pandemia de internacionalização</li> <li>- Grande vaga de refugiados de guerra ucranianos são inseridos nos sistemas de ensino superior europeus</li> <li>- Estratégias de <i>e-learning</i> e <i>b-learning</i> aceleram o seu desenvolvimento em – e após o – contexto pandémico com consequências, potencialmente crescentes, ao nível da frequência de instituições externas sem mobilidade internacional ou com mobilidade fragmentada</li> </ul>

**Quadro 2:** 4.ª onda de mobilidade internacional de estudantes. Proposta própria de forma a atualizar a teorização de Choudaha (2017).

Um dos aspetos que mais marca o processo de internacionalização do ensino superior na contemporaneidade é o movimento de estudantes oriundos de países do “Sul Global” para o “Norte Global”, sendo esse, a par com o movimento entre países do “Norte Global”, os dois mais estudados no que respeita a mobilidade internacional de estudantes (Vögtle e Windzio, 2022).

Segundo Dados e Connell (2012), o termo “Sul Global” refere-se às regiões fora da Europa e da América do Norte, portanto, da América Latina, Ásia, África e Oceânia, compostas por países de baixos rendimentos e normalmente marcados por uma marginalização política ou cultural. Ainda de acordo com os mesmos autores, o uso da expressão, que ocorre paralelamente à de outros como Terceiro Mundo ou Periferia, funciona como uma metáfora para subdesenvolvimento, simbolizando ainda uma mudança de paradigma, que se desloca da noção de desenvolvimento económico ou das diferenças culturais, passando a focar-se nas relações geopolíticas de poder (Dados e Connell, 2012).

Portugal afigura-se, para muitos estudantes de países da CPLP, um importante ativo neste movimento Sul-Norte devido à posição geográfica que representa, à língua

comum e à maior facilidade de deslocação e regularização quando comparado com outras opções como Estados Unidos, Reino Unido, França ou China, também no hemisfério norte (Alves, 2015).

### **2.3 Definindo integração**

A integração, no âmbito das migrações, é um fenómeno bastante complexo e cujas abordagens diferem, frequentemente, consoante o contexto nacional ou, mesmo, regional ou continental. Propomos, neste subcapítulo, algumas definições que podem auxiliar à concetualização.

Oliver e Gidley (2015) indicam que, ainda que o termo possa ser vago e altamente contestado, uma definição considerada simplista pelos autores é a de que a integração constitui as formas nas quais os migrantes e a sociedade de acolhimento vivem em conjunto, e cobre a interação de migrantes com indivíduos e instituições dentro da sociedade de acolhimento.

Segundo Penninx e Garcés-Mascareñas (2016), integração corresponde ao processo de fixação, interação com a sociedade de acolhimento e mudança social que procede a imigração. Os autores consideram que o imigrante deve, desde o momento em que chega à sociedade de acolhimento, assegurar um lugar para si, em duas vertentes: a de assegurar um lugar físico ao qual possam chamar lar, um salário, acesso a educação para os seus filhos e acesso à saúde; e a de assegurar um lugar ao nível social e cultural, estabelecendo cooperação e interações com outros indivíduos e grupos de indivíduos, conhecer e usar instituições da sociedade em que se querem inserir e terem as suas características culturais reconhecidas e aceites. Este é um conceito que, segundo a perspetiva crítica dos autores, demonstra uma contínua assunção de que são os imigrantes que se devem conformar e adaptar às normas e valores da maioria dominante na sociedade de acolhimento, de forma a serem aceites.

Certos autores têm procurado estudar o fenómeno da integração de migrantes, nomeadamente no contexto ocidental, nas suas mais variadas vertentes.

É o caso de Hendriks e Birnberg (2024) que, através do seu estudo com o *day reconstruction method* acerca da relação entre os comportamentos de integração diária e a felicidade, concluíram que estes grupos têm, muitas vezes, de abrir mão de certos aspetos da sua felicidade, como a comunicação na língua do país de acolhimento em detrimento da sua língua materna, para se poderem integrar mais facilmente no dia-a-

dia, embora tal possa comprometer a sua integração a longo prazo, pelo que consideram a felicidade deste grupo um aspeto fundamental.

### **2.3.1 A integração de migrantes na UE e em Portugal**

Com a celebração do Ato Único Europeu em 1992, que previa a abolição de todas as barreiras físicas, técnicas e fiscais nas fronteiras internas da Comunidade Económica Europeia, os países que a compunham passaram a partilhar entre si a mesma fronteira externa, a par da livre circulação de cidadãos entre Estados-membros proporcionada pela cidadania europeia. Assim, passou a afigurar-se necessária uma coordenação conjunta ao nível das políticas de vistos, da admissão de nacionais de Países Terceiros e da política de asilo (Pennix et al., 2014).

Pennix et al. (2014) apontam uma abordagem multifacetada no que respeita à integração de migrantes na União Europeia, existindo diretrizes políticas ao nível comunitário, mas prevalecendo a orientação fundamental dos Estados-membros no que respeita à maioria das iniciativas de promoção da inclusão social, do combate à discriminação e de apoio à integração de nacionais de Países Terceiros. Para além do papel dos Estados, os autores do estudo focam-se, também, numa análise comparativa ao nível de diferentes cidades europeias, destacando algumas tendências comuns:

- 1) Desenvolvimento de iniciativas locais de apoio à integração de migrantes, como cursos de línguas, eventos de intercâmbio cultural, programas de formação profissional e serviços de apoio social, adaptadas às necessidades específicas das várias comunidades de cada cidade;
- 2) Adoção de uma abordagem intercultural, com ênfase na compreensão mútua, respeito e cooperação entre comunidades migrantes e de acolhimento, de forma a alcançar uma maior coesão social;
- 3) Colaboração entre governos locais, organizações da sociedade civil, empresas e instituições de ensino de forma a desenvolver estratégias de integração abrangentes;
- 4) Especial foco na inclusão social como estratégia de integração, como meio de proporcionar aos migrantes um acesso igualitário a direitos, serviços e oportunidades.

A Declaração de Zaragoza, de 2010, estabeleceu quatro indicadores de integração: emprego, educação, inclusão social e cidadania. Portugal tem vindo, ao longo do tempo, a desempenhar um bom exemplo na aplicação de políticas de imigração nas oito categorias avaliadas pelo Índice de Políticas Migratórias de Integração<sup>1</sup>, que são: mobilidade no mercado de trabalho; reagrupamento familiar; educação; saúde; participação política; residência permanente; acesso à nacionalidade; e antidiscriminação. Essa aplicação de políticas passa por assistência com alojamento, apoio familiar de mentores, acesso a cursos de língua portuguesa, acesso à educação, desenvolvimento profissional, acesso a serviços públicos de saúde e iniciativas de integração sociocultural (Integração De Cidadãos Nacionais De Países Terceiros | Eurocid - Informação Europeia Ao Cidadão, 2024).

Atualmente, a integração da população imigrante em Portugal foi relegada para recém-criada AIMA, com a extinção do ACM, numa lógica de centralização dos recursos, algo que poderá comprometer a longo prazo esses processos e cujos efeitos, positivos e negativos, poderão começar a ser visíveis nos próximos anos.

### **2.3.2 A integração do estudante internacional: estratégias, barreiras e desafios**

Alves e King (2021) expressam a complexidade da concetualização desta problemática, e defendem ser relevante distinguir entre a definição de estudante estrangeiro e estudante internacional, proposta pela OCDE na medida em que estudante estrangeiro define aqueles que não são nacionais dos países em que estão matriculados e onde a informação é reunida, apesar de eventualmente poderem ter nascido nos países de acolhimento (correspondem, por exemplo, a crianças filhas de pais imigrantes que não adquiriram a nacionalidade do país onde nasceram devido à não aplicação do princípio de *jus soli*<sup>2</sup>). Já o estudante internacional é aquele que, segundo a Organização, saiu do seu país de origem para outro com o propósito de ali estudar, retratando o seu país de origem normalmente como “país de educação prévia” ou “país de residência habitual”. Acrescentam que um estudante nacional pode não dominar a língua, por ser imigrante ou refugiado naturalizado ou pertencer a uma minoria étnica ou linguística, sendo, por isso, erradamente considerado um estudante estrangeiro, ao passo que um estudante internacional pode conhecer a língua e o sistema de ensino do país.

---

<sup>1</sup> Migrant Integration Policy Index - MIPEX

<sup>2</sup> Princípio de atribuição de nacionalidade a um indivíduo de acordo com o seu lugar de nascimento.

No seu levantamento bibliográfico acerca dos padrões de desenvolvimento de amizades por parte de estudantes internacionais na Inglaterra, Brown (2009) traça cinco estratégias utilizadas normalmente por estes “residentes temporários” (*sojourners*):

- 1) Monocultural: adesão do visitante a uma cultura própria, evitando interações substanciais com a sociedade de acolhimento, tanto por imposição pela sociedade como pelo próprio grupo, levando a potenciais conflitos entre ambos;
- 2) Assimilacionista: rejeição por parte do visitante a muitos ou todos os aspetos da sua cultura e adoção da nova, integrando-se totalmente na cultura dominante e mudando consideravelmente as atitudes e comportamentos;
- 3) Bicultural: manutenção da sua cultura durante a aprendizagem da nova, preservando a identidade cultural e diminuindo a possibilidade de conflitos;
- 4) Marginalização: renúncia da herança cultural por parte do visitante em simultâneo com a rejeição de uma relação com o grupo dominante, resultando em alienação e perda de identidade, seja por exclusão forçada ou voluntária;
- 5) Multicultural: manutenção da sua cultura e aprendizagem de múltiplas outras, emergindo uma sociedade pluralista na qual diferentes grupos preservam a sua identidade étnica e partilham acesso igualitário a recursos.

É importante averiguar as barreiras e desafios comuns enfrentados pelos estudantes internacionais nos vários pontos do mundo, procurando semelhanças e diferenças. Vários autores, de diversas nacionalidades, têm procurado, nos contextos dos seus países, traçar esses aspetos.

Haverila et al. (2020) afirmam que, no âmbito do seu estudo sobre estudantes internacionais em instituições de ensino superior canadianas, estes apresentam uma maior preocupação com integração social, competências de estudo, adaptação à vida académica, atividades extracurriculares e questões de alojamento, em comparação com os estudantes nacionais.

Song (2013) analisa um importante grupo de estudantes internacionais envolvidos na mobilidade internacional de estudantes – os chineses – em Itália, na qual demonstra que se afiguram barreiras à integração, como a falta de preparação relativamente à língua do país de destino, os diferentes sistemas educacionais e métodos de ensino, o choque cultural, a inexistência de uma rede de apoio adequada e dificuldades financeiras.

Por sua vez, é, também, essencial analisar um importante país recetor de mobilidade estudantil internacional – os Estados Unidos da América. Rivas et al. (2019) apontam que os estudantes internacionais chegam com expectativas positivas no que respeita à qualidade de educação e experiências de aprendizagem, sendo essenciais para a sua integração social e cultural, as conexões sociais que estabelecem com os estudantes americanos; contudo, apontam como barreiras à integração as dificuldades linguísticas e as diferenças culturais, tal como outros estudos.

Os estudantes internacionais são um grupo especialmente vulnerável quando se verificam graves crises, nomeadamente a nível financeiro ou de saúde, como apontam alguns autores, algo que tende a agravar as dificuldades nos processos de integração. A pandemia da doença Covid-19, causada pela rápida propagação da infeção pelo coronavírus SARS-CoV-2, foi particularmente impactante na sociedade, uma vez que a emergência sanitária restringiu fortemente a atividade económica e a mobilidade de pessoas e bens. Como indicam Iorio et al. (2021), no questionário realizado nas semanas iniciais da crise pandémica, grande parte dos estudantes internacionais que se encontravam, à data, a estudar em Portugal declararam grande preocupação perante a possível perda de rendimentos, uma vez que um considerável número de estudantes dependia da ajuda de familiares ou de rendimentos e poupanças próprias para estudar. O estudo evidenciou, ademais, uma franca diferença entre estudantes ao abrigo do programa Erasmus, provenientes de países da União Europeia, e estudantes de países dos PALOP e Brasil, nomeadamente no que respeita à abrangência de bolsas de estudo (com o primeiro grupo a ser mais beneficiado que o segundo), algo que as autoras defendem ser prova de um elitismo no acesso ao ensino superior, que privilegia os países do Norte Global em relação aos países do Sul (Iorio et al., 2021). Além desse aspeto, sublinham que as IES estariam a falhar ao não prestar um apoio diferenciado aos estudantes internacionais relativamente àquele que estariam a prestar aos nacionais, no que respeita a problemáticas como a habitação, a saúde mental ou o abandono escolar (Iorio et al., 2021). Não obstante, num estudo posterior, Iorio e Silva (2022) afirmam que a imobilidade imposta pela pandemia foi contornada por uma

normalização do estudo remoto, ainda que aqueles que não possuíam equipamentos informáticos ou acesso à internet para tal, sobretudo devido às diferenças socioeconómicas e de países de origem (particularmente, os estudantes de origem africana), viram os seus projetos académicos dificultados ou até impossibilitados.

## **2.4. O associativismo juvenil**

Neste subcapítulo, faremos uma análise do conceito de associativismo, tanto na ótica daquilo que significa para os indivíduos que integram estas estruturas, como na do impacto que potencialmente têm na sociedade em que se inserem. Começaremos por analisar os fenómenos que podem motivar jovens a agregarem-se, como o ativismo juvenil. De seguida, será inserido o conceito de associativismo juvenil, de forma a enquadrar toda a temática em estudo.

Importa referir que, no âmbito de um estudo relativo a estudantes internacionais e à sua integração no ensino superior, é importante focar a análise do associativismo no quadro mais específico do associativismo juvenil e académico, por ser aquele que é, de uma forma mais geral, mais próximo do próprio grupo, tanto no que respeita à sua composição, como às suas atividades e ao seu público-alvo.

### **2.4.1 Antecedendo a associação: o ativismo estudantil**

Na contemporaneidade, o ativismo juvenil pode definir-se como um movimento de jovens pela defesa de causas específicas, em áreas como a sustentabilidade ambiental, a paz ou a democracia, e que se situa tanto no espaço físico das ruas como, de uma forma híbrida, nas redes sociais, que viram o seu crescimento nos últimos anos (Campos et al., 2016).

Ao longo da história, encontramos vários os exemplos que demonstram o poder da mobilização de estudantes na luta contra o poder político, sobretudo no que respeita à reivindicação por direitos sociais, políticos ou estudantis. O Maio de 1968 em França é, talvez, o caso mais relevante no campo do ativismo estudantil e juvenil, e frequentemente mencionado por autores da área. Altbach e Klemencic (2014) oferecem alguns exemplos de ativismo juvenil que, em certa medida, terão contribuído para mudanças junto da opinião pública em relação ao poder político e que resultaram em alterações no campo político-partidário – ou, até, em casos mais extremos, na

democratização de alguns sistemas políticos. Na maioria dos casos, esta intervenção juvenil e estudantil permitiu desenvolvimentos ao nível da melhoria dos sistemas educacionais, principalmente universitários. Os autores oferecem alguns exemplos, que podemos observar no Quadro 3.

<b>Movimento estudantil</b>	<b>Motivação</b>	<b>Resultado político</b>
Otpor na Sérvia (1998)	Contra as leis de repressão de universidades e dos media introduzidas pelo regime de Slobodan Milocevic	Derrota de Milocevic nas eleições de 2000
Movimento dos Estudantes Chilenos (2011-2013)	Pelo aumento da qualidade do ensino e contra a privatização do ensino e as propinas	Vitória de Michelle Bachelet para a presidência em 2013
Protestos estudantis de 2012 no Quebec ("Maple Spring")	Contra a pretensão de aumento das propinas no ensino superior	Queda do governo do Quebec
Movimento Euromaidan na Ucrânia (2013-2014)	Contra a decisão do governo de suspender a assinatura de um acordo com a UE	Queda do presidente autocrata Victor Yanykovich e do seu regime

**Quadro 3:** Alguns exemplos de movimentos estudantis com resultados políticos. Adaptação própria com base em Altbach e Klemencic (2014).

Os autores ressaltam, ainda, que ao contrário da década de 1960, em que os movimentos de protesto eram originários dos campus universitários e em que estudantes eram tanto a origem como os principais participantes nesses movimentos, atualmente mantém-se a origem dentro do campus, mas ocorre a deslocação do movimento para as redes sociais e as ruas, envolvendo a restante sociedade civil. Explicam, também, o que consideram ser a "lei de ferro" do ativismo estudantil, nomeadamente o facto de que, ainda que os estudantes criem consciencialização junto da opinião pública para certos problemas da sociedade e, muitas vezes, estejam na origem de movimentos políticos que podem destabilizar ou até derrotar regimes, dificilmente conseguem tornar-se mais do que apenas atores marginais na política, não conseguindo, muitas vezes, ter voz ou poder de decisão no rumo que tomam os acontecimentos e nos resultados que alcançam os próprios movimentos (Altbach e Klemencic, 2014).

No caso português, podemos mencionar alguns exemplos relevantes, tanto no regime ditatorial do Estado Novo como no período democrático da Terceira República. No Estado Novo, é incontornável referir as crises académicas de 1962, relacionada com a proibição do Dia do Estudante a 29 de março, e a de 1969, desencadeada pela proibição do uso da palavra a dirigentes associativos da Universidade de Coimbra. Estas crises foram desencadeadas em oposição à repressão exercida pelo regime, que respondeu com o fecho de universidades e com o alistamento forçado de estudantes na Guerra do Ultramar (Cardina, 2008). Já no período democrático, o país vivenciou movimentos como os protestos contra as propinas na década de 1990, o Protesto da Geração à Rasca em 2011 contra a falta de oportunidades para os jovens em Portugal e a Greve Climática Estudantil, um movimento internacional pela justiça climática iniciado pela ativista sueca Greta Thunberg em 2018 (sob o nome *Fridays for Future*).

#### **2.4.2 Associativismo em Portugal**

Primeiramente, para contextualizar o associativismo no tecido social português, é necessário enquadrá-lo naquilo que é a realidade da organização da sociedade portuguesa. Ora, o associativismo é um dos aspetos que compõem o chamado terceiro setor. Pina (2022) explica que, em conjunto com outros tipos de organizações como cooperativas, fundações, clubes recreativos ou sindicatos, muitas vezes denominadas como organizações sem fins lucrativos, as associações compõem o setor cooperativo e social de propriedade dos meios de produção, isto é, o terceiro setor. Este terceiro setor, por sua vez, compõe a forma de organização económico-social portuguesa, a par com o setor público (o Estado) e o setor privado (o Mercado).

Gusso (2021) argumenta que uma associação forma uma relação social que envolve interesses comuns e que orbita um conjunto de ideias, objetivos ou valores que justificam, de forma voluntária, a adesão a uma entidade associativa. Aquilo que, para o autor, distingue uma associação de outros modelos de organizações sociais, é o facto de serem privadas, sem fins-lucrativos, com formalização legal, com uma orgânica de autoadministração e de base voluntária.

Transpondo para a realidade portuguesa, como afirmam Chainho-Pereira et al. (2021), é através do associativismo que uma grande parte da população dispõe do acesso a atividades desportivas, culturais, recreativas e sociais, assim como, e com acrescida importância, à participação cívica nas suas diversas formas. Este exercício da cidadania, como defendem ainda Chainho-Pereira et al. (2021), tem vindo, ao longo

do tempo, a providenciar, junto da sociedade portuguesa, uma maior inclusão social e a promover áreas como a cultura e o desporto.

### **2.4.3 Associativismo juvenil em Portugal**

No âmbito desta dissertação, importa aproximarmos os conceitos em análise à realidade do objeto em estudo e, por esse motivo, especificarmos o nosso entendimento sobre o associativismo juvenil e estudantil. Portanto, abordaremos as associações portuguesas que são, por um lado, compostas na sua maioria por jovens e/ou estudantes e, por outro, voltadas nas suas atividades para esse mesmo subgrupo da sociedade.

Neste subcapítulo, começaremos por recuperar os importantes movimentos estudantis históricos já mencionados, centrando-nos no panorama português e relacionando-os com a evolução do associativismo estudantil em Portugal. Posteriormente, apresentaremos o enquadramento jurídico do associativismo juvenil em Portugal, assim como importantes características daquele que é o cenário contemporâneo desta relevante faceta da sociedade portuguesa.

O século XX foi um período da história recente que viu crescer, através de uma série de movimentos e acontecimentos, o papel do indivíduo na sociedade nas mais variadas formas, desde o alargamento do sufrágio a uma maior participação cívica na sociedade. Uma destas participações foi uma maior união de grupos de indivíduos através de partidos políticos, sindicatos ou, tal como constatado anteriormente, associações.

Interessa, nesta circunstância, analisar especificamente o contexto histórico em que evoluiu o associativismo juvenil, sobretudo tendo em conta que, no panorama português, o crescimento do associativismo está alinhado com a democratização da sociedade proporcionada pela Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974. Ainda assim, importa voltar ao período do Estado Novo, no qual se verificam, sobretudo numa circunstância de crescente contestação contra o regime, novas formas de união de grupos de pessoas.

Observam-se, portanto, várias fases marcantes naquilo que é o associativismo juvenil, sobretudo o associativismo universitário estudantil, no regime do Estado Novo, bem descritas por Accornero (2009), e embaladas por vários movimentos estudantis ocorridos noutros pontos do globo, como é o caso do Maio de 1968 em França e do Outono Quente em Itália. Apesar da Constituição de 1933 prever, inicialmente, a livre

associação de cidadãos, rapidamente esta passou a ser alvo de perseguição, com a justificação de se poder tratar de um instrumento de subversão da ordem pública. Ainda assim, pareciam escapar as associações de estudantes, que eram na sua génese autogeridas e, apesar de se constituírem como um lugar de ideias pouco progressistas, desempenhavam um ambiente favorável ao incremento da objeção ao regime. Com o tempo, e com a progressiva repressão por parte do regime ditatorial através da limitação da natureza democrática das associações, estas tornaram-se, contrariamente ao desejado pela ditadura, lugares de crescimento de ideais da esquerda antifascista e anticolonialista (Accomero, 2009).

Outro relevante polo de análise é a Casa dos Estudantes do Império (CEI) que, apesar de não se tratar propriamente de uma associação, demonstra a importância de um movimento juvenil no contexto histórico em que se inseriu. A CEI foi criada em 1944, após uma fusão das breves antecessoras casas de estudantes das várias colónias e contando com o apoio do Ministério das Colónias e da Mocidade Portuguesa (MP), com o objetivo de evitar que essa dispersão pusesse em causa a unidade da nação portuguesa e a mentalidade imperial. No entanto, desde cedo que, naquela que era considerada pelo regime como uma “filha” da MP, se começam a verificar atividades de oposição ao regime, como a assinatura por parte dos seus dirigentes das listas de Movimento de Unidade Democrática ou o apoio à candidatura de Norton de Matos à Presidência da República, que levam progressivamente ao comprometimento da atividade democrática da instituição e, por fim, à sua extinção em 1965 (Castelo, 2015).

A democratização da sociedade portuguesa no pós-Revolução possibilitou a livre associação (no seu sentido de reunião) dos indivíduos, algo que se espelhou no crescimento expressivo de movimentos de moradores, clubes, sociedades e, principalmente, associações das mais variadas tipologias como forma de luta por direitos como a educação ou a habitação (Timóteo et al., 2024).

No que concerne ao seu enquadramento jurídico, o associativismo juvenil em Portugal obedece a um conjunto de critérios previamente estabelecidos pela Lei n.º 23/2006, de 23 de junho, que estabelece o regime jurídico do associativismo jovem. De acordo com este regime, as associações de jovens englobam várias categorias de entidades:

<b>Associações juvenis</b>	- Associações com mais de 80% de associados com idade igual ou inferior a 30 anos, e órgão executivo constituído por 80% de jovens com idade igual ou inferior a 30 anos e liderado por jovem com idade igual ou inferior a 30 anos à data da sua eleição; - Associações socioprofissionais com mais de 80% de associados com idade igual ou inferior a 35 anos, e órgão executivo constituído por 80% de jovens com idade igual ou inferior a 35 anos e liderado por jovem com idade igual ou inferior a 35 anos à data da sua eleição.	
	<b>Organizações de juventude partidárias ou sindicais</b>	São equiparadas a associações juvenis, desde que cumpram os requisitos destas, assim como os que regulam os partidos políticos e as associações sindicais.
	<b>Organizações nacionais equiparadas a associações juvenis</b>	São equiparadas a associações juvenis, desde que reconhecidas pela World Association of Girl Guides and Girl Scouts e pela World Organization of the Scout Movement.
<b>Associações de carácter juvenil</b>	- Organizações sem fins lucrativos que não cumprem os requisitos de associações juvenis, mas têm, nos últimos três anos, pelo menos 50 % da sua atividade direcionada exclusivamente para jovens e/ou tenham como objetivo a realização de atividades destinadas a jovens.	
<b>Associações de estudantes</b>	- Representam estudantes do respetivo estabelecimento de ensino básico, secundário, superior ou profissional,	
<b>Federações de associações</b>	- Agrupamento de associações juvenis ou de associações de estudantes em âmbito setorial, local, regional, nacional ou internacional.	

**Quadro 4:** As modalidades do associativismo juvenil. Fonte: adaptação da Lei n.º 23/2006, de 23 de junho.

O reconhecimento das associações juvenis cabe ao IPDJ, e carece de inscrição no RNAJ. Para serem reconhecidas necessitam, ainda, de um número mínimo de 15 associados. Em relação às associações de estudantes, estas são reconhecidas pelo membro do Governo responsável pela área da educação ou do ensino superior.

Os membros dos órgãos sociais destas associações gozam do estatuto do dirigente associativo jovem, que lhes confere benefícios a nível académico ou laboral, de forma a poderem desempenhar as suas funções associativas sem prejuízo do seu desempenho.

A Federação Nacional de Associações Juvenis (FNAJ) tem vindo, nos últimos anos, a procurar traçar o perfil do associativismo juvenil nas suas várias vertentes,

nomeadamente ao nível das próprias associações, dos dirigentes associativos e dos associados. A FNAJ procurou, em 2021, através do seu estudo “Associativismo Juvenil em Portugal. Indicadores e evidências de impacto do associativismo juvenil – Associados/as”, descrever a perceção de pessoas jovens acerca da sua experiência associativa. Nas suas conclusões, aponta aspetos como a relevância das associações juvenis na disponibilização de oportunidades de educação para a cidadania, de desenvolvimento de estratégias educativas para o empoderamento dos jovens, de espaço integração, respeito e bem-estar, considerando isso um elevado sentimento de orgulho, inclusão e de pertença à associação, de capacitação ao nível das competências sociais e profissionais, no seu papel social e comunitário, entre outras. No ano anterior, o estudo “Associativismo Juvenil Em Portugal. Indicadores e evidências de impacto do associativismo juvenil – Associações e Dirigentes Associativos”, evidencia que a maioria das associações atua a nível municipal, possui mais de 150 associados e as idades destes variam entre os 18 e os 23 anos. As principais atividades destas associações são a cultura, o lazer, a educação, o desporto ou a ação social, maioritariamente direcionada para jovens, apesar de algumas atuarem, também, noutras faixas etárias, com o objetivo de promover o envolvimento cívico, o apoio educacional e social. Através de parcerias com entidades públicas, fortalecem a sua atividade e respetivo impacto.

#### **2.4.4 Associativismo juvenil em Lisboa**

Através de um levantamento realizado em 2023 pelo RNAJ, o município de Lisboa conta com perto de 200 associações de jovens com uma multiplicidade de intuitos: estudantes, juventudes partidárias, religiosas, académicas, de recreação, desportivas, de solidariedade social, de debates universitários, de empreendedorismo ou tunas académicas<sup>3</sup>.

Neste levantamento do RNAJ, pudemos observar a referência a algumas associações que se adequariam a integrar a amostra da investigação empírica da presente dissertação, uma vez que as suas missões e objetivos partilham características comuns de representação, apoio e integração de estudantes internacionais nas comunidades estudantis e locais em que se pretendem inserir ao realizarem a sua mobilidade internacional (Quadro 5).

---

<sup>3</sup> Grupo académico musical.

<b>Nome da associação e Missão/Objetivos</b>
<p><b>AAUL - Associação Académica da Universidade de Lisboa</b></p> <p>“A Associação Académica da Universidade de Lisboa (AAUL) é a entidade representativa dos estudantes da Universidade de Lisboa (ULisboa). Fundada em 8 de março de 2007, a AAUL nasceu com o objetivo de unificar a representação estudantil, promovendo a defesa dos interesses e direitos dos estudantes perante as autoridades académicas e outras instituições.” (AAUL   Historia, s.d.)</p>
<p><b>UECL - União dos Estudantes Cabo-Verdianos de Lisboa</b></p> <p>“A União dos Estudantes Cabo-Verdianos de Lisboa é uma associação formada por estudantes universitários Cabo-Verdianos residentes em Lisboa que tem como principal missão o acompanhamento dos estudantes desde a sua chegada a Lisboa até o término dos seus estudos.</p> <p>Apostamos na integração dos estudantes na comunidade estudantil e na sociedade em geral, na promoção da cultura cabo-verdiana, promovemos ativamente a participação cívica dos mesmos encorajando o pensamento crítico fundamental para a resolução dos desafios que enfrentamos.” (UECL -União dos Estudantes Cabo-verdianos de Lisboa, s.d.).</p>
<p><b>JUPLP - Juventude Unida dos Países de Língua Portuguesa</b></p> <p>“A Juventude Unida dos Países de Língua Portuguesa nasceu em julho de 2020 com o objetivo de se tornar uma representação da juventude lusófona. É um movimento criado por jovens, para jovens e com intuito de aproximar as nações em projetos que promovem o diálogo, debate e o intercâmbio cultural. Atualmente a juventude desses países representa 16,4% da população que fala a língua portuguesa.” (JUPLP   Juventude Unida Dos Países De Língua Portuguesa, s.d.).</p>
<p><b>Erasmus Student Network Lisboa – ESN Lisboa</b></p> <p>“Erasmus Student Network (ESN) is a non-profit international student organisation. Our mission is to represent international students, thus provide opportunities for cultural understanding and self-development under the principle of Students Helping Students.” (Erasmus Student Network Lisboa - ESN Lisboa   Students Helping Students, s.d.).</p>
<p><b>Associação de Estudantes Angolanos em Portugal</b></p> <p>“A Associação de Estudantes Angolanos em Portugal (AEA – Portugal) é uma instituição de cariz associativo, sem fins lucrativos e políticos, cuja missão é a defesa dos interesses dos estudantes angolanos que residem em Portugal. Visando a concretização da sua missão, ao longo da sua existência a AEA – Portugal tem desenvolvido diversos projetos e actividades junto da comunidade académica angolana.” (Associação De Estudantes Angolanos Em Portugal   Escola Superior De Tecnologia E Gestão, s.d.).</p>

**Quadro 5:** Associações juvenis, registadas no RNAJ, direcionadas a estudantes internacionais a operar no concelho de Lisboa e respetivas missões ou objetivos. Fonte: Levantamento de 2023 por parte do RNAJ.

Depois, através das diversas associações de estudantes de estabelecimentos de ensino superior igualmente presentes nesse levantamento, averiguámos a existência de núcleos de estudantes também relevantes para o estudo, isto é, que se destacam

por terem como finalidade a integração e o desenvolvimento de atividades destinadas a estudantes internacionais, na maioria dos casos para grupos específicos – como africanos ou brasileiros, que costumam ser os integrantes desses núcleos:

- No ensino superior público universitário:
  - Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia
    - NEAISA – Núcleo de Estudantes Africanos do ISA
  - Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa
    - (Departamento de) Inclusão e Integração
  - AAFDL – Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa
    - (Departamento de) Erasmus e Relações Internacionais
    - Núcleo de Estudantes Africanos
    - Núcleo de Estudo Luso-Brasileiro
  - Associação dos Estudantes da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa
    - Departamento de Relações Internacionais
    - Núcleo de Mobilidade da AEFUL
  - Associação de Estudantes do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
    - Departamento de Erasmus
  - Associação de Estudantes do ISEG
    - (Departamento de) Mobilidade Internacional
  - Associação de Estudantes da Faculdade de Psicologia e do Instituto da Educação da Universidade de Lisboa
    - Departamento Mobilidade e Apoio ao Estudante Internacional
  - Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico
    - NEAIST – Núcleo de Estudantes Africanos

- AEFCSH – NOVA | Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da NOVA
  - Núcleo de Estudos Africanos e Lusófonos
- AEFDUNL – Associação de Estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa (NOVA Law SU)
  - Núcleo de Estudantes Internacionais
- No ensino superior privado universitário:
  - AEUE – Associação de Estudantes da Universidade Europeia
    - Núcleo de Estudantes Angolanos (NEAUE)

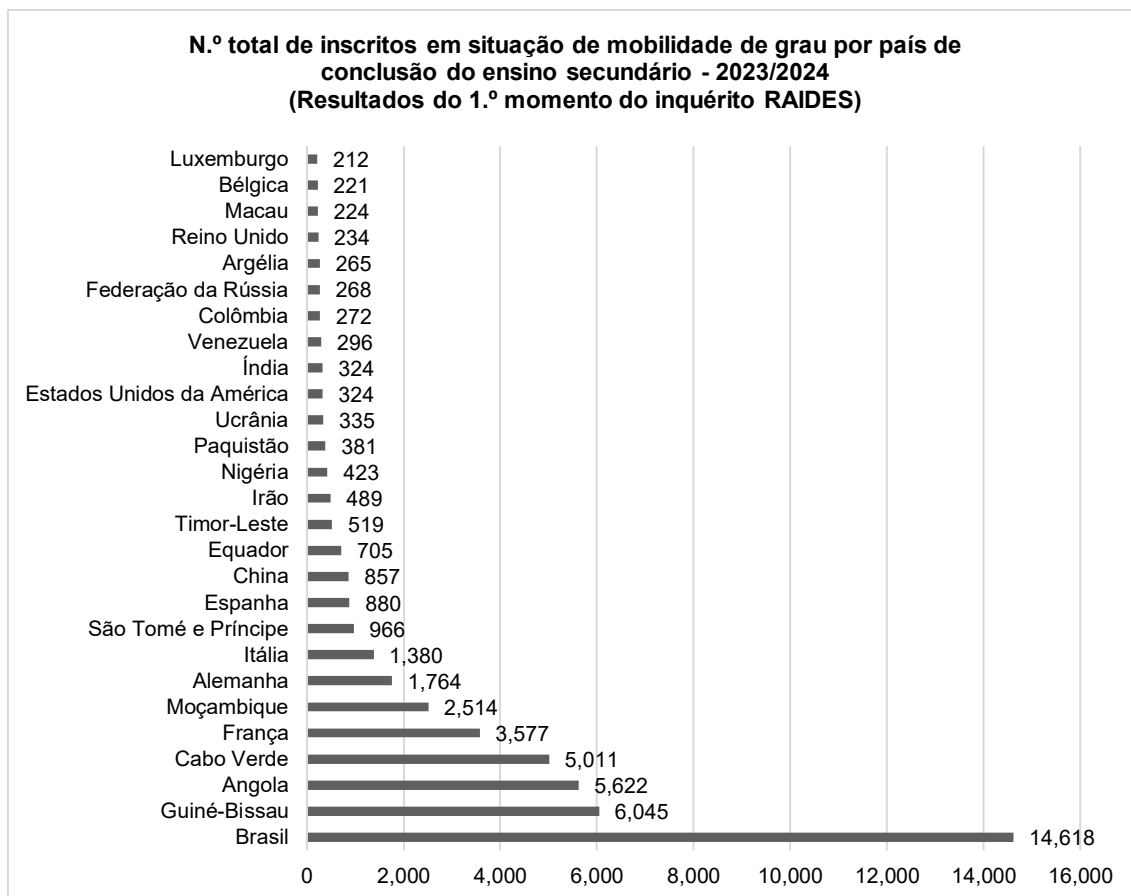
### **3. BREVE INTRODUÇÃO AOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS EM PORTUGAL E NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA: CARACTERÍSTICAS E DADOS DE INSERÇÃO**

#### **3.1 Caracterização do universo de estudantes internacionais**

De forma a obter uma visão holística do universo de estudantes internacionais em mobilidade de grau em Portugal, afigura-se necessário analisar os dados fornecidos pela DGEEC para o ano letivo 2023/2024, assim como a sua evolução nos últimos anos.

Como referido anteriormente, a DGEEC conceitualiza estes estudantes como “inscritos num curso/ciclo de estudos de um estabelecimento de ensino superior português, que concluíram o ensino secundário num país estrangeiro e que têm como finalidade a obtenção de um diploma português”, de onde são excluídos os estudantes em mobilidade de grau e os da Universidade Aberta (DGEEC, 2024).

De um total de 430 596 inscritos no ensino superior, os estudantes em mobilidade de grau constituíam um universo de 52 795 indivíduos (12,26%) no primeiro momento (isto é, os dados recolhidos até ao dia 31 de dezembro), tendo apresentado um decréscimo em relação ao ano letivo anterior. Destes 52 795, a maioria encontrava-se matriculada no ensino superior público (78,5%) e universitário (69,9%), estando os restantes no ensino privado ou politécnico, respetivamente. Além disso, mais de metade era do sexo feminino e, tal como em anos anteriores, os cinco países com maior incidência de proveniência eram Brasil (27,7%), a Guiné-Bissau (11,4%), Angola (10,6%), Cabo Verde (9,5%) e França (6,8%) (DGEEC, 2024). Podemos observar, em números absolutos, a distribuição por nacionalidades dos estudantes internacionais matriculados em instituições de ensino superior no ano letivo 2023/2024 na Figura 3.



**Figura 4:** N.º total de inscritos em situação de mobilidade de grau por país de conclusão do ensino secundário - 2023/2024 (resultados do 1.º momento do inquérito RAIDES). Fonte: DGEEC (2024).

Estes dados permitem-nos afirmar que a larga maioria, nomeadamente dois terços, dos estudantes internacionais a frequentarem ciclos de estudos no ensino superior português provêm dos países da CPLP, que partilham a mesma língua e um passado colonial, procurando agora a antiga metrópole para frequentar ciclos de estudos de ensino superior; os dados vêm, ainda, comprovar uma grande tendência de movimento do Sul para o Norte Global destes estudantes. Estes são países que atualmente têm vindo a celebrar diversos acordos de cooperação com Portugal no seio da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), de maneira a possibilitar aos seus nacionais uma maior facilidade no acesso. Com base em Alves (2015), podemos subdividir esse grupo da seguinte forma:

- para os PALOP, o regime especial consta do Artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 64-A/2023, de 31 de julho, que estabelece que os nacionais de países

- africanos de língua oficial portuguesa devem, em simultâneo: ser bolseiros dos respetivos governos, do governo português ou dispor de estatuto de bolsheiro certificado pelas autoridades competentes do seu país; ser titulares de um curso de ensino secundário português, ou equivalente, se concluído num PALOP; apresentar a candidatura por via diplomática; e ter idade igual ou inferior a 25 anos no ano da candidatura;
- para os nacionais de Timor-Leste, o regime especial consta do Artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 64-A/2023, de 31 de julho, que estabelece que os nacionais de Timor-Leste devem, em simultâneo: ser titulares de um curso de ensino secundário português, ou equivalente, se concluído em Timor-Leste; apresentar a candidatura por via diplomática; e ter idade igual ou inferior a 25 anos no ano da candidatura;
  - os estudantes brasileiros podem gozar do Estatuto de Igualdade de Direitos e Deveres, estabelecido pelo Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta que, na lei portuguesa, consta da Resolução da Assembleia da República n.º 83/2000, de 14 de Dezembro, celebrada entre Portugal e o Brasil, que define, entre outros aspetos, o direito ao trabalho sem limite de duração, o direito ao voto nas eleições autárquicas, a cooperação cultural, científica e tecnológica no ensino e na investigação e o reconhecimento de graus, títulos académicos e de especialização.

Relativamente a França, uma ilação que se poderá retirar destes dados será a provável preponderância de lusodescendentes no país, aliado a um custo de vida mais baixo em Portugal para esses estudantes e uma relativa facilidade no que respeita à língua.

A área de estudos mais frequentada por estudantes internacionais no ensino superior português é a das ciências empresariais, administração e direito, com 13 257 inscritos. Relativamente à localização, regista-se uma predominância geográfica nas NUTS II Norte (18 104 inscritos) e Grande Lisboa (16 663).

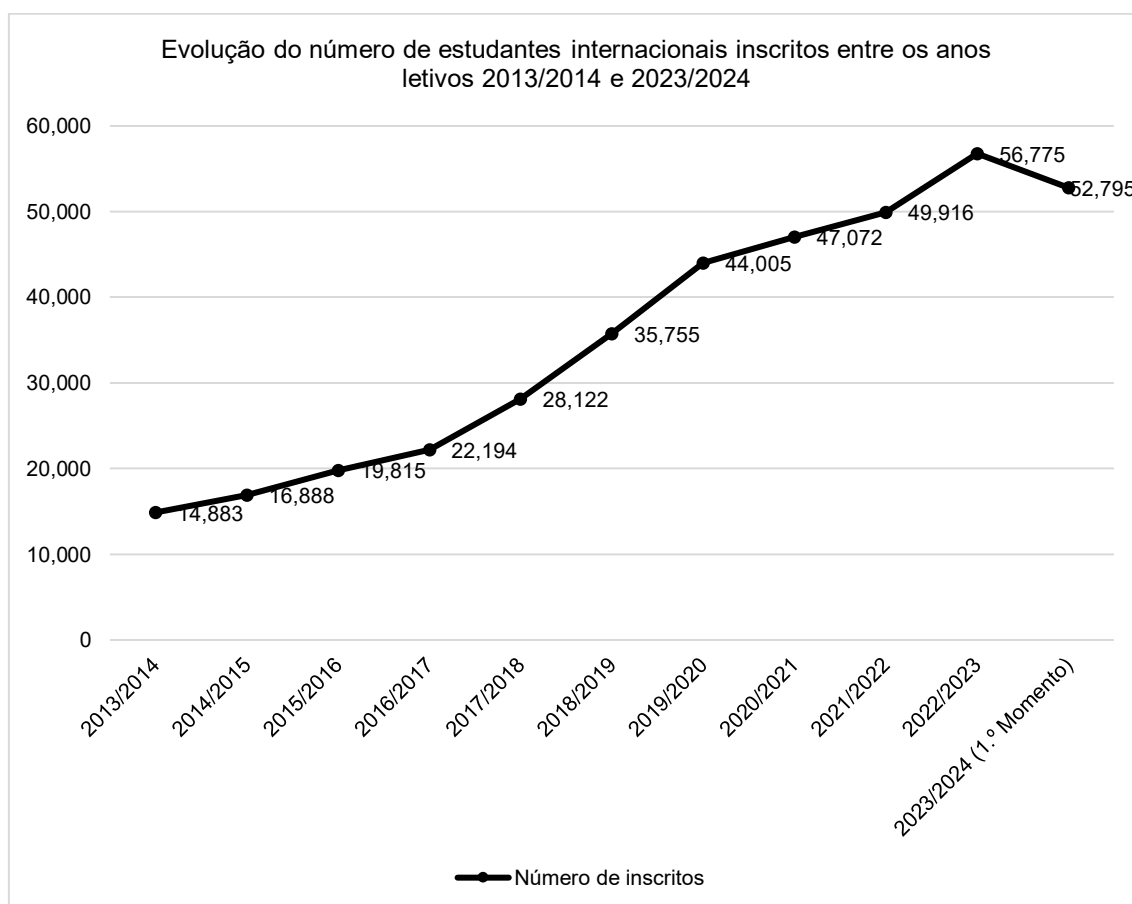
A maioria dos estudantes internacionais em mobilidade de grau encontra-se nos 1.º e 2.º ciclos de estudos, ou seja, em licenciatura ou mestrado, com 21 016 (39,8%) e 20 624 (39%) estudantes, respetivamente. Partindo desta distribuição, é nos estudantes desses dois ciclos que a dissertação se foca.

É importante, também, neste contexto, analisar a evolução do universo de estudantes internacionais em mobilidade de grau no território português nos últimos

anos para, igualmente, compreender de que forma tem ocorrido a internacionalização do ensino superior em termos numéricos.

A análise temporal que faremos iniciar-se-á no ano letivo 2013/2014, o ano mais antigo com dados estatísticos disponibilizados pela DGEEC acerca do inquérito RAIDES, que é efetuado anualmente desde 2008.

Enquanto no ano letivo 2013/2014 se encontravam matriculados 14 883 estudantes internacionais em instituições de ensino superior em Portugal, verificou-se um número de 52 795 no ano letivo 2023/2024, o que representa um crescimento de 254,7%, ou seja, mais que triplicou em números absolutos. Ainda assim, verificaram-se algumas variações durante esse período, como o decréscimo de cerca de quatro mil estudantes nos primeiros dados do ano letivo 2023/2024 (Figura 4).



**Figura 5:** Evolução do número de estudantes internacionais inscritos entre os anos letivos 2013/2014 e 2023/2024. Fonte: DGEEC (2024).

A tendência visível tem sido de crescimento, apesar da desaceleração provocada pela pandemia de Covid-19 e das subsequentes restrições à mobilidade, que se mostraram mais impactantes a partir do ano letivo 2020/2021, e do decréscimo no ano letivo 2023/2024, ainda que estejam apenas disponíveis os dados relativos ao 1.º momento do inquérito RAIDES. Ainda assim, o crescimento verificado ao longo do período em análise terá sido impulsionado por vários fatores, como o fortalecimento de acordos no seio da CPLP e pela afirmação de Portugal, e particularmente Lisboa, como um destino turístico a partir da segunda metade da década de 2010, tornando-se mais atrativo para estudar.

Por fim, é relevante ressaltar que, entre as vinte IES mais procuradas por estudantes dos PALOP a nível nacional, uma grande parte se encontra em Lisboa. Entre os anos letivos 2015/2016 e 2020/2021, a Universidade de Lisboa aparece em segundo lugar, após o Instituto Politécnico de Bragança, com 6969 estudantes dessa região de origem inscritos.

### **3.2 Questões de inserção dos estudantes internacionais**

No terceiro capítulo, pretendeu-se, junto de uma pequena amostra de estudantes internacionais em mobilidade de grau em instituições de ensino superior em Lisboa, averiguar as motivações para estudarem em Portugal, especificamente em Lisboa, as questões relativas à sua integração aos níveis académico, social e habitacional e a sua relação, ou ausência de relação, com as associações juvenis.

Para isso, constituímos uma amostra intencional e ilustrativa de três grandes grupos distintos de estudantes presentes na cidade de Lisboa, nomeadamente de oriundos do Brasil, dos PALOP e de países da Europa Ocidental. Adotámos o método de bola de neve, o que explica a existência de pequenos clusters (vários estudantes provêm de faculdades como o IGOT-ULisboa, o ISA-ULisboa ou a NOVA SBE).

Note-se que o recurso a esta amostra não tem como propósito fazer uma extrapolação para todo o universo de estudantes internacionais em Lisboa, mas sim identificar um conjunto de motivações, desafios e justificações para a presença destes que são essenciais para compreender a inserção dos estudantes internacionais e, também, para identificar diferenças entre as experiências vividas pelos membros dos três grupos. Efetivamente, consideramos que vários dos testemunhos fornecem exemplos concretos de problemas do dia-a-dia dos estudantes internacionais, que parecem ser mais preponderantes em determinadas origens geográficas ou sociais.

Decidimos, por esse motivo, realizar uma sistematização mista, apresentando os resultados de forma esquematizada (usando, por exemplo, tabelas ou gráficos) e em forma de “citações de entrevista” que permitam compreender o modo como os indivíduos experienciaram certos fenómenos através dos seus relatos na primeira pessoa; ademais, optámos por apresentar os testemunhos dos estudantes entrevistados na língua utilizada na entrevista, ao invés de traduzi-los para português, de forma a manter a autenticidade dos seus relatos. Importa, igualmente, referir que, por se tratar de entrevistas semiestruturadas e esse método permitir flexibilidade nas perguntas e respostas, existem questões que, em certos casos, não foram aplicadas devido à sua não pertinência face aquela situação concreta, o que explica a ausência da totalidade da amostra em alguns dos resultados.

A caracterização da amostra de estudantes internacionais pode ser visualizada no Quadro 6, numa distribuição por nome (fictício<sup>4</sup>), país de origem, idade. Estas informações, assim como outras mais detalhadas (ano de chegada a Portugal, concelho de residência, IES de matrícula e o ciclo e programa de estudos que frequentam), podem ser consultadas no Anexo 4. Não obstante, estas informações encontram-se esquematizadas os Quadros 7, 8, 9 e 10.

---

<sup>4</sup> Correspondente à anonimização da amostra em conformidade com o comprometimento com a Comissão de Ética do IGOT e com o termo de consentimento de tratamento de dados.

Nome após anonimização	País de origem	Idade
Emma	Bélgica	24
Lucía	Espanha	25
Louise	França	24
Sophie	França	24
Roberta	Itália	23
José	Angola	21
Adilson	Cabo-Verde	25
Dulce	Cabo-Verde	25
Gerson	Cabo-Verde	22
Mariama	Guiné-Bissau	26
Celestino	Moçambique	24
Teresa	Moçambique	22
Arthur	Brasil	24
Caio	Brasil	32
Davi	Brasil	23
Felipe	Brasil	24
Isabella	Brasil	37
Valentina	Brasil	34

**Quadro 6:** Caracterização da amostra de entrevistas semiestruturadas a estudantes internacionais em mobilidade de grau por nome, país de origem e idade (N=18). Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

Região	País	Número de estudantes
<b>União Europeia</b>	França	2
	Espanha	1
	Itália	1
	Bélgica	1
<b>PALOP</b>	Guiné-Bissau	1
	Cabo-Verde	3
	Moçambique	2
	Angola	1
<b>Brasil</b>		6

**Quadro 7:** Relação numérica do número de entrevistados por país de origem. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

<b>Concelho</b>	<b>Lisboa</b>	<b>AML e periurbano contíguo</b>
<b>Número de estudantes</b>	14	4

**Quadro 8:** Relação numérica do número de entrevistados por concelho de residência. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

<b>Universidade</b>	Universidade de Lisboa				Universidade Nova de Lisboa			Universidade Católica	
<b>Faculdade/escola</b>	IGOT	ISA	ISEG	FLUL	SBE	Medical School	FCT	SBE	FCH
<b>Número de estudantes</b>	4	3	1	1	3	1	3	1	1

**Quadro 9:** Relação numérica do número de entrevistados por estabelecimento de ensino. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

<b>Ciclo de estudos</b>	<b>1.º ciclo</b>	<b>2.º ciclo</b>	<b>Mestrado integrado</b>
<b>Número de alunos</b>	3	11	4

**Quadro 10:** Relação numérica do número de entrevistados por ciclo de estudos. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

### 3.2.1 Motivações para a mobilidade internacional

No âmbito das razões que motivaram os estudantes entrevistados a realizarem mobilidade internacional de estudos, obtivemos uma grande multiplicidade de respostas, verificando-se que, para alguns, não existiu apenas um motivo para realizarem um ciclo de estudos em Portugal. Podemos dividir estas motivações em duas grandes categorias, designadamente motivações exógenas ao sistema académico em que as componentes familiares e de proximidade cultural/linguística assumem destaque, e as e motivações académicas específicas (Quadro 11).

Motivação		Número de vezes mencionada
<b>Motivação exógena ao sistema académico</b>	Imigrou com a família	2
	“Aventura” no exterior/estudar no estrangeiro	4
	Tinha família em Portugal	3
	Clima	2
	Língua semelhante/igual	6
<b>Motivação académica específica</b>	Prestígio do ensino superior português	6
	Nível de exigência inferior ao país de origem	1
	Melhor ensino do que no país de origem	2
	Valorização do currículo/mais oportunidades de carreira	5
	Existência de acordos (CPLP) entre Portugal e o país de origem	3

**Quadro 11:** Motivações para a realização de mobilidade internacional de estudos. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

Começando pelas motivações exógenas ao sistema académico, alguns estudantes apontaram que frequentam IES em Portugal devido não a vontades pessoais, mas ao facto de terem imigrado com os seus familiares diretos.

“A minha mãe queria vir para cá, para Portugal, trabalhava numa empresa internacional e ela para tentar vir para cá ela me inscreveu.” (Davi, Brasil)

“No meu caso não foi bem uma questão de escolha minha. Em princípio foi porque meus pais vieram, imigraram, e depois nos trouxeram a mim e meu irmão.” (Valentina, Brasil)

Não obstante, a grande maioria dos entrevistados demonstrou uma vontade pessoal em estudar no estrangeiro.

“Estudar no estrangeiro, eu acho que era uma vontade pessoal que eu tinha.” (Isabella, Brasil)

“I always wanted to study abroad (...) I just wanted to live the experience, meet new people.” (Lucía, Espanha)

“Na altura, eu queria sair do Brasil, simplesmente para ter uma aventura.” (Felipe, Brasil)

Alguns indicam, ainda, que o facto de já terem família em Portugal foi um fator que pesou na escolha.

“Eu acho que eu escolhi Portugal, mais pela parte de haver familiares que viviam cá (...).”  
(Adilson, Cabo Verde)

O clima aparenta ser, igualmente, uma questão que os estudantes consideram para se estabelecerem em Lisboa, sobretudo quando provenientes da Europa Ocidental.

“(...) I naturally wanted a place that is sunny (...).” (Emma, Bélgica)

“I'm from the South of France, so I'm used to have the sun and after the three years in Amsterdam in the rain, I was like this is not possible. 'I need to go back to the sun'.”  
(Sophie, França)

Já a língua se destaca como a principal razão para estudantes internacionais provenientes do espaço lusófono, incluindo-se aqui tanto os PALOP como o Brasil.

“Eu depois decidi ir para Lisboa, principalmente por causa da língua.” (Felipe, Brasil)

“Portugal fez um *link*, visto que são países que têm uma língua semelhante.” (Caio, Brasil)

Relativamente às motivações académicas, existe junto de um grande número de estudantes entrevistados a perceção de prestígio do ensino superior português, algo que parece pesar na hora de optar por Portugal como o destino de mobilidade.

“The university was very good. It was very well ranked.” (Roberta, Itália)

“E também tem uma boa reputação, pelo menos em Cabo Verde tem uma boa reputação das instituições de ensino de Portugal.” (Adilson, Cabo Verde)

“O facto de Portugal estar bem posicionado, estando cá na Europa está bem posicionado, e oferece um bom ensino académico, apresenta uma qualidade reconhecida internacionalmente.” (José, Angola)

“I wanted a university that was well-ranked, a good university. I looked at the rankings and NOVA was one of the tops.” (Emma, Bélgica)

Para alguns, ainda, haveria a ideia de que o nível de exigência seria inferior ao país de origem, enquanto, para outros, poderiam aceder a um ensino com um nível melhor.

“The main reason why I chose Portugal rather than the other countries was because there was no GMAT<sup>5</sup> needed, and I was working at the time, and I didn't have time to study for GMAT.” (Emma, Bélgica)

“Para estudar no estrangeiro, basicamente, estava à procura de um melhor ensino, comparativamente com Moçambique.” (Celestino, Moçambique)

A valorização do currículo através da sua internacionalização foi, para os estudantes, um fator de opção pela inscrição num ciclo de estudos fora do seu país, algo que potenciará também as suas oportunidades a nível académico ou de carreira.

“Então, com um mestrado da Universidade Católica, uma universidade muito famosa em Portugal e que tem um ótimo ensino também, eu vou ser bem valorizado, vou avançar na minha carreira, e se der tudo errado, e eu tiver que voltar para o Brasil, eu vou ter um mestrado de uma universidade de Portugal, e no Brasil as pessoas valorizam muito isso e as experiências internacionais.” (Arthur, Brasil)

“Com o certificado de medicina que eu posso fazer em Moçambique, na Faculdade em que eu estava poderia ter acesso a trabalhar apenas em Portugal, mas fazendo em Portugal eu consigo trabalhar em algum outro país e ter mais acesso em algumas outras coisas que eu posso ter e mais outras oportunidades. Não só ficar presa numa só.” (Teresa, Moçambique)

“Não é que [o ensino em Cabo Verde] seja fraco, mas sempre na Europa há isso de ser melhor, dos diplomas servirem mais.” (Gerson, Cabo Verde)

“It's also because now I'm doing a double degree. The first year was in Lisbon, and then the second is in France. It was also for me an opportunity to combine both and have both the Portuguese and the French diploma, which I couldn't get in other universities.” (Sophie, França)

Para alguns estudantes, sobretudo de países da CPLP, a escolha de Portugal foi vista como normal pela existência de acordos de cooperação com o país de origem.

“Bem, em Cabo Verde a maior quantidade de vaga que dão é para Portugal.” (Dulce, Cabo Verde)

Há vários protocolos com o governo de Cabo Verde e Portugal é um deles.” (Adilson, Cabo Verde)

Tentámos, ainda no âmbito da motivação para efetuarem mobilidade internacional, compreender a perceção que tinham acerca da facilidade na obtenção de um diploma no país de origem ou em Portugal. Se alguns não veem diferença, a maioria

---

<sup>5</sup> Graduate Management Admission Test (Exame de Admissão para Graduados em Administração)

– com destaque para os europeus – argumenta que fatores como o acesso ao ciclo de estudos e o êxito nos exames e provas pesam na escolha de Portugal, que aparece como um espaço onde a obtenção do diploma é percebida como mais acessível. Ainda assim, alguns estudantes, sobretudo com proveniência dos PALOP, consideram o processo mais fácil no país de origem (Quadro 12).

Facilidade na obtenção de diploma	Número de vezes indicado
Lisboa/Portugal	9
País de origem	6
Não vê diferença	3

**Quadro 12:** Opiniões face ao grau de facilidade de obtenção de um diploma académico. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

“For sure passing my exams in NOVA is easier than passing my exams in Italy.” (Roberta, Itália)

“In terms of education I would say that, at least compared to my experience from the United Kingdom, but also, to how I know my friends are studying in Belgium, this is easier in terms of succeeding in getting good grades.” (Emma, Bélgica)

“Acho que fica mais fácil em Moçambique, porque o método de ensino português é muito mais difícil para um estudante que vem de África.” (Celestino, Moçambique)

“Mais fácil, é lá. O ensino aqui em Portugal é um bocado puxado.” (Gerson, Cabo Verde)

“Eu acho que seria mais fácil em Cabo Verde. Nem é pelo sistema de ensino em si, mas quando estás perto da tua família em Cabo Verde; por exemplo, havia universidade na minha cidade, eu poderia continuar a morar na casa dos pais e a estudar era diferente de vir cá para longe. Sim, eu acho que seria bastante mais fácil.” (Adilson, Cabo Verde)

“I would say it's more or less the same difficulty I think, at least compared to my bachelor university.” (Lucía, Espanha)

“Eu acho que o desafio de se obter um diploma em Portugal é você ter uma vida de imigrante.” (Isabella, Brasil)

### 3.2.2 O processo de integração

No âmbito da integração, os estudantes foram inquiridos em relação a vários aspetos desse processo ao nível académico, social e habitacional, a saber: as barreiras à aprendizagem, as dificuldades para se instalarem e viverem em Lisboa, as experiências

de discriminação e sensações de insegurança, a adaptação à cultura/modo de vida português, ao custo de vida em Portugal, especialmente em Lisboa, o processo de obtenção de autorização de residência, a relação com o país de origem e a perspectiva de permanência a longo prazo em Portugal.

### Barreiras à aprendizagem

Ainda que, para muitos, tenha sido um dos fatores que determinou a vontade de realizar um ciclo de estudos em Portugal, a língua foi apontada como a maior barreira à aprendizagem, no âmbito da integração académica. Foi construída, ainda, no guião, uma pergunta que anteciparia essa resposta, de forma a compreender como pode uma língua que é comum – no caso do seio da CPLP – ou semelhante – no caso de estudantes provenientes de países com línguas oficiais latinas – ser uma barreira à sua aprendizagem (Quadro 13).

Barreira	Número de vezes mencionada
Língua	10
<b>Background académico e exigência do método de ensino</b>	7
Necessidade de resolver questões burocráticas	2
Ter de trabalhar enquanto estuda	3
Atraso na chegada a Portugal	1
Dificuldade no acesso à informação	1
Barreira geracional	1
Manter a motivação e concentração	1
Dificuldade de socialização	3
Nenhuma barreira	3

**Quadro 13:** Barreiras ao processo de aprendizagem. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

Apenas uma estudante da União Europeia indicou a língua como uma barreira à aprendizagem, sendo que as restantes respostas provieram da quase totalidade dos estudantes brasileiros e dos PALOP entrevistados. Depreendemos que, apesar de ser um fator de decisão para estudarem em Portugal, muitos estudantes lusófonos acabam por sentir dificuldade na adaptação à variante lusa de falar português, com a qual não estão familiarizados.

“Minha dificuldade maior foi mesmo a questão da escrita e da fala. Nas provas e nos exames, acabava sendo prejudicada um pouco pela maneira de escrever que é diferente.”  
(Valentina, Brasil)

Os restantes estudantes da UE afirmam que, pelo facto de o curso ser ministrado em inglês, e não em português<sup>6</sup> (ao contrário da estudante supramencionada), não consideram a língua um obstáculo na sua aprendizagem, embora seja, por vezes, uma barreira na adaptação à vida diária na cidade de Lisboa.

Por seu turno, o *background* académico apresenta-se desfavorável a alguns estudantes na hora de se adaptarem ao sistema de ensino português, considerado por alguns mais exigente do que o vigente no país de origem, algo que é visível especialmente junto de estudantes dos PALOP. Algumas questões apontadas são um ensino secundário menos rigoroso, a impreparação para tecnologias, como o uso de um computador ou da internet, no país de origem, ou até mesmo a diferença na relação professor-aluno.

“O nível, diria eu, do liceu para a universidade. Aqui dão mais matérias no liceu. Então, foi mais difícil acompanhar na universidade.” (Dulce, Cabo Verde)

“No caso do Brasil, se você vem de uma escola pública que foi mais fraca, você tem um pouco de dificuldade aqui também de acompanhamento na faculdade.” (Valentina, Brasil)

“It was more to understand how the philosophy of teaching is different compared to how it was in Paris for me.” (Louise, França)

“Eu acho que a maior barreira é em relação à relação que os professores têm com os alunos na universidade. Eu acho que é diferente daquilo que tinha no Brasil; você tem uma aproximação muito maior com o professor.” (Felipe, Brasil)

Como mencionado por um dos entrevistados, o atraso na chegada a Portugal, potenciado pela demora na obtenção de visto, é um problema que afeta uma parte da comunidade de estudantes internacionais extracomunitários, acabando por funcionar como uma barreira à aprendizagem. Esta chegada mais tardia, argumenta um entrevistado, intensifica outros problemas, como a consequente dificuldade de socialização.

---

<sup>6</sup> Efetivamente, muitos cursos, sobretudo de pós-graduação, são lecionados em inglês – ou permitem diálogos em inglês e realização de avaliações nesta língua – que funciona como língua franca no espaço académico, algo que está muito assumido pelas Escolas e pelos estudantes, com destaque para os provenientes da Europa. Um exemplo extremo desta situação é a NOVA-SBE, escola frequentada por alguns inquiridos, que leciona integralmente em inglês todas as pós-graduações e quase integralmente as licenciaturas.

“Primeiro foi que a maioria dos cabo-verdianos, quando vêm para cá, vêm atrasados por causa dos vistos (...). Eu cheguei aqui em Novembro e foi cedo, porque a maioria dos outros chegou mais tarde ainda. Depois, integrar aqui, já ter de ir para a faculdade, para conhecer pessoas, para conhecer as coisas, tudo em cima de hora, fazer os documentos que tens que fazer, o NIF e isso e depois estudar ao mesmo tempo, foi um bocado difícil.” (Gerson, Cabo Verde)

Alguns estudantes acreditam que, se não tivessem de trabalhar enquanto estudam, teriam maior facilidade na aprendizagem e na sua integração. Isto parece assumir particular acuidade no caso dos estudantes não europeus, frequentemente com rendimentos menores e bolsas mais limitadas, num quadro de períodos de formação relativamente longos (3, 4 ou 5 anos), correspondentes a licenciaturas e mestrados.

“O problema de Lisboa é ser muito caro. (...) Conheço muitas pessoas, que por acaso também é parecido comigo, que precisa trabalhar para conseguir sobreviver em Lisboa. E, pronto, ter de lidar com o trabalho e estudos ao mesmo tempo.” (Davi, Brasil)

“A segunda, com certeza, é a razão do qual eu tenho de trabalhar e estudar. Obviamente, se eu não tivesse de trabalhar, eu poderia ainda estar mais integrado ali dentro da universidade.” (Caio, Brasil)

“A maior barreira é estudar e trabalhar.” (Mariama, Guiné-Bissau)

Por último, algumas estudantes de países da União Europeia afirmam que não existem, para si, barreiras à aprendizagem. Apontam, porém, fatores externos como o clima que podem desviar o foco para atividades mais recreativas ou sociais em detrimento dos estudos.

“I think the main issue is perhaps sometimes you're missing the motivation, (...) I think the fear of missing out was more present here. (...) Naturally when there was nice weather you wanted to go enjoy your day at the beach. It's not really a barrier to learning, but you kind of don't want to get to the studying part.” (Emma, Bélgica)

### **Dificuldades de instalação/vida em Lisboa**

A instalação e dia-a-dia em Lisboa de um estudante internacional é um processo de âmbito social e habitacional que acarreta diversas dificuldades, que foram visíveis nas respostas da maioria dos entrevistados (Quadro 14).

Dificuldade vivenciada	Número de vezes mencionada
<b>Encontrar um quarto ou uma residência de estudantes acessível e com condições</b>	<b>13</b>
Falta de apoio por parte da instituição de ensino com a procura de habitação	2
Diferentes mercados de arrendamento para nacionais e internacionais	1
Não poder visitar o quarto/apartamento antes do arrendamento	1
Problemas com vizinhança	1
Problemas com senhorio	1
Excesso de burocracia	2
Perceção de segregação por parte de nacionais-internacionais	1
Sociedade pouco acolhedora e disposta a ajudar	1
Barreira linguística	3
Custo de vida elevado	4
Não apresentou dificuldades	4

**Quadro 14:** Dificuldades vivenciadas na instalação e na vida diária em Lisboa. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

A dificuldade mais apontada e que aparenta ser transversal à maioria dos entrevistados, independentemente do país de origem, é encontrar um lugar para viver que disponha de condições e seja monetariamente acessível. É manifesta a preocupação que os estudantes têm com a falta de apoio prestado pelas instituições de ensino superior na oferta de vagas em residências estudantis ou, no mínimo, na procura de habitação condigna que colmate essa falta de oferta. Ademais, alguns estudantes preocupam-se, também, com problemas adjacentes ao dia-a-dia habitacional em Lisboa, como atritos com vizinhança ou colegas de casa (como observado no tópico seguinte) ou uma apreensão perante o senhorio e um possível acréscimo do custo da renda.

“Uma das que tive logo em 2019 foi encontrar um quarto ou uma residência para estudantes que tivesse condições. (...) a cada dois meses eu estava mudando de apartamento.” (Felipe, Brasil)

“Especialmente se você não mora na Europa. Você não pode, tipo, visitar Lisboa rápido, dar uma olhada nas coisas e depois voltar. Se eu fosse da Espanha, e eu quisesse visitar Lisboa, eu pagava ali cinquenta euros numa passagem aérea da Ryanair, vinha para cá, olhava tudo e voltava. (...) Tem muito lugar que parece bom online e quando você chega ele é ruim.” (Arthur, Brasil)

“I would say that there is like an international student housing market and the Portuguese housing market, like we don't get the same offers.” (Sophie, França)

“Not knowing if you can stay in the house because the landlord wants to push the price higher, and you don't know if you have the money to still pay.” (Roberta, Itália)

Pelo facto de a questão alusiva ter sido feita depois, alguns estudantes mencionaram especificamente o custo de vida elevado como uma barreira – supletiva e que engloba o significativo custo da habitação e a tendência para o aumento progressivo deste – à sua integração habitacional/social. E isto não pode ser dissociado de outros desafios também inerentes às carências financeiras como o facto de terem de trabalhar enquanto estudam e as despesas com a frequência do curso, algo que parece afetar mais os estudantes não europeus.

“Not knowing if you can stay in the house because the landlord wants to push the price higher, and you don't know if you have the money to still pay.” (Roberta, Itália)

“Encontrar uma casa? O preço? [risos] Encontrar uma casa que seja perto da universidade ou perto de uma estação de comboios, ou autocarros, seja o que for. E depois, o ir para a universidade e o preço da universidade, o preço de Cabo Verde é mais baixo, aqui é pior.” (Dulce, Cabo Verde)

“Agora é só o que eu sinto que é maior que eu tenho é trabalhar e estudar. Às vezes eu vou sair cansada do trabalho, vou chegar aqui para estudar um pouco, vou ficando adormecendo [risos], não consigo mesmo.” (Mariama, Guiné-Bissau)

Apesar de à questão da adaptação à cultura portuguesa nenhum estudante ter indicado que teve dificuldade, existem alguns fatores culturais mencionados e que podem estar relacionados com a cultura, como a barreira linguística, o excesso de burocracia, uma perceção de separação nacionais-internacionais, e, de acordo com uma estudante, a noção de uma sociedade menos acolhedora e disposta a ajudar.

“Ao chegar aqui, vocês falam mesmo muito rápido [risos], tão rápido que às vezes ficava só observando, ficava quieta mesmo. E o professor perguntava “entendeu?” e eu só ficava quieta para não perguntarem nada e não ter de responder porque eu não sabia nada, não sei o que se estava a falar.” (Teresa, Moçambique)

“For sure the struggle is with the bureaucracy and things about services that are mainly delivered in Portuguese, and not even when you try to speak Portuguese, they don't have a lot of patience.” (Roberta, Itália)

“I would say that there was a clear a separation between internationals and Portuguese people that maybe they didn't mix as much as I would have enjoyed. But this is not a problem per se, because, of course, the nationals also stay together. But for instance, in

the housing is going to be the same, I would say that there is like an international student housing market and the Portuguese housing market, like we don't get the same offers.” (Sophie, França)

“Perhaps that's more towards the Portuguese older age groups, but sometimes I did not think they were the most helpful, they were a bit less welcoming.” (Emma, Bélgica)

Por fim, quatro estudantes indicam que não tiveram dificuldades na instalação e na rotina diária em Lisboa. As principais justificações são o facto de terem uma boa rede de contactos no país ou um suporte familiar. A família e os amigos presentes no país de chegada ajudaram na integração, não só habitacional – tendo sido eliminado o relevante fator da procura de casa, mencionado na maioria das entrevistas – como social.

“Não foi assim tão difícil a instalação, porque eu já tinha uma irmã cá, então por acaso estou a morar com ela. E então a procura de casas não foi muito difícil. Ela aqui já tinha um bocado de experiência, tenho também as minhas tias e primos aqui, então ajudam a tratar os documentos, a tratar outras coisas essenciais para aqui.” (Gerson, Cabo Verde)

### **Discriminação/insegurança**

Com uma amostra de estudantes provenientes de contextos nacionais diversificados, nomeadamente países europeus, africanos e Brasil, determinámos a necessidade de averiguar a perceção e as possíveis experiências de fenómenos com impacto negativo na integração, como a discriminação ou mesmo o racismo, considerando eventuais diferenças entre grupos. Neste parâmetro, certos fatores como a nacionalidade e a etnia, terão ainda maior relevância explicativa potencial, uma vez que podem gerar diferenças entre estudantes de países diferentes e até do mesmo país (por exemplo, entre um estudante branco e um estudante negro ou uma estudante mulher e um estudante homem).

Em termos gerais, deve dizer-se que a generalidade dos estudantes declarou nunca ter sofrido qualquer tipo de discriminação académica, social ou habitacional (Quadro 15).

Experiência discriminatória		Número de vezes mencionada
<b>Discriminação académica</b>	Sentiu-se discriminado/a por não falar português de Portugal	2
	Sentiu-se discriminado/a pela cor da pele ou por ser estrangeiro/a	1
	Comentários xenófobos	1
<b>Discriminação social</b>	Sentiu-se discriminado/a por não falar português de Portugal	1
	Sentiu-se discriminado/a por ser estrangeiro/a	1
	Comentários xenófobos no trabalho	3
	Comentários xenófobos por colegas de casa	1
	Sofreu desigualdade de tratamento em espaço público	1
<b>Discriminação habitacional</b>	Falta de resposta a anúncios de quartos/apartamentos	1
	Preferência de senhorios por inquilinos do sexo feminino	1
	Preferência de senhorios por inquilinos portugueses	1
<b>Aspetos gerais</b>	Preocupação com xenofobia/racismo	3
	Sentiu desconforto/"insegurança" em espaço público	2
	Nunca sentiu qualquer discriminação	10

**Quadro 15:** Experiências e perceções de discriminação em diferentes domínios. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

Alguns estudantes demonstraram que, antes de virem para Portugal, tinham o medo de poder vir a sofrer algum tipo de discriminação com base na nacionalidade ou etnia, mas acabou por não se verificar nenhuma situação. Outros, ainda, reconhecem que é um problema crescente na sociedade, visível, por exemplo, nas redes sociais e em discursos no espaço político, que têm consequências práticas na vida das pessoas mais vulneráveis.

“Eu abro muito agora as redes sociais e eu sou bombardeado, por exemplo, com campanhas de extrema-direita o tempo todo, e às vezes eu me sinto muito bem aqui, sempre senti, mas às vezes eu começo a pensar tipo se realmente tipo, eu deveria estar aqui.” (Felipe, Brasil)

“Sim, eu acho que Portugal, assim como outros países da Europa, tem um grau de xenofobia bastante acentuado. Então a gente encontra em menor grau ou em maior grau, dependendo das situações. Na universidade, acho que foi um ambiente menos evidente.

Mas eu acho que, por ser brasileira e por ser mulher, talvez a gente encontre algumas dificuldades, a gente passe por algumas situações.” (Isabella, Brasil)

São dados, pelos estudantes, alguns exemplos de situações de preconceito nas quais se sentiram discriminados ou prejudicados por serem estrangeiros, mas desvalorizam essas experiências, afirmando que seria exagerado considerar discriminação.

“In NOVA there’s a lot of Germans, and you can really see that the Germans have this specific opinion about Southern European countries (...) and they think that the Southern European countries don’t work as well, so maybe yes, in that sense. These are minor things, I didn’t really feel discriminated like in a big way, so nothing that didn’t allow me to still live here, just little things.” (Lucía, Espanha)

Continuando no âmbito acadêmico, obtivemos testemunhos de estudantes que, por exemplo, oriundas do Brasil, ouviram comentários negativos em relação à utilização da língua portuguesa, norma brasileira, numa ótica de imposição do português de Portugal como o único correto.

“Já escutei de colega aí na universidade, tipo ‘ai, mas você não consegue falar «dia», em vez de falar «djia?»’ e eu ‘não, eu não tenho interesse em falar «dia». Eu falo com o meu sotaque, né?” (Isabella, Brasil)

“Tinha uma professora de desenho, que nós éramos três estrangeiros não europeus, e eu nem sou assim tão escura, mas éramos estrangeiros que ela via logo que nós éramos africanos. Era eu, uma colega minha da Namíbia e outro rapaz que não me lembro de onde era, mas ele era muçulmano. E a professora sempre nos saltava na hora da dúvida, nós é que tínhamos de chamar para tirar as dúvidas. E na hora de dar a nota, ela deu uma nota, tipo pegou no caderno só e deu-nos uma nota só para passar. Sendo que aquele rapaz era praticamente o melhor da turma.” (Dulce, Cabo Verde)

No que respeita à discriminação social, obtivemos mais testemunhos, principalmente em ambiente laboral, mas também na partilha de casa ou no espaço público.

“Eu fiz um ano letivo em uma escola em Portugal pública, e você escuta falas de jovens estudantes ‘volta para sua terra’, por exemplo.” (Isabella, Brasil)

“Eu me lembro no meu trabalho, eu tinha muito problema, mas só que era no início mesmo. As pessoas que vão procurar me tirar do trabalho. Mas sempre vou encontrar com uma encarregada portuguesa muito boa que vai me ajudar.” (Mariama, Guiné-Bissau)

“Eu me lembro que a primeira habitação que eu estava, tanto que um dos motivos que eu me mudei foi esse, tinha uma colega, uma pessoa ali que era da Grécia. Uma senhorita

da Grécia que era extremamente racista, xenófoba, falava mal dos muçulmanos, dos brasileiros, disso e daquilo.” (Arthur, Brasil)

“Uma vez fui a um estabelecimento, propriamente um restaurante, e as pessoas que chegaram depois de mim foram atendidas primeiro.” (José, Angola)

“Socially, I struggled a little bit with this bureaucratic thing. Sometimes I felt really excluded. When I was interacting with the bureaucracy offices and things like that, because they give up very easily when they see that you don't understand and I saw it happening to other people around me as well, that it was frustrating.” (Roberta, Itália)

Acerca de discriminação habitacional, alguns estudantes apontaram particularidades da sua experiência de procura de casa em Lisboa, como a aparente falta de resposta a anúncios de quartos e apartamentos por serem estrangeiros, e a preferência dos senhorios por arrendamento de longa duração, inquilinos portugueses ou do sexo feminino.

“Nessas três semanas, eu mandei anúncio, olhei todos os anúncios do planeta possíveis. E nenhum, nenhum foi respondido.” (Isabella, Brasil)

“Yes, the thing is that usually it's so difficult to find a place, first of all because it's super expensive, but still, sometimes, there's places that prefer long-term people and not students or short-term rentals, that's one thing. Another thing is that certain places also don't like to have students, because I think they assume – concerning international students specifically – that since it's a different country for us, we're not going to take care of the apartment or we're going to care less, because it's another country and once we leave, we are not going to care anymore about this.” (Lucía, Espanha)

“Uma coisa que eu vejo com muita gente, os senhorios valorizam muito uma coisa, que eu vim quando andei à procura nesses portais como o 'Idealista', que é o sexo feminino, ou dão prioridade. O que não é mau de todo, até certo ponto, mas limita. A pessoa quer, por exemplo, um quarto, gostou e quer ir, mas é somente para mulheres. Isso algo que eu vi que meio que discrimina um bocadinho.” (José, Angola)

Por último, duas entrevistadas mencionam comportamentos assediados de homens portugueses em espaços públicos, que lhes causam desconforto, o que pode demonstrar uma dupla vulnerabilidade deste grupo: serem mulheres e estrangeiras.

“As a girl, in Lisbon particularly, you feel really the look of men on you. It's a bit much sometimes in certain areas and you feel you're being scanned from head to toe. Which is not really nice and not really safe, you don't feel the safest sometimes. That could also be linked to the fact that you look foreigner, or maybe you're more interesting to them.” (Emma, Bélgica)

## Custo de vida em Portugal/Lisboa

Apesar de certos estudantes internacionais já terem mencionado este aspeto como uma dificuldade para se instalarem e viverem em Lisboa, a todos foi perguntado se, no geral, o custo de vida era um problema. A maioria respondeu que sim, dando várias vezes destaque à questão do alojamento como foi possível ver anteriormente, tendo apenas três considerado que não, acrescentando-se dois que afirmaram que não o é atualmente, mas estão preocupados com o futuro.

“Sim, porque a gente está falando de condições básicas de sobrevivência, a gente não está falando aqui de viver como um rei. A gente está falando aqui de uma pessoa que ganha um ordenado mínimo, médio, e que tem que pagar uma renda alta, que só aí já há uma disparidade, e depois há outros fatores: alimentação, segurança, lazer, roupa, etc.” (Caio, Brasil)

“É. Principalmente as contas de luz também. Acho que depende da zona. Vem mais caro. Eu como estou em Entrecampos vem uma conta que eu fico tipo “eu sei que não gastei esta quantidade” de luz ou água ou uma coisa desse género. A comida também piorou. A manteiga agora é dois euros, azeite também já não dá para comprar. No início, eu estava “bem”, entre aspas. Agora já estou mais num *struggle*.” (Dulce, Cabo Verde)

“Yes, it is. It's super expensive, and taking into account that we are students, it's even more expensive.” (Lucía, Espanha)

“Yes, actually it is, because it's something that I didn't anticipate when I moved here.” (Louise, França)

“Não muito, tirando a habitação.” (Celestino, Moçambique)

“As of now, I'm still lucky. But the perspective is a little bit scary.” (Roberta, Itália)

## Processo de obtenção de autorização de residência

A obtenção de autorização de residência é um processo que afeta os estudantes oriundos de países terceiros, como é o caso da CPLP, que interessam à presente dissertação. Como o estudante da União Europeia usufrui do direito de livre circulação, não lhe é requerido que solicite visto de entrada nem autorização de residência. No entanto, apesar da obrigatoriedade de se registar como residente após um período consecutivo de residência de três meses (Estudantes noutra país da UE: direito de residência - Your Europe, 2022), a maioria regressou dentro desse período ao país de origem ou demonstrou desconhecimento, pois não recebeu qualquer informação ou

comunicação dessa necessidade, pelo que na prática esta regra poderá não estar a ser aplicada corretamente pelas autoridades portuguesas (Quadro 16).

Problema na obtenção de autorização de residência	Número de vezes mencionado
Demora prolongada no SEF/AIMA	5
Demora na obtenção de visto no país de origem	2
Desconhecimento dessa necessidade (estudantes UE)	2
Decidiu não pedir (estudantes UE)	2
Dispunha de passaporte português	1
Demora com burocracia no registo como residente (estudantes UE)	1
Sem problemas com obtenção da autorização de residência	7

**Quadro 16:** Dificuldades na obtenção de autorização de residência. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

O maior problema apontado pelos estudantes é a demora nas respostas por parte do serviço nacional que controla a entrada e permanência de cidadãos estrangeiros – anteriormente, o SEF e, atualmente, a AIMA. Aquando da chegada, necessitam efetuar o agendamento de entrevista, de forma a poderem regularizar o processo.

“Não, não foi, o processo todo durou dois anos. Dois anos de você acreditar num sistema, e esse sistema prometer para você algo, e que na prática é muito fora disso. (...) Eu cheguei aqui, eu trabalhei não sei quantos meses sem nada, e depois que eu fui tentar requerer alguma coisa, eu só ouvia que não, “você não tem direito de nada, porque você não tem isso”. Aí você ia correr atrás daquilo, aí você chegava lá, “não, mas para você conseguir isso, você precisa disso”. (Caio, Brasil)

“Então tinhas que tirar um dia inteiro só para tentar fazer isto e podias até não conseguir fazer uma marcação. Eu, por exemplo, já houve anos que eu fiz uma marcação, só que o documento caducava quando eles me renovaram, eu só estive dois meses com cartão antes de caducar outra vez, e eu tinha que fazer uma marcação outra vez. E cada vez eu tinha de pagar uns cinquenta euros para renovar. E isto era anualmente.” (Adilson, Cabo Verde)

Um dos estudantes confessou ter tido problemas tanto com a obtenção do visto no país de residência, o que aponta também para as dificuldades de resposta das

autoridades consulares portuguesas, como com o atendimento por parte do SEF ou da AIMA.

“Eu pedi o visto em maio ou abril. Eu tive o meu visto para aí uma semana antes de vir para Portugal. Foi mesmo pouquíssimo tempo antes. (...) Eu quando vim, eu tive um problema que foi: eu tinha já o visto, mas, por exemplo, o cartão do visto na altura, eu só tinha agendamento no SEF em fevereiro e eu vim em setembro, ou seja, meses que eu não podia, por exemplo, nem sequer voltar ao Brasil e ficar lá, porque o visto tem lá a marcação e eu tinha que ficar aqui só a estudar.” (Felipe, Brasil)

Todavia, uma boa parte dos estudantes internacionais da CPLP afirmou não ter encontrado quaisquer problemas, tendo estes chegado, maioritariamente, antes ou durante a pandemia de Covid-19, no qual o processo estaria facilitado, ou tendo beneficiado de um processo mais ágil no geral por parte do país de origem.

“Por acaso, no meu caso, foi muito mais fácil do que para muitas pessoas que eu conheço. Por exemplo, quando eu peguei o meu visto para chegar cá, eles já tinham uma marcação para ir lá fazer a autorização de residência. Por isso foi muito rápido, e ela também veio em poucos meses. Por isso, no meu caso, eu não posso reclamar, foi bem expedito o serviço.” (Davi, Brasil)

“Foi fácil, porque os nossos governos têm uma espécie de acordo. Se faço um visto de estudante, eles fazem logo a marcação para o que na altura era o SEF.” (Celestino, Moçambique)

“Foi fácil, porque com comprovativo da inscrição no Instituto Superior de Agronomia foi somente submeter tudo lá num consulado em Angola, e quando cá cheguei com um passaporte, eu já tinha o agendamento para poder dar entrada no SEF.” (José, Angola)

No caso dos estudantes europeus, esta questão da obtenção da autorização de residência não é, evidentemente, um problema. Contudo, ainda há casos de desconhecimento da necessidade de registo de residente no seio dos estudantes europeus, sendo isso apontado como uma falha de esclarecimento da própria universidade; em outros casos, mesmo conhecendo, os estudantes decidiram não pedir, justamente por saberem que é um processo longo.

“Honestly, I've only heard about it like a few months ago that we had to register for the living permit (...) in terms of University, I think the University was not really helpful in telling you administratively what you needed. (...) Only some people have started doing it because now they started working in Lisbon and when they started working in Lisbon, that company said to them “but why were you not registered?” That's why you need to be registered, and you need to get a NIF, you need to get a NISS, and that's super hard to get. Actually, from everyone I've heard of, it's super hard to get the administrative part. It's really difficult. It takes a long time. Most of the information is in Portuguese. You have to

show up there super early in the morning and then you get to someone, and that person tells you, “Oh, I cannot do it today” or “I’m not the one responsible, you need to go somewhere else”. So, I’ve heard many stories and they’re not positive.” (Emma, Bélgica)

“I don’t have a residence permit because since I’m just studying and I can just move freely with the European Union system, it’s not mandatory unless I want specific stuff, for example I know that for the metro card if you are 23 or younger you can have it for free, but in order to have it for free you need to have a NIF number, then you would need to do it there, or if you work, for your contract you need it, but as a student you’re not required to have a residence permit.” (Lucía, Espanha)

“No, I didn’t do any of this, because as an EU citizen, I didn’t have to make this. All this process seems a bit tiring. I didn’t feel like it, because it’s not forced.” (Louise, França)

### Relação com o país de origem

Considerámos interessante compreender as sensações dos estudantes internacionais com o seu país de origem, nomeadamente se já tiveram oportunidade de regressar durante o ciclo de estudos, se sentem saudades de casa e, se sim, do que é que sentem mais falta, partindo do princípio de que a falta de casa pode afetar negativamente a sua experiência. Começando pelo regresso à terra natal, a maioria já conseguiu regressar, e entende que regressou as vezes que julgou suficientes; aqui, englobam-se todos os estudantes europeus entrevistados, justamente pela facilidade de proximidade ao país de origem. Este é uma das questões em que notamos uma maior dissemelhança entre os estudantes de diferentes origens (Quadro 17).

Já regressou ao país de origem?	Número de vezes mencionado
Já conseguiu regressar, mas sente necessidade de regressar mais frequentemente	5
Já conseguiu regressar as vezes que considerou suficientes	10
Ainda não conseguiu regressar	2
Não quis regressar	1

**Quadro 17:** Viagens de ida ao país de origem: realização e frequência. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

“Eu gostava de ir todos os anos, mas já há dois anos que não vou.” (Dulce, Cabo Verde)

“I think this year I went back to Italy five times in 10 months, so every two months, I go back for a week.” (Roberta, Itália)

De seguida, questionámos os estudantes acerca das suas saudades de casa e, em caso positivo, do que mais sentiam falta. As respostas foram variadas e, à semelhança da questão anterior, não houve qualquer estudante europeu que tenha afirmado sentir saudades de casa, pelo mesmo motivo de a proximidade geográfica possibilitar viagens de regresso mais frequentes; já os estudantes do Sul Global distribuem-se de forma mais equitativa pelas duas respostas (Quadro 18).

Sente saudades de casa?	Número de respostas
Sim – estudantes europeus	0
Sim – estudantes dos PALOP	5
Sim – estudantes brasileiros	5
Não – estudantes europeus	5
Não – estudantes dos PALOP	2
Não – estudantes brasileiros	1

**Quadro 18:** Respostas à questão “Tem muitas saudades de ‘casa’?” distribuídas por região de origem. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

Por fim, questionámos os estudantes acerca do aspeto do país de origem de que mais sentiam mais falta, e que Portugal não era capaz de colmatar em relação ao país de origem. Neste caso, já todos os estudantes mencionaram, pelo menos, um aspeto. Os laços familiares aparentam ser o maior fator de *homesickness*<sup>7</sup>, seguindo-se a gastronomia do país, a cultura ou modo de vida e os amigos (Quadro 19). Este sentimento de saudades de casa, principalmente no que respeita à família e amigos dos estudantes internacionais, é um fator de stress que, frequentemente, dificulta o processo de integração desses estudantes (Silva, 2013).

---

<sup>7</sup> Saudades de casa.

De que sente mais falta?	Número de vezes mencionado
Família	12
Amigos	5
Gastronomia	7
Cultura e modo de vida	6
Clima	3
Acessibilidades e eficiência	3
Sentimento de pertença ao lugar de origem	4
A casa	1

**Quadro 19:** Aspetos do país de origem de que mais sente falta. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

“Maybe food, but I think everyone would say that. I'm sorry, but you're not supposed to put ham and cheese in a croissant, that's not meant to be!” (Sophie, França)

“Eu mesmo, eu preciso ir para ver a minha família e os meus amigos. Ainda por cima eu tenho o meu namorado lá que eu queria tanto que ele viesse.” (Mariama, Guiné-Bissau)

“If you reach out to the university here, sometimes it takes you a month to just get a confirmation of what you already knew. But you needed that official confirmation from university, but it takes you long. In Belgium, I send that e-mail, after two days I already have the reply. In Belgium, they are very efficient, they have no time to lose. They're very efficient and this is something that is missing in Portugal, I would say.” (Emma, Bélgica)

“On a deeper level, I miss more being understood from people and being, let's say, known for my personality in the language that is actually my first language. I often feel like that I'm way funnier, way smarter, way more captivating when I'm speaking Italian, compared to when I'm speaking English.” (Roberta, Itália)

### **Perspetiva de permanência a longo prazo em Portugal**

Conforme a análise já realizada, verificamos que muitos estudantes veem na mobilidade internacional de estudos uma forma de valorizar o currículo e as oportunidades de carreira, e outros procuram um melhor ensino comparativamente ao do seu país de origem. Algo que é inevitavelmente comum a todos sem exceção é o facto de, na prática, serem, por um período mais curto ou mais longo período, imigrantes, temporários ou de mais longa duração, em Portugal. Aquilo que pretendemos analisar foram os projetos

futuros que detêm, designadamente se planeiam permanecer em Portugal, regressar para o país de origem ou mudar-se para um país distinto.

Notámos que, para a maioria, parecia ainda prematuro pensar nessa hipótese, não tendo ainda uma decisão sobre o assunto.

“Até primeiramente eu falava assim “se eu terminar o meu curso, vou trabalhar na minha terra”, porque era o meu destino. Mas com muitas dificuldades, problemas que nós estamos a ouvir sobre a Guiné-Bissau, às vezes nem dá vontade de ir outra vez para a Guiné-Bissau.” (Mariama, Guiné-Bissau)

Isto está em linha com várias literaturas, como Alves (2015) e Alves, King e Malheiros (2023), sobre o processo de construção das decisões de migração ou não migração dos estudantes internacionais que evidenciam o facto de diversos destes construírem o seu percurso progressivamente, o que implica a existência de dúvidas e mudanças de rumo e que são transversais às três regiões geográficas em estudo (Quadro 20).

Plano a longo prazo	Número de respostas
Deseja regressar ao país de origem	3
Deseja permanecer em Portugal	2
Deseja migrar para outro país	3
Ainda não decidiu ou apresenta indecisão	10

**Quadro 20:** Intenções sobre mobilidade futura. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

No entanto, há vários estudantes que, no momento da entrevista, declararam já ter uma opção relativamente á sua opção para o futuro, repartindo-se entre as três possibilidades existentes – regressar ao país de origem, algo que parece mais frequente entre os estudantes angolanos, como também evidenciou o trabalho de Alves, King e Malheiros (2023), ficar em Portugal, ou procurar oportunidades num país terceiro.

“Tenho a certeza de que eu quero mesmo voltar porque Angola hoje em dia tem grandes problemas, por exemplo, na área do ambiente, sanitários e por aí fora, que precisa de quadros formados e capacitados com qualidade para poder suprir todas as necessidades possíveis que lá se encontram. Então, eu gostaria imenso de voltar para o meu país. (...) Eu gostaria de ajudar realmente, porque é como algumas pessoas dizem, “eu não sou de um só sítio, eu sou do mundo”. E eu isso percebo também, eu gostaria mesmo de voltar para Angola.” (José, Angola)

“É, vou ficar aqui. Eu amo esse lugar. As pessoas são boas, as coisas são boas. Eu sinto que é mais fácil enfrentar os problemas daqui do que os de lá.” (Arthur, Brasil)

“Eu gosto de viver cá, mas por causa das condições de vida, por causa da inflação e tudo isso, acho que a opção é sair mesmo de Portugal, mas não era para voltar para Cabo Verde.” (Gerson, Cabo Verde)

### **3.2.3 A relação com as associações juvenis**

Na última parte das entrevistas realizadas com estudantes internacionais, quisemos compreender quem já tinha tido algum conhecimento ou contacto com associações juvenis ou de estudantes ou núcleos de estudantes, o porquê da existência ou inexistência dessa relação e as opiniões dos entrevistados em relação a essas noções que detinham. Desta forma, poderemos tentar medir o significado que estas associações detiveram no processo de integração dos estudantes internacionais e obter algumas ideias sobre como tornar a sua ação mais positiva, em termos quantitativos e qualitativos.

Tendo partido de uma tentativa de obter respostas acerca das três tipologias de associativismo mencionadas no parágrafo anterior, acabámos por conhecer as ligações dos estudantes internacionais a outros tipos de associação, como clubes, associações (não juvenis) ou empresas (que desenvolvem atividades semelhantes às das associações, mas numa vertente lucrativa).

A estas questões finais os estudantes entrevistados forneceram-nos um leque de respostas muito diversas, havendo estudantes que: 1) apenas conhecem superficialmente a existência de associações, mas nunca participaram em nenhuma atividade; 2) conhecem e já participaram em atividades de associações; e 3) conhecem, já participaram em atividades e aderiram formalmente a associações.

Conhece alguma associação juvenil, de estudantes ou núcleo de estudantes?		Número de estudantes
Sabe da existência de associações, mas nunca participou em atividades		2
Conhece e já participou em atividades de associações		12
	Interagiu com associação juvenil	8
	Interagiu com associação de estudantes	9
	Interagiu com núcleo de estudantes do seu curso	3
	Interagiu com núcleo de estudantes do seu país ou área geográfica	3
	Interagiu com outras associações ou outras organizações (ex.: clubes, empresas)	9
Conhece, já participou em atividades e aderiu formalmente a associações		6

**Quadro 21:** Conhecimento de (e interação com) associações por parte dos estudantes, segundo o tipo. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

Através do Quadro 21, podemos verificar que, ainda que todos os estudantes internacionais em mobilidade de grau entrevistados conheçam, de forma mais ou menos superficial, o associativismo juvenil em Portugal, apenas dois escolheram não participar em qualquer atividade de associações durante o seu percurso académico. No entanto, é frequente o relato de uma baixa participação em atividades, sendo frequente desconsiderarem essa participação ao longo das entrevistas.

“I just went to a Portuguese class. I don't know if this counts. Because the Erasmus Student Network had one class and I joined them. But besides this, I never joined because I didn't really feel like I would feel interested or, I don't know, I didn't feel very comfortable. I went to the Portuguese class because I thought this was very good for me to learn. But I didn't go to any social event or things like this because I was a bit, I don't know, a bit uncomfortable.” (Louise, França, sobre a Erasmus Student Network Lisboa)

Como podemos consultar no Anexo 5, a associação mais referida pelos entrevistados é a Erasmus Student Network Lisboa, sobretudo junto de estudantes provenientes da UE (as cinco estudantes europeias e um estudante brasileiro). A par disso, regista-se o conhecimento, por parte da maioria dos estudantes, da associação de estudantes da sua faculdade, com especial destaque para os estudantes da NOVA SBE e do ISA-ULisboa, assim como a interação com clubes e núcleos de estudantes relacionados com áreas de estudo e países ou regiões específicas (como a CPLP). Por outro lado, é importante frisar que as associações juvenis relacionadas com nacionalidades não foram mencionadas por todos os estudantes nacionais dos países correspondentes, como é o caso da UECL (referida por dois de três estudantes cabo-

verdianos) ou a AEAPortugal (que não foi referida pelo estudante angolano entrevistado).

Em relação ao tipo de atividades procuradas pelos estudantes, enquanto participantes, denota-se a preferência por atividades recreativas, como festas, churrascos ou outros festejos diurnos e noturnos (Quadro 22).

Tipo de atividades procuradas	Número de vezes mencionadas
<b>Atividades sociais/recreativas</b>	<b>12</b>
Feiras de emprego	1
Debates	1
Celebrações do país/área geográfica	2
“Jornadas” da área de estudos	1
Prémios de mérito	1
Deveres associativos enquanto membro	2
Viagens, visitas de estudo ou visitas guiadas	2
Atividades desportivas	1

**Quadro 22:** Tipo de atividades procuradas pelos estudantes entrevistados. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

Questionámos os estudantes acerca das opiniões que detinham em relação às associações que conheciam, sendo de frisar que o balanço entre pontos positivos e negativos é bastante equilibrado, sendo numerosas as sugestões que efetuaram (Quadro 23).

Avaliação das atividades da associação	Número de vezes
Pontos positivos	9
Pontos negativos	7
Sugestões de melhoria	15

**Quadro 23:** Síntese da avaliação das atividades das associações. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

“Por acaso, de zero a dez, é um dez. É uma forma de juntares a comunidade de estudantes cabo-verdianos aqui, e não só de estudantes, porque também há outras pessoas cabo-verdianas que vão lá. Mas é uma boa forma de juntar e também sentir aquele clima, porque estamos noutra país, vemos mais portugueses e várias outras pessoas, mas é uma boa forma de nos juntarmos com a nossa cultura, com a nossa

comida e divertimo-nos um pouco.” (Gerson, Cabo Verde, referindo-se às atividades da União dos Estudantes Cabo-Verdianos em Lisboa)

“The only thing is also why I didn't go to so many activities, like there's a lot yes, but all of them you have to pay, except for like maybe some specific walking tours or things like that. So, in the end it ends up it being a lot of money, like a party would be €20.” (Emma, Bélgica, referindo-se às atividades da NOVA SU e da Erasmus Life Lisboa)

Além disso, quisemos, também, saber se os estudantes poderiam, de forma geral, indicar sugestões de melhoria às atividades das associações, com base naquilo que eram as suas experiências e as necessidades que sentem no dia-a-dia.

“Olha, eu acho que elas deviam se apresentar, sei lá, enquanto associação, enfim, criar um momento para se apresentar para os estudantes. Não vivi isso. Eu fui percebendo que tinha uma associação de estudantes devido aos *e-mails* que tinham de algumas reuniões, de convocação e tal, mas presencialmente, nominalmente, não, não vivi esse momento, no qual se apresentarem, explicarem o papel, enfim, convidarem para alguma atividade.” (Isabella, Brasil, referindo-se à Associação de Estudantes do IGOT-ULisboa)

“There are lots of groups, but they are always full and they're full of spam that is not even helpful. So maybe better channels for more practical things like getting a house, getting a NIF, getting your passport, getting a doctor. Like, if there could be a place where people said, 'OK, I went to this doctor, he actually speaks English. So, if you need him, contact him. I went to this gynaecologist.' 'She's a woman, she speaks English and French. You can go there, and this is the price.' That could be very helpful cause I see all my friends struggling with that.” (Roberta, Itália, referindo-se às atividades da NOVA SU)

Para além das supramencionadas, os estudantes entrevistados efetuaram sugestões maioritariamente relacionadas com a melhoria da comunicação por parte da associação – sobretudo no início do ano letivo ou semestre –, a diversificação de atividades e do seu público-alvo, uma maior inclusão de estudantes internacionais na composição das associações e núcleos de estudantes e a promoção de uma interação mais aprofundada entre os estudantes internacionais e os membros das associações e estudantes portugueses. Além disso, é importante destacar que os pontos positivos se prendem com o grande número de atividades, o sentido de comunidade gerado (com pessoas do mesmo país, por exemplo) e o contributo geralmente positivo para a sua integração, ao passo que os pontos negativos mais referidos foram a falta de apoio em questões mais básicas (como a adaptação aos portais das faculdades ou questões burocráticas), a orientação para determinados grupos de estudantes e a exclusão (involuntária) de outros, ou o preço elevado de determinadas atividades.

Conforme referido anteriormente, alguns dos estudantes entrevistados fazem, ou já fizeram, parte de forma efetiva de algum tipo de associações, núcleos ou clubes. Dos seis estudantes que o afirmaram, três eram brasileiros, duas europeias e uma moçambicana, e envolveram-se em associações sobretudo relacionadas com o seu curso, área de estudos ou área de interesse.

No campo das motivações para entrarem numa associação enquanto membro efetivo durante o ciclo de estudos, os estudantes internacionais procuram, principalmente, conhecer novas pessoas e fazer novos amigos com quem partilhem interesses, envolverem-se em atividades do seu interesse ou que valorizem o seu currículo ou, simplesmente, ter um sentimento de pertença ou de “casa” (Quadro 24).

<b>Motivação para se associar</b>	<b>Número de vezes mencionada</b>
Conhecer pessoas novas e partilhar experiências	5
Interesse pelo tópico e atividades do núcleo/clube	2
Sentir-se em casa	1
Vontade de aprender mais e valorização do currículo	2

**Quadro 24:** Motivação para integrarem uma associação. Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

## **4. O ASSOCIATIVISMO JUVENIL COMO MOTOR DE INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS EM PORTUGAL E EM LISBOA**

Partimos para este importante capítulo com uma conclusão retirada do capítulo 3: a de que, efetivamente, as associações juvenis podem contribuir para a integração dos estudantes internacionais em mobilidade de grau em Lisboa; mas, não só não conseguem atingir todos os estudantes, como não contribuem de igual forma para todos.

O presente capítulo dedica-se a compreender, então, através de alguns exemplos, os contributos que algumas associações têm na integração dos estudantes internacionais. Foram cinco as associações entrevistadas, das quais quatro foram mencionadas pelos estudantes supramencionados. Através destas entrevistas semiestruturadas, procurámos compreender: os principais objetivos e atividades; as perceções da associação em relação às dificuldades académicas, sociais e habitacionais enfrentadas pela comunidade de estudantes internacionais com a qual se relacionam; a conduta da associação perante a necessidade de contribuírem para colmatar essas dificuldades; os desafios que as associações enfrentam e as soluções que encontram para superar esses desafios; bem como a recolha, junto dos estudantes, de *feedback* sobre a sua atividade, e de como esse *feedback* tem potencial para a transformar.

### **4.1 Notas Introdutórias ao tecido associativo juvenil, ao tipo de estruturas e às suas atividades junto dos estudantes internacionais**

Principiando pela caracterização das associações mais direcionadas para os estudantes internacionais, estas distinguem-se, desde logo, pela sua diversidade no que toca à dimensão, tanto de membros como de número de estudantes com que trabalham, indo de um núcleo com alguns alunos que operam para a pequena comunidade de estudantes PALOP dessa faculdade (o NEAL-NOVA), até uma associação juvenil com uma centena de membros que oferece os seus serviços e atividades à comunidade inteira presente na região de Lisboa, como a ESN Lisboa. Existem, ainda, federações de associações que englobam, em si, múltiplas associações juvenis ou de estudantes com vários objetivos comuns, como a Federação Académica de Lisboa. Outra dimensão da diferença diz respeito aos destinatários-foco, pois embora se trate sempre de jovens e jovens estudantes, há estruturas direcionadas para subgrupos de determinada nacionalidade (e.g. estudantes de Cabo Verde ou dos PALOP, estudantes brasileiros)

e estruturas que abarcam toda a comunidade académica, de uma Escola, uma Universidade ou várias.

Olhando agora para o universo do associativismo juvenil em Portugal, não existem estatísticas concretas acerca do número real de associações deste tipo, uma vez que nem todas se encontram registadas no Registo Nacional do Associativismo Jovem (RNAJ). No entanto, uma listagem fornecida pelo IPDJ permite-nos concluir que são perto de 1200 as registadas nesta entidade. Destas, seleccionámos as que se encontram na região de Lisboa, e contactámo-las para o efeito do preenchimento de uma ficha de caracterização da associação, de forma a analisarmos as suas especificidades e obter contactos diretos dos seus dirigentes para as posteriores entrevistas semiestruturadas.

Antes de partir para as entrevistas e respetiva análise, efetuámos uma breve pesquisa nos sítios *web* e nas redes sociais de várias associações a nível nacional, o que nos permitiu recolher e apresentar nas próximas páginas alguns exemplos de iniciativas e projetos direcionados para os estudantes internacionais em mobilidade de grau ou de crédito, ou para toda a comunidade estudantil, que também engloba os estudantes internacionais. A procura não exaustiva e aleatória por estas boas práticas e o seu posicionamento no quadro das estruturas que as promovem permitirá, oportunamente, confrontá-la com os resultados das entrevistas na construção do guia orientador do Capítulo 5 da presente dissertação.

Começando pela federação que engloba treze associações juvenis em Portugal (uma das quais estudada no próximo subcapítulo), verificamos que a Erasmus Student Network Portugal dispõe de três projetos que se destacam no seu sítio *web*. O *Survival Guide*<sup>8</sup> (Figura 5), um guia explicativo para estudantes internacionais, em inglês, explica questões essenciais para a mobilidade internacional em Portugal, como o processo de obtenção de visto e autorização de residência, dicas sobre alojamento, informações sobre a cultura local, como a gastronomia ou as festividades, indicação dos principais pontos turísticos das várias regiões do país, a rede de transportes públicos, o acesso a serviços de saúde e, por fim, os eventos e iniciativas da organização. Depois, em linha com o primeiro, foi desenvolvido o *Orientações Lusófonas* (Figura 6), um guia destinado a estudantes da CPLP que, reconhecendo as particularidades linguísticas e culturais deste grupo, explica as principais questões a ter em conta para a mobilidade, como processos burocráticos simplificados ao abrigo dos acordos CPLP ou as redes de apoio

---

<sup>8</sup> Em tradução livre: Guia de Sobrevivência.

existentes que podem facilitar a integração, destacando-se a colaboração da UECL na construção deste guia. Por fim, o projeto *Christmas with Portuguese Families*<sup>9</sup>, que permite ao estudante internacional celebrar uma consoada tipicamente portuguesa através do seu emparelhamento com uma família portuguesa voluntária.



**Figura 6:** “*Survival Guide*” da ESN Portugal. Fonte: *Website* da ESN Portugal.

---

<sup>9</sup> Natal com Famílias Portuguesas.



**Figura 7:** Guia “*Orientações Lusófonas*” da ESN Portugal. Fonte: *Website* da ESN Portugal.

Ao nível local, isto é, na ESN Lisboa, estes projetos nacionais são divulgados, aos quais se acrescentam outros, como um grande número de eventos culturais, sociais, desportivos ou recreativos – mais de trinta no primeiro mês do semestre (Figura 7) –, e de parcerias comerciais e institucionais, ou o seu programa de mentoria, o *Buddy Programme*. A participação nestes eventos está, muitas vezes, reservada a detentores do cartão de sócio, o *ESNcard*, que oferece aos seus detentores descontos em parcerias a nível local, nacional ou internacional.



**Figura 8:** Calendário de atividades da ESN Lisboa do mês de setembro de 2024. Fonte: Instagram da ESN Lisboa.

A União de Estudantes Cabo-verdianos de Lisboa (UECL) é outra das associações entrevistadas no âmbito desta dissertação e, através do seu *website*, sobressaem duas iniciativas: o *Prémio de Mérito Universitário UECL*, que se destina, como o próprio nome indica, a premiar monetariamente os estudantes cabo-verdianos que se destacam no âmbito académico, e a *Bolsa Social UECL*, um projeto que procura mobilizar a comunidade do país na diáspora para angariar fundos para a atribuição de bolsas de estudo para estudantes com dificuldades económicas.

Uma breve visita às redes sociais da Associação de Estudantes Angolanos em Portugal (AEAPortugal) permite-nos encontrar o seu *Guia do Estudante Angolano em Portugal*, um documento digital que indica, ao estudante angolano, as principais questões a ter em conta antes da partida e à chegada a Portugal, como os processos burocráticos e legais, alojamento e transportes, informações sobre universidades e associações estudantis e outras dicas de planeamento. Além disso, apostam na capacitação dos seus associados, com a disponibilização de cursos certificados em

áreas como gestão de projetos ou empreendedorismo, realizam sessões de esclarecimento, divulgam oportunidades de emprego, estágio e voluntariado e organizam eventos de integração.

A Associação Académica da Universidade de Lisboa (AAUL), no âmbito do seu departamento de Responsabilidade Social, possui dois projetos: o *Banco de Habitação*, com partilha de anúncios de arrendamento acessível, e o *Banco de Voluntariado*, um projeto de partilha de oportunidades de voluntariado, no qual se destaca o *Centro de Explicações da AAUL*, oferecendo explicações de Português, Inglês e Matemática a estudantes internacionais. É visível, igualmente, nas suas redes sociais e na comunicação social, a grande componente de *advocacy* desta associação na defesa dos estudantes internacionais.

No que respeita às associações de estudantes das várias faculdades do país, encontrar iniciativas específicas para estudantes internacionais já se afigura uma tarefa mais difícil, uma vez que as suas atividades estão direcionadas para toda a comunidade estudantil de determinada instituição. É possível verificar que algumas associações como a AEIGOT ou a AEFCSH dispõem de programas de mentoria para esses estudantes; no entanto, a maioria das associações promove iniciativas de cariz essencialmente recreativo ou desportivo. Não obstante, são várias as faculdades que, no seio da sua associação de estudantes, dispõem de departamentos destinados à integração de estudantes internacionais ou mesmo de núcleos de estudantes – maioritariamente de estudos ou estudantes africanos ou brasileiros – que promovem um maior número de atividades direcionadas para os estudantes internacionais em mobilidade de grau, sendo estes, muitas vezes, membros e dirigentes desses núcleos durante o seu percurso escolar.

A partir desta breve pesquisa introdutória, foi-nos possível apreender três tipos diferentes de estruturas associativas de interesse à presente investigação. Começando pelo primeiro exemplo, a Erasmus Student Network, representada nesta dissertação pela Associação local de Lisboa e pela Federação nacional, afiguram-se como uma organização que oferece atividades de integração para o universo de estudantes internacionais como um todo; no entanto, apesar de algumas iniciativas recentemente criadas com especial foco nos estudantes da CPLP, é incontornável o grande pendor para os estudantes europeus pela génese da própria organização (o facto de ter sido criada com o objetivo de integrar estudantes em mobilidade de crédito – inscritos no programa Erasmus+ – por toda a Europa). As duas estruturas seguintes, a UECL e a AEAP – são dois exemplos de associações criadas com o intuito de integrar

especificamente estudantes internacionais provenientes dos PALOP – cabo-verdianos e angolanos, respetivamente – e que apresentam iniciativas nesse sentido. O exemplo seguinte, a AAUL, é uma associação académica que engloba todos os estudantes de uma Universidade específica – a ULisboa – e demonstra uma preocupação em desenvolver projetos de apoio à comunidade de estudantes internacionais da Universidade – algo que pode compensar, em certa medida, a ausência desses projetos e iniciativas em grande parte das associações de estudantes da referida Universidade.

#### **4.2 Associações juvenis em Lisboa: estratégias, desafios e contributos para a integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau**

Um importante fator a destacar previamente é a reduzida amostra de associações entrevistadas, apesar de mais de sessenta (quase a totalidade do universo de associações juvenis, de estudantes e núcleos de estudantes presentes na região de Lisboa) terem sido contactadas de forma a preencherem a ficha de caracterização, e a concederem uma entrevista.

Obtivemos entrevistas com uma associação de estudantes – a Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa –, um núcleo de estudantes – o Núcleo de Estudos Africanos e Lusófonos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – e três associações juvenis – a Erasmus Student Network Lisboa, a União dos Estudantes Cabo-verdianos de Lisboa e a Associação de Estudantes da Guiné-Bissau em Lisboa. Apesar de manifestamente reduzida, a amostra permitiu-nos conseguir testemunhos dos três principais tipos de associações em Lisboa, cujas características e atividade iremos analisar a partir deste subcapítulo.

#### 4.2.1 A Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia (AEISA)

<b>Associação/núcleo</b>	<b>AEISA</b>
<b>Ano de criação</b>	1911
<b>Área de atuação</b>	Lisboa/campus do ISA-ULisboa
<b>Número de membros</b>	21-50
<b>Número de sócios/participantes</b>	Mais de 1000
<b>Principais objetivos</b>	“Representar os estudantes do ISA e contribuir para a defesa e dignidade dos nossos membros”
<b>Principais destinatários das atividades</b>	Estudantes do Norte Global, sobretudo portugueses e algum privilégio a estudantes <i>Erasmus</i>
<b>Principais obstáculos a nível estrutural</b>	Número de recursos humanos Falta de financiamento Falta de visibilidade e reconhecimento
<b>Principais obstáculos para a integração de estudantes internacionais</b>	Diferenças culturais Adaptação académica Preconceitos e discriminação
<b>Possíveis atividades a implementar</b>	Grupos de intercâmbio linguístico <i>Workshops</i> de capacitação académica e profissional Voluntariado com a comunidade local
<b>Impedimentos à implementação das atividades</b>	“Seria a falta de adesão da comunidade no geral em atividades de voluntariado.”
<b>Parcerias/protocolos com instituições governamentais e/ou privadas?</b>	“Sim. Obviamente com as nossas instituições de ensino (ISA e UL) - com diversos apoios, Escola de línguas (descontos para os nossos associados), academia de ténis, entre outras”
<b>Parcerias/protocolos com associações juvenis/de estudantes?</b>	“Sim. Com a Federação Académica de Lisboa da qual somos associados. E trabalhamos em conjunto com as faculdades do polo da Ajuda.”

**Quadro 25:** Dados de caracterização da AEISA. Fonte: Resposta à Ficha de Caracterização.

A Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia (AEISA) da Universidade de Lisboa foi fundada em 1911 com o objetivo de defender institucionalmente todos os estudantes do ISA e contribuir para a defesa da dignidade dos seus membros. Dispondo de um departamento de Apoio ao Estudante, as suas principais atividades destinadas a estudantes internacionais passam pela participação e organização de *Welcome Days*, *tours* pela faculdade, *Erasmus Buddies* (mentoria),

*Erasmus Talks* (sessões de esclarecimento), grupo no WhatsApp, festas e convívios internacionais.

Na perspetiva da AEISA, sob a representação de um membro da Secção Erasmus do Departamento de Apoio ao Estudante, a maior dificuldade académica de um estudante internacional é a integração espontânea nos grupos por nacionalidades ou regiões de origem que tendem a surgir, faltando, na sua ótica, uma integração mais holística. Para colmatar esta situação, indica que a associação participa ativamente no Conselho de Escola, de forma a defender, entre outros, os direitos dos estudantes dos PALOP e de outros países que não dominam a língua portuguesa. O programa de mentoria é outro aspeto sublinhado, que engloba também intercâmbio linguístico. Por fim, destaca a colaboração com outras associações de estudantes de faculdades presentes no Polo Universitário da Ajuda (um dos campus da Universidade de Lisboa) no incentivo à criação do Gabinete de Apoio Psicopedagógico (GAP) por parte da Universidade.

Indagado acerca das dificuldades de integração social dos estudantes, reforça a ideia de que os estudantes tendem a integrar-se criando grupos baseados na proximidade geográfica correspondentes ao país ou mesmo à região de origem. De acordo com o entrevistado, isso levanta uma questão complexa de abordagem por parte da associação, argumentando que “para uma pessoa ser incluída, tem de querer ser incluída”, não se podendo forçar ninguém a interagir mais com outros, se não o deseja. Considera ainda que, comparativamente com outras faculdades, não existem subgrupos mais vulneráveis no ISA, apesar de, ultimamente, terem focalizado a sua ação em estudantes provenientes dos PALOP.

Recuperando a ideia da existência de programas de tutoria ou mentoria, reafirma que existem, mas não estão especificamente direcionados para estudantes internacionais em mobilidade de grau. Contudo, admite existir um programa específico para estudantes do Programa Erasmus+. Acredita que este programa facilita a criação de redes de apoio entre estudantes internacionais europeus e locais, na medida em que é composto por uma lista de pessoas voluntárias já com alguma experiência, desde estudantes a pessoal docente ou de investigação, e tentam que a correspondência seja sempre feita com pessoas do mesmo curso. No entanto, aponta como falhas a falta de envolvimento de alguns participantes, nomeadamente quando não ficam agradados com a pessoa que lhes foi correspondida. Além desse programa de tutoria, têm criado atividades com o objetivo de atrair mais estudantes internacionais, como convívios entre

faculdades do Polo, ou a divulgação das atividades através de outras associações como a ESN Lisboa.

Com relação à colaboração com universidades ou outras instituições académicas, explica que, além do ISA, colaboram com a Federação Académica de Lisboa (FAL), sendo associados e participando ativamente em todas as atividades, destacando as atuais iniciativas na área do alojamento estudantil. No campus do Polo Universitário da Ajuda, organizam iniciativas em conjunto com as associações de estudantes de outras faculdades e institutos como a de Medicina Veterinária, de Arquitetura ou de Ciências Sociais e Políticas. Finalmente, destaca a cooperação com a ESN Lisboa, com o convite a esta para o seu *Welcome Day* aos novos estudantes internacionais e a realização de festas em conjunto, mas admite dificuldades uma vez que não existem membros dessa associação oriundos do ISA, acreditando que seria algo que facilitaria em matéria de comunicação entre ambas.

Rumando à integração social, destaca como atividades sociais e culturais para promoção da integração de estudantes internacionais e da cultura portuguesa, eventos recreativos, como festas e churrascos, a realização de uma semana cultural marcada por teatro, música e outras artes, eventos de ação social como caminhadas solidárias e, particularmente, atividades direcionadas à celebração do mundo rural.

“Nós fazemos atividades que normalmente estão muito viradas para a cultura rural portuguesa, quer sejam demonstrações culturais das ganadarias, quer bailaricos, quer música portuguesa. Nós também fazemos semanas do mundo rural, por exemplo, falamos de tudo e mais alguma coisa. Estão sempre viradas para essa parte.

Integração como tal, acho que tudo envolve integração, desde que as pessoas apareçam.” (Membro da AEISA)

O Conselho Pedagógico do Instituto é o meio preferencial de encaminhamento de denúncias de discriminação ou assédio que chegam à associação, ou em situações como a dificuldade na obtenção do visto, afirmando que é um organismo com mais “poder” para pedir documentos e para ajudar os estudantes, e com mais conhecimentos e ferramentas que a própria associação.

Quanto à integração habitacional, e ao apoio na procura de alojamento para estudantes internacionais, afirma que a associação dispõe de um dossiê físico onde as pessoas do bairro, pessoalmente, anunciam os quartos ou apartamentos disponíveis, e que é aberto a todos os estudantes. Além disso, aprofunda o funcionamento da relação com a FAL, explicando que não possuem um projeto próprio pois a Federação já o tem,

e consideram contraproducente duas organizações trabalharem na mesma coisa. Apostam, então, na divulgação desse projeto e no apoio às moções aprovadas no Encontro Nacional de Direções Associativas (ENDA), que são, posteriormente, enviadas ao governo. Acredita que a associação se deve focar em problemas mais locais, como o desperdício nas cantinas ou o alargamento dos prazos para a entrega das dissertações de mestrado, apesar de concordar que o problema da habitação é crítico.

No âmbito de desafios enfrentados pela associação na integração de estudantes internacionais, declara que o maior desafio não é, propriamente, “ter o ambiente idóneo para se integrar”, mas fazer os estudantes internacionais compreenderem que se podem integrar. Além disso, menciona o financiamento reduzido e a falta de recursos humanos e da sua motivação como áreas mais carenciadas de apoio ou recursos.

Quanto a ideias de medidas ou iniciativas a implementar para melhorar a integração de estudantes internacionais, refere, em primeiro lugar, a necessidade de impulsionar entre os locais a perceção da situação dos estudantes estrangeiros. Depois, menciona que existem, no perímetro do campus, prédios que poderiam ser convertidos em alojamento estudantil, apesar de não se encontrarem em condições. E, depois, utiliza o exemplo das atividades realizadas pela ESN Lisboa, como *tours* e viagens, como possíveis iniciativas.

Refletindo acerca do impacto das atividades na integração de estudantes internacionais, reitera que as realizadas são suficientes em quantidade e qualidade, e que têm um bom impacto nas pessoas que aderem; todavia, este é apenas focalizado nessas pessoas, faltando uma grande componente de divulgação. O *feedback* é procurado através de uma caixa de sugestões *online* e diretamente às pessoas presentes nas atividades, dando como exemplo a iniciativa de pintura do mural da sala de estudo que foi recebida com agrado pelos utilizadores.

#### 4.2.2 O Núcleo de Estudos Africanos e Lusófonos (NEAL-NOVA)

<b>Associação/núcleo</b>	<b>NEAL- NOVA</b>
<b>Ano de criação</b>	2018
<b>Área de atuação</b>	Lisboa/campi da NOVA FCSH
<b>Número de membros</b>	51-100
<b>Número de sócios/participantes</b>	51-150
<b>Principais objetivos</b>	“Entreajuda, promoção de atividades/debates relacionadas a África”
<b>Principais destinatários das atividades</b>	Sul Global, com destaque para os estudantes dos países da CPLP
<b>Principais obstáculos a nível estrutural</b>	Infraestruturas Número de recursos humanos Sustentabilidade a longo prazo
<b>Principais obstáculos para a integração de estudantes internacionais</b>	Adaptação académica Desafios ao nível administrativo e legal Preconceitos e discriminação
<b>Possíveis atividades a implementar</b>	Eventos de orientação cultural e linguística Promoção de informação e apoio jurídico Apoio ao nível de alojamento
<b>Impedimentos à implementação das atividades</b>	“Falta de interesse e ignorância dos problemas dos estudantes internacionais.”
<b>Parcerias/protocolos com instituições governamentais e/ou privadas?</b>	Não
<b>Parcerias/protocolos com associações juvenis/de estudantes?</b>	Com outros núcleos de estudantes

**Quadro 26:** Dados de caracterização do NEAL-NOVA. Fonte: Resposta à Ficha de Caracterização.

O Núcleo de Estudos Africanos e Lusófonos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NEAL-NOVA) distingue-se das demais associações estudadas por se tratar de um núcleo de estudantes afeto à associação de estudantes da supramencionada Faculdade. Criado em 2018, conta com um reduzido número de recursos humanos, maioritária ou totalmente provenientes de países da CPLP. Segundo a sua presidente, este é um núcleo que se distingue de semelhantes presentes noutras faculdades por não se destinar apenas a estudos africanos, mas por incluir a lusofonia no seu todo; ainda assim, como iremos ver adiante, depara-se com uma grande conotação ao continente africano.

A dirigente começou por introduzir o surgimento do núcleo como uma necessidade de um espaço de debate intercursos que promovesse a discussão de autores ou referências africanas, negras e afrodescendentes, que consideravam estar em falta nos conteúdos dos seus cursos. Com o passar do tempo, o objetivo do núcleo passou a ser, também, por um lado, fomentar a entreaajuda e a integração, combatendo a exclusão e solidão no meio académico e, por outro, promover a representatividade. Fazem-no, sobretudo, através de debates e atividades culturais.

De acordo com o núcleo, nota-se uma desigualdade no tratamento à chegada, por parte da instituição de ensino, no que respeita a estudantes internacionais em mobilidade de crédito e mobilidade de grau, argumentando que existe um dia de acolhimento para os primeiros, mas não existe para os últimos. Ainda sobre a IES, é sublinhada a pouca atenção à origem dos estudantes, no que toca a questões como um método de ensino diferente, a pouca experiência com o uso de computadores, ou ainda o pouco à-vontade com a língua portuguesa – que, ainda que seja a língua oficial dos países da CPLP, não é a primeira língua dos nacionais de países como Cabo Verde ou a Guiné-Bissau. No entanto, é mencionado que alguns funcionários se esforçam para acompanhar de perto os estudantes, e destaca a criação da unidade curricular *Português Língua Segunda para Fins Académicos* como uma iniciativa positiva na integração dos Els. O núcleo, enquanto substituto dessa insuficiente integração, disponibiliza-se a acompanhar esses estudantes desde o início, explicando certas informações e organizando piqueniques e pequenos convívios nas semanas iniciais.

Relativamente às dificuldades na integração social dos estudantes, declara existirem vários problemas. O primeiro descrito é o facto de muitos estudantes, quando chegam a Portugal, terem de encontrar um trabalho para auxiliar nas despesas. Isso, na sua opinião, não facilita a forma como o estudante interage com os outros dentro da Faculdade, porque passa a ser uma rotina sair das aulas e ir para o trabalho; em grande parte das situações, por ser trabalhador-estudante, a pessoa não consegue sequer ir às aulas, e acaba por tentar acompanhar através da leitura ou pedindo apontamentos. Além desse aspeto, a questão da habitação é outro grande problema, uma vez que existe grande carência de alojamento estudantil, sendo que, além das propinas, o preço dos quartos é um grande obstáculo à integração.

Quanto à existência de subgrupos mais vulneráveis, a dirigente estabelece a comparação com a forma de tratamento de estudantes do programa Erasmus+, provenientes da Europa, para o qual tanto os responsáveis das faculdades como a própria associação de estudantes se preparam de forma mais afincada, em detrimento

de possíveis iniciativas que iriam beneficiar também, por exemplo, estudantes dos PALOP, com maior proximidade histórica. Depois, acrescenta que se notam diferenças no seio dos próprios PALOP, afirmando que estudantes de alguns países que têm acordos especiais com Portugal pagam a mesma propina que um estudante nacional.

“Isso também é um dos pontos que tentamos chamar à atenção para a própria AE, porque a AE representa todos os estudantes, mas mesmo assim não consegue chegar a todos os estudantes; porque, bom, se não entendes um problema, obviamente que não vais saber como resolver e como compreender o outro.” (Presidente do NEAL-NOVA)

Questionámos a dirigente em relação à existência programas de mentoria ou tutoria dinamizados pelo núcleo, tendo obtido como resposta que o fazem de forma informal. Recentemente, foi criado, por parte do Serviço de Psicologia, Inclusão e Igualdade – PsII+ da Faculdade, um programa nesse sentido, o *Programa de Mentorias Interpares*, depois de terem exercido pressão junto da instituição para a atribuição de apoios. Além disso, refere que, quando entrou no núcleo, havia à época uma ex-aluna, cujo tema de dissertação era relacionado com a integração e que, apercebendo-se das dificuldades dos estudantes internacionais, disponibilizou-se para oferecer suporte ao nível académico durante o período dessa investigação.

Aprofundando a questão da cooperação com universidades e outras instituições, refere que a colaboração tem sido feita com outros núcleos de estudantes africanos de outras faculdades, afirmando que, apesar de situados em lugares diferentes, os problemas que enfrentam são os mesmos. A colaboração prende-se, além da realização de atividades em conjunto, com a divulgação das atividades dos outros núcleos seus semelhantes. Dá, como exemplo, a organização da *Semana de África*, considerada uma das atividades mais importantes, uma vez que conseguem juntar muitas culturas, sobretudo dos PALOP, através da celebração das culturas, da gastronomia e da realização de debates. A ideia é, então, em vez de cada núcleo implementar a sua atividade individualmente, a realização em conjunto numa faculdade de forma rotativa.

Em matéria de atividades sociais e culturais para a melhoria da integração de estudantes internacionais, a dirigente apresenta apenas o exemplo da celebração do aniversário do núcleo, que destaca como uma das principais atividades realizadas, aproveitando para aprofundar a questão do nome do núcleo. Diz que tentam sempre passar a mensagem de que o núcleo, apesar de ter a palavra “africanos” no nome, também tem “lusófonos” e, por isso, destina-se aos vários países lusófonos, incluindo, por exemplo, o Brasil ou Portugal. Então, assume a dificuldade em passar essa mensagem e conseguir angariar membros e participantes, nas suas palavras, “brancos”,

devido a essa grande conotação com o continente africano, acrescentando que, perante todas as dificuldades que enfrentam, não faria sentido fechar à participação de outros estudantes. Regressa ao exemplo do *Dia do Núcleo*, no qual convidaram uma cantora brasileira para atuar. Contudo, e em jeito de conclusão da ideia, afirma que estes núcleos estão fortemente dependentes da geografia de cada faculdade, pelo que numas existem mais estudantes angolanos, noutras mais cabo-verdianos, e que na NOVA FCSH predominam os guineenses, pelo que as atividades têm sempre uma maior conexão com a cultura guineense; e, em resposta à questão de se organizam atividades de promoção da cultura portuguesa junto dos participantes, afirma que não conseguem, pois não conseguem passar algo que não possuem.

Questionada mais a fundo acerca de eventos recentes com impacto positivo na integração social dos estudantes, menciona novamente o a como a sua melhor atividade. Indica, também, que têm organizado mais atividades no espaço exterior do campus, uma vez que a maioria dos estudantes africanos tem uma rotina de “entrar na faculdade e ir para as aulas, sair e ir embora (para trabalhar)”, pelo que, se a atividade for num auditório fechado, os estudantes não saberão que aquela está a acontecer. Com esta modalidade, defende, também mostram a abertura das suas atividades a toda a comunidade estudantil. Apesar disso, alega que, mesmo com um grupo de anúncios no WhatsApp, muitos estudantes não têm tempo para verificarem as mensagens e acabam por perder as iniciativas.

À pergunta sobre como o núcleo facilita a criação de redes de apoio entre estudantes internacionais e locais, a entrevistada indica que o fazem através das conversas que organizam, constituindo-se como espaços de consciencialização para os problemas enfrentados, como é o caso da discriminação. Defende que o ensino básico e secundário, da sua experiência, não são espaços abertos a conversas sobre discriminação e que isso dá a ideia de que os problemas não existem, resultando daqui uma falta de consciencialização.

“Então, para mim, isso faz pensar que existe é falta de consciência por parte das pessoas sobre os problemas que alguns enfrentam dentro da Faculdade. Aquilo que nós tentamos fazer é mais criar espaço de consciencialização e mostrar às pessoas que existem pessoas que passam por isso; tu podes não passar por isso, mas existe, e então temos de debatê-las.” (Presidente do NEAL-NOVA)

Desse modo, declara que tentam, junto da Faculdade e da AE, mostrar-lhes que devem trabalhar para todos, e que, cientes das dificuldades de concretização desse trabalho, estão disponíveis para estabelecer uma ponte – recolhendo os testemunhos

de dificuldades dos estudantes e comunicando-os a esses dois organismos. Termina mostrando que, tendo o Núcleo estudantes que já enfrentaram esses problemas no seu percurso académico, é mais fácil para os alunos mais novos se abrirem acerca dos seus problemas com os membros do núcleo do que com pessoas que não consideram “idênticas” ou que não passaram por situações como as suas.

“É mais fácil eu me abrir com uma pessoa que eu sei que vai me entender ou que já passou por aquilo.” (Presidente do NEAL-NOVA)

Relativamente à existência de programas específicos para a interação entre estudantes internacionais e a comunidade local, não dispõem, mas assume que já tentaram, no passado, organizar atividades com crianças de bairros desfavorecidos, mas que não vingaram por falta de contactos e de recursos humanos, ou ações de sensibilização para problemas da rotina de estudantes internacionais, como os que chegam a demorar duas horas para chegar à faculdade, por exemplo.

De acordo com a presidente, o núcleo não dispõe de mecanismos de denúncia e auxílio em casos de discriminação pela nacionalidade ou etnia, utilizando o assunto para descrever outras situações. Apresenta, então, que muitos estudantes africanos e brasileiros relatam serem excluídos de grupos de trabalho e que existe uma grande inflexibilidade por parte dos professores a respeito da situação individual de cada estudante. Muitos estudantes relatam que existem muitos professores sem paciência e que não entendem a situação de alunos que, por exemplo, se veem na obrigação de começar a trabalhar enquanto estudam para poderem manter-se em Lisboa ou sair da casa de familiares. E, por isso, o núcleo tem a vontade de reunir com a direção da Faculdade para exporem problemas dessa natureza.

Passando à problemática habitacional, o núcleo não dispõe de formas de apoiar os seus estudantes nessa matéria, mas denota-se uma grande ênfase à pressão exercida junto da Faculdade e da Universidade, no sentido de apoiar mais os estudantes internacionais, sobretudo os estudantes africanos.

Concentrando a atenção nos desafios enfrentados pelo Núcleo na integração de estudantes internacionais, a falta de disponibilidade dos membros é apontada como o seu maior desafio, sublinhando que os estudantes africanos são, na maioria, trabalhadores-estudantes, algo que impossibilita que haja quem possa organizar as atividades e estar presente nelas. Afirma que esse problema acarreta outros, como a desmotivação. Além da falta de recursos humanos e da sua motivação, confessa existir uma grande pressão ao nível financeiro, pois sendo afeto à AE, o núcleo tem direito a

uma parte do orçamento recebido pela Associação, mas este é reduzido para a realização de algumas atividades com maiores dimensões, como a *Semana de África*. Outro problema levantado ao longo da entrevista foi, novamente, a grande conotação do núcleo aos PALOP, que acarreta a falta de visibilidade perante a restante comunidade académica, e a predominância de membros de origem de um país específico, que é, neste caso, a Guiné-Bissau.

Ponderando acerca de possíveis medidas ou iniciativas a serem implementadas para melhorar a integração dos estudantes, a dirigente indica a criação de um *Dia de Acolhimento* como a mais importante. Afirma que tal já aconteceu, no passado, tendo os funcionários dos serviços académicos estado presentes e apresentado as formas como poderiam ajudar os estudantes; perante a atual inexistência desta iniciativa, continuam a solicitar à Faculdade que a volte a organizar. Em segundo lugar, destaca a questão dos métodos de ensino diferentes nos países de origem em relação ao português, frisando a importância de iniciativas como a unidade curricular *Português Língua Segunda para Fins Académicos* para uma maior e melhor adaptação de estudantes provenientes de países como a Guiné-Bissau ou Cabo Verde, cujas línguas mais faladas pela população são o crioulo ou as línguas étnicas. Por fim, considera que é necessária, ainda, muita consciencialização junto da maioria da comunidade académica acerca dos problemas dos estudantes internacionais.

“Falta muita consciencialização, porque existem várias questões que podem ser faladas e que não são, porque não são o interesse da maioria, mas acho que ia fazer muita diferença ter essas questões.” (Presidente do NEAL-NOVA)

Inquirida sobre a sua avaliação do impacto das atividades do Núcleo na integração de estudantes internacionais, explica que nunca serão suficientes, mas o simples facto de existir e funcionar como um ponto de suporte já é um ponto positivo. Indica que tal é importante pela representatividade, pois chegar do seu país de origem e “não encontrarem nenhuma pessoa igual a si” pode ser um incómodo. Então, pensa que o facto de haver uma comunidade em que, dando o seu exemplo, pode abordar e conversar em crioulo, e distanciar-se da rotina de ter de falar sempre em português, que não domina, faz diferença no seu dia-a-dia.

Para terminar a análise, o *feedback* é procurado pelo núcleo junto dos participantes das suas atividades de uma forma informal, pois conversam regularmente com eles e conseguem saber as suas opiniões.

#### 4.2.3 A União dos Estudantes Cabo-verdianos de Lisboa (UECL)

<b>Associação/núcleo</b>	UECL
<b>Ano de criação</b>	1997
<b>Área de atuação</b>	Distrito de Lisboa
<b>Número de membros</b>	21-50
<b>Número de sócios/participantes</b>	501-1000
<b>Principais objetivos</b>	“Defesa dos interesses e direitos dos estudantes cabo-verdianos; Promover ações que permitam uma maior aproximação e integração dos estudantes cabo-verdianos no exterior”
<b>Principais destinatários das atividades</b>	Sul Global, direcionando-se para os estudantes de Cabo Verde
<b>Principais obstáculos a nível estrutural</b>	Infraestruturas Número de recursos humanos Motivação dos recursos humanos Capacitação e formação Gestão da burocracia e cumprimento da legislação em vigor Falta de financiamento Falta de visibilidade e reconhecimento Sustentabilidade a longo prazo Dificuldades ao nível de parceiras e colaborações com outras entidades
<b>Principais obstáculos para a integração de estudantes internacionais</b>	Diferenças culturais Adaptação académica Isolamento social Desafios ao nível administrativo e legal
<b>Possíveis atividades a implementar</b>	Programas de mentoria Eventos de orientação cultural e linguística Promoção de informação e apoio jurídico Atividades desportivas e de lazer Redes de apoio psicossocial <i>Workshops</i> de capacitação académica e profissional Voluntariado com a comunidade local Fóruns e debates Apoio ao nível de alojamento
<b>Impedimentos à implementação das atividades</b>	“Falta de meios e de parceiros”
<b>Parcerias/protocolos com instituições governamentais e/ou privadas?</b>	“Embaixada de Cabo Verde em Portugal: patrocínio de algumas atividades”

Parcerias/protocolos com associações juvenis/de estudantes?	“Eventos em conjunto e disponibilização de espaço para a realização das nossas atividades”
---	--

**Quadro 27:** Dados de caracterização da UECL. Fonte: Resposta à Ficha de Caracterização.

A UECL é uma associação juvenil criada em 1997 com o objetivo inicial de objetivo de suprir a falta de representação dos estudantes cabo-verdianos em Lisboa. Atualmente, segundo o seu presidente, regem-se por um vasto conjunto de objetivos, nomeadamente: vontade de defender a comunidade estudantil cabo-verdiana e promover a sua integração, uma vez que se trata, muitas vezes, da primeira geração a sair do país para estudar, ou mesmo a frequentar o ensino superior; a prestação de informação importante aos estudantes, que consideram estar frequentemente em falta, nomeadamente naquilo que concerne a saúde, aos transportes, vistos ou a legalização no país; a promoção e incentivo a um bom rendimento escolar dos estudantes; partilhar com a comunidade as melhores ofertas habitacionais, em termos de preços acessíveis e de boas localizações; e o apoio aos estudantes com problemas financeiros, através da mobilização de doações, ou da partilha de concursos e bolsas de mérito. Nas suas principais atividades, destaca a realização de eventos, como *workshops* e tertúlias.

Focando-nos na integração de estudantes cabo-verdianos, uma vez que se trata da comunidade na qual a atividade da associação incide, as principais dificuldades académicas enfrentadas por estes estudantes são a grande diferença entre o sistema de ensino do país de acolhimento em relação ao de origem, sobretudo na passagem do ensino secundário para o superior. O dirigente afirma que essa situação se agrava consoante os cursos, dando o exemplo das engenharias, em matérias como cálculo ou programação, e afirma que a sua associação exerce pressão junto do governo do seu país no sentido de reforçar o nível do seu ensino, de forma a tentar igualar os níveis de ensino de outros países. Além disso, promovem a interajuda entre alunos “veteranos” e “caloiros”, de forma a encurtar esse período de integração e melhorar o rendimento após os meses iniciais de adaptação.

No que concerne à integração social, afirma que existe uma proximidade entre as culturas cabo-verdiana e portuguesa, pelo que não nota diferenças, mas que, assume, pelo facto de ser uma comunidade numerosa – referindo-se não apenas à cabo-verdiana, mas à de estudantes PALOP – a existência de uma tendência para a aglomeração em grupos, por nacionalidades, não tirando proveito de uma possível maior integração com a comunidade local. Acreditam, por isso, que a associação deve

manter a abertura dos seus eventos a todas as comunidades, não apenas à cabo-verdiana (referindo-se, por exemplo, à portuguesa), primando pela realização de atividades conjuntamente com outras organizações.

“Então, é algo que tentamos fazer de uma forma, digamos, indireta: fazer com que os nossos estudantes se associem aos estudantes portugueses, porque senão eles estão a aproveitar apenas 50% do potencial de estudar fora.” (Presidente da UECL)

Questionado acerca da existência, ou não, de subgrupos de estudantes mais vulneráveis, afirma tratar-se de algo que depende das características de cada instituição e da dimensão da comunidade aí presente, não acreditando existir um padrão.

Conforme já mencionado brevemente, a associação não dispõe de um programa de tutoria formalizado, pois assume que a proporção da associação em relação à dimensão do distrito de Lisboa e da comunidade aí presente é um entrave à sua funcionalidade. No entanto, descreve que o procedimento habitual é o de contacto aos “veteranos” de cada faculdade aquando da chegada de novos alunos, de forma a estabelecerem um acompanhamento mais próximo.

No que respeita a iniciativas de colaboração com universidades ou outras instituições académicas, o dirigente explica que a associação atravessou um longo período de inatividade que findou algum tempo antes da pandemia de covid-19, tendo atravessado novas dificuldades nesse período de emergência de saúde pública. Finda essa adversidade, o trabalho tem sido no sentido de começar a estabelecer protocolos, não tendo ainda nenhum concreto, mas descrevendo colaboração com núcleos de estudantes africanos de várias faculdades, assim como com associações cabo-verdianas – a Associação Caboverdeana (ACV) e a Associação Maense em Portugal (AMP) –, com a Embaixada de Cabo Verde e com o Centro Cultural de Cabo Verde (CCCV). Afirma, ainda, que estes contactos têm sobretudo o objetivo de obter espaços para a realização de eventos, a fim de colmatar a falta de uma sede física.

Indagado acerca das atividades sociais e culturais desenvolvidas pela Associação, destaca-se um vasto número de iniciativas: tertúlias com públicos e temas diversificados, relacionados com Cabo Verde, Portugal ou outros assuntos internacionais; atividades desportivas abertas à comunidade internacional e local; um arraial de celebração da independência de Cabo Verde, igualmente aberto a toda a comunidade; *quiz nights* de celebração de datas comemorativas (dando o exemplo do Dia da Mulher, que é realizada exclusivamente por mulheres da Associação, com vista a uma maior igualdade de género); *peddy papers*, afirmando que foram pensados por

terem observado que uma grande parte dos estudantes não conhece a própria cidade; e, por fim, uma iniciativa de premiação dos estudantes pelo mérito académico, que começou por Lisboa e já se estendeu ao do país, numa ótica de, não tanto premiar os estudantes, mas orientá-los na diversificação do seu currículo através de uma maior componente extracurricular, de *networking* e de desenvolvimento de *soft skills*. Ainda assim, solicitámos que descrevesse alguns eventos recentes que tivessem tido impacto positivo na integração social dos estudantes, tendo referido novamente o arraial, que permite a celebração do país e juntou estudantes provenientes do Norte e do Sul do país, algo que considera incomum e difícil de concretizar noutros eventos. Mencionou, também, uma tertúlia dedicada à análise e debate dos resultados do relatório “Perfil dos Estudantes PALOP nas Instituições de Ensino Superior em Portugal: caracterização, expectativas, constrangimentos (2015-2021)”, elaborado por Carvalho et al. (2023). Entre outras iniciativas indicadas, destacam-se publicações nas redes sociais sobre informações úteis ou campanhas de sensibilização, rodas sobre saúde mental ou *workshops* sobre inteligência financeira.

A respeito da facilitação da criação de redes de apoio entre estudantes internacionais e locais, o entrevistado apontou a criação de um grupo no WhatsApp aberto a qualquer interessado, que funciona como “porta giratória”, no qual basta colocar um assunto e geralmente surge alguém que possa ajudar; o website em construção, mas que é ainda pouco conhecido; as redes sociais e os eventos, com ênfase no último, acreditando ser este o “carro-chefe” que permite aos estudantes fazerem *networking* e conhecerem-se mutuamente. Contudo, no que toca à interação com a comunidade local, evidencia que os estudantes cabo-verdianos tendem a conviver sobretudo com os seus pares, ou com a comunidade imigrante do país, pelo facto de ser uma comunidade significativa em Portugal; assume, ainda, que a Associação não tem dado a devida atenção a esse aspeto, mas que existe a necessidade de repensá-lo, através de mais parcerias com associações portuguesas e atividades em conjunto.

Passando à questão da discriminação com base na nacionalidade ou etnia e aos respetivos mecanismos de denúncia, revela que a associação não dispõe deles, mas explica que o processo se dá através da indicação ao estudante para fazer a denúncia na Escola. Efetuam o respetivo acompanhamento e, caso não se dê uma resolução, pedem auxílio à Embaixada. Acrescenta, ainda, que em dois anos tiveram conhecimento de apenas dois casos, um número que acredita ser reduzido.

Abordando o tema da integração habitacional e da crise na habitação verificada na região de Lisboa, afirma que as soluções encontradas pela Associação passaram

pelo uso do grupo no WhatsApp para a procura e partilha de casa por parte dos estudantes, assim como a criação de uma conta no Instagram para partilha das ofertas encontradas pela associação, admitindo serem raras aquelas que apresentam um preço acessível – e que as exceções são, muitas vezes, casas ou quartos que não estão legalmente registados. Sobre projetos e parcerias com outras entidades, declara que não possuem, mas um procedimento habitual é o de, em encontros com a Embaixada, exercer-se pressão de forma a existirem mais parcerias entre Cabo Verde e Portugal no sentido de haver mais lugares nas residências estudantis.

Na segunda parte da entrevista, debruçámo-nos sobre os desafios estruturais enfrentados pela UECL. Foram apontadas, pelo dirigente, algumas questões, nomeadamente: a falta de financiamento, que impossibilita a realização de atividades “com maior impacto” ou a produção de material para difusão de informação; a falta de disponibilização de informação à associação por, acredita, se tratar de uma associação composta por estrangeiros, algo que dificulta ou impossibilita a criação de redes de apoio e parcerias ou, ainda, de acesso a apoios a associações – e, quando têm conhecimento desses apoios, não vão a tempo de se candidatarem; problemas ao nível de burocracia que dificultam processos como a abertura de uma conta bancária; a falta de uma sede física; a falta de documentação, sobretudo dos anos de inatividade da associação, e a falta de passagem de pasta, que dispersa a informação necessária ao bom desenvolvimento do trabalho da associação.

“É aquela questão de, por sermos os estudantes, muitas vezes ficarmos numa de: se alguém souber, é vir-nos dizer.” (Presidente da UECL, referindo-se à dificuldade no acesso à informação)

Sobre possíveis iniciativas a serem implementadas para melhorar a integração, a reflexão foca-se, especialmente, no papel importante que deveria ser desempenhado pelas instituições de ensino superior. Afirma que as universidades devem elaborar planos para receberem estes estudantes, que muitas falham nesse aspeto apesar de terem núcleos de apoio aos estudantes. Sobre esses núcleos, assinala que estão mais direcionados para o estudante nacional ou até para o estudante do programa Erasmus+, não existindo um plano concreto para o estudante dos PALOP. Dá o exemplo de muitos estudantes que, por conta da demora na atribuição de visto no país de origem, chegam a Portugal com um grande atraso – dando até o seu próprio exemplo, por ter chegado apenas em novembro – e não existe um plano para receber estudantes nessas situações. Termina o raciocínio relatando casos de estudantes que, nestas situações, solicitam apoio aos professores, obtendo respostas no sentido de o estudante desistir e

repetir o processo no ano seguinte, considerando que um estudante de 18 anos num país novo está em clara desvantagem.

Na avaliação do impacto das atividades da associação, considera-as insuficientes, mas confessa que por serem estudantes, existem períodos em que entende ser quase impossível desenvolver atividades, devido a exames ou ao facto de serem, em grande parte, trabalhadores-estudantes.

“Então, há escassez de tempo, mas dentro das condições que nós temos em mão, damos sempre o máximo, mas ainda falta muito. Os nossos estudantes precisam de mais.”  
(Presidente da UECL)

O *feedback* recebido é algo que, segundo o voluntário, a associação tem em conta no desenvolvimento das suas atividades, dando como exemplo o recolhido aquando da realização da primeira edição do *Prémio de Mérito Universitário UECL*. Nessa iniciativa, perceberam que houve falhas na comunicação e na divulgação do seu funcionamento, como nos métodos de avaliação ou de atuação do júri. Na edição mais recente, utilizaram o *feedback* referido para tornar a iniciativa mais transparente junto dos potenciais participantes. Depois, menciona que procuraram flexibilizar as datas de realização das tertúlias, após alguns estudantes indicarem que não poderiam participar na data fixada por questões laborais.

A entrevista terminou com a reflexão de que é necessária uma união de associações de PALOP e de estudantes internacionais, primando por uma maior interação e cooperação entre si, pois acredita que, embora tenham os mesmos objetivos, trabalham de forma separada.

#### 4.2.4 A Associação de Estudantes da Guiné-Bissau em Lisboa (AEGBL)

<b>Associação/núcleo</b>	AEGBL
<b>Ano de criação</b>	-
<b>Área de atuação</b>	Lisboa
<b>Número de membros</b>	-
<b>Número de sócios/participantes</b>	-
<b>Principais objetivos</b>	-Defender os interesses dos estudantes em Lisboa. -Ajudar os associados na vida académica. -Disponer informações necessárias no processo de candidatura.
<b>Principais destinatários das atividades</b>	Sul Global, direcionando-se para os estudantes da Guiné-Bissau
<b>Principais obstáculos a nível estrutural</b>	Infraestruturas Falta de visibilidade e reconhecimento Falta de financiamento
<b>Principais obstáculos para a integração de estudantes internacionais</b>	-
<b>Possíveis atividades a implementar</b>	Guião de orientação para o estudante internacional
<b>Impedimentos à implementação das atividades</b>	-
<b>Parcerias/protocolos com instituições governamentais e/ou privadas?</b>	Associação Aguienso
<b>Parcerias/protocolos com associações juvenis/de estudantes?</b>	AEs e núcleos de estudantes

**Quadro 28:** Dados de caracterização da UECL. Fonte: Redes sociais da associação e entrevista semiestruturada realizada ao presidente<sup>10</sup>.

A AEGBL é uma associação juvenil constituída por estudantes provenientes da Guiné-Bissau e que tem como objetivo defender os interesses de estudantes guineenses em Portugal, apoiá-los na esfera académica e ajudá-los na sua integração.

O presidente da AEGBL destaca, como principal atividade da Associação, a iniciativa de acolhimento dos estudantes recém-chegados a Lisboa, o *Bem-Vindo Caloiro*. Nesta atividade, a Associação cria tutores (ou “padrinhos” e “madrinhas”) nas diferentes faculdades, que ficam responsáveis por um determinado número de novos

<sup>10</sup> A associação não preencheu a Ficha de Caracterização.

estudantes e que terão como função orientar a sua integração num novo método de ensino, em matérias como o uso das plataformas digitais ou métodos de estudo. É, também, através desta iniciativa que demonstram aos novos estudantes a grande importância, na sua opinião, de utilização do português como língua preferencial e da desconstrução de preconceitos trazidos do país de origem, sobre questões como o clima, a alimentação ou a socialização, pois considera que em África têm uma convivência aberta, enquanto na Europa existe uma convivência fechada, e que isso pode ser um entrave à integração social dos estudantes. No final do ano letivo, organizam uma gala de finalistas, com o principal objetivo de homenagear os estudantes que terminam o curso com sucesso e motivar os recém-chegados a serem, igualmente, bem-sucedidos, reconhecendo que estudar em Portugal não é fácil, com uma qualidade de ensino com níveis de dificuldades muito fortes. Depois, menciona a organização de palestras e *workshops* de capacitação dos estudantes sobre questões importantes para o seu percurso académico, como elaboração de trabalhos ou relatórios. Por fim, ao nível de *advocacy*, realizam visitas e reuniões com instituições públicas, como a DGES, a presidência da república ou a embaixada do país, de modo a sensibilizar para os problemas dos estudantes internacionais.

Questionado sobre as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes, neste caso, guineenses, o dirigente afirma que a primeira é a língua, uma vez que o português, ainda que oficial, não é a primeira língua da população guineense. Depois, o fraco conhecimento na área da informática, da matemática e do inglês. Através da formação e da passagem de informação aos estudantes, de questões como a importância de praticar o português ou de “forçar” amizades com alunos locais, estudando com eles e aprendendo as suas técnicas de estudo, reconhecendo que um isolamento social é um grande entrave à integração. Adiciona que a Associação promove, ainda, uma integração ao nível das praxes académicas, que considera ser um bom local para a formação de amizades.

De acordo com o dirigente, a principal dificuldade ao nível da integração social é a própria chegada a Lisboa, no sentido de ser uma cidade grande em dimensão e população comparativamente com as cidades da Guiné-Bissau, algo que causa surpresa em muitos estudantes. A Associação dispõe-se a mostrar que a integração social é bem-sucedida se os estudantes se envolverem com a comunidade local, pelo que motivam os estudantes a acompanhar a Associação em eventos culturais ou de ação social para os quais recebem convites com frequência por parte de instituições

locais, algo que devem complementar ao aceitarem convites para jantares informais com colegas, por exemplo.

Em relação à existência de subgrupos de estudantes mais vulneráveis e com mais dificuldades de integração, o presidente afirma que isso é um ponto evidente, na medida que nota vantagens na adaptação dos estudantes provenientes de cidades ou da capital (que classifica como pessoas mais abertas e mais “esclarecidas”) em relação aos de áreas rurais ou de aldeias do interior. Além disso, acrescenta que se tornaram o segundo país com maior número de estudantes internacionais em mobilidade de grau em Portugal, algo que se deve ao crescente número de estudantes provenientes dessas regiões do interior graças à atribuição de bolsas. Insiste, por fim, na ideia de que o estudante tem de fazer um esforço adicional para se conseguir integrar.

Sobre colaboração com universidades ou instituições académicas, afirma que o fazem do seguinte modo: os núcleos de estudantes das diferentes faculdades informam a Associação acerca dos novos estudantes que recebem, e posteriormente a Associação visita as faculdades para se inteirar os problemas dos estudantes conversando com estes. Com isso, produzem um relatório que entregam à Embaixada do país para a informar destes problemas. Foi através dessas visitas que tiveram conhecimento de iniciativas como as aulas de português para estudantes dos PALOP proporcionadas por faculdades como a NOVA FCSH ou o ISCSP-ULisboa, iniciativas essas que louvam.

Partindo para atividades sociais e culturais organizadas pela Associação, o dirigente relembra a *Gala de Finalistas*, introduz eventos como o “*Miss Guiné-Bissau*”, angariações de fundos com participação de músicos guineenses e, por fim, o *Dia de África*, conjuntamente com outras associações de Cabo Verde e Angola. Infelizmente, admite que tentaram organizar recentemente um evento centrado no centenário de Amílcar Cabral, mas que, devido à falta de recursos, acabou por não se concretizar.

No âmbito da facilitação de redes de apoio entre estudantes internacionais e locais, o presidente explica que a Associação se dedica, por um lado, à estreita cooperação com os núcleos de estudantes e, por outro, pelo apelo aos estudantes para que participem nas praxes académicas.

Em relação a mecanismos de denúncia em casos de discriminação étnica ou por nacionalidade, indica que não existem no seio da Associação, mas que o procedimento é encaminhar esses casos para a Embaixada. Todavia, tece críticas à atribuição de bolsas de mérito por parte do Estado português, que exclui estudantes sem a

nacionalidade portuguesa, mesmo que tenham terminado o curso com 19 ou 20 valores, dando alguns exemplos. Além disso, critica, ainda, as agências estatais, nomeadamente a AIMA, pela longa demora na regularização dos estudantes estrangeiros, que os prejudica no seu percurso, principalmente o inicial.

Discorrendo sobre a problemática da integração habitacional, o dirigente reconhece que o problema da habitação em Portugal tem um significado crescente e que afeta fortemente a comunidade estudantil, para a qual não parece haver solução à vista. Contudo, a Associação tenta mitigar esse problema junto dos estudantes guineenses, sobretudo aqueles que enfrentam maiores dificuldades. Menciona, então, a Associação Aguinense, uma associação de solidariedade social, apoiada pelo governo português, que lhes atribuiu um edifício habitacional onde foram cedidos à AEGBL alguns quartos. Segundo ele, é possibilitado aos estudantes que chegam com mais dificuldades permanecerem num quarto, entre três e seis meses, até se organizarem e encontrarem um quarto a longo prazo, podendo depois permitir que outras pessoas na mesma situação possam usufruir desse apoio. Acrescenta, ainda, que existem casos de estudantes que ficam em casas de familiares e que são mal acolhidos, perturbando o seu percurso académico; e, ainda, que este é um problema para o qual a Embaixada não tem capacidade de resolução.

Passando aos desafios enfrentados pela Associação, o presidente enumera vários. Aquele que mais frisa é a falta de participação dos estudantes nas atividades e iniciativas da Associação, que diz dever-se a questões como a distância do local de residência ou a ausência de passe mensal de transportes. Afirma que tal questão é causa e consequência da falta de visibilidade da Associação em relação aos potenciais participantes e vice-versa. Depois, aponta a questão, que pode ser encarada como cultural, de muitos estudantes guineenses não transmitirem à Associação os seus verdadeiros problemas ou aquilo em que esta os pode ajudar.

“Às vezes dizem “é só documentação”, mas têm que dizer tudo. Se eles não disserem tudo, não os podemos ajudar. Eles têm que nos contar qual é a dificuldade que eles têm, e em que a Associação pode agir pessoal e globalmente, através dos nossos parceiros. Às vezes, eles quando vêm aos nossos eventos, nós mostramos a forma de integração, mas eles têm que falar connosco e dizer-nos aquilo com que se deparam. Isso cria também à associação uma determinada dificuldade, porque nós percebemos quais são os problemas que estudantes se enfrentam de forma geral, mas muitas vezes, por exemplo, muitos estão na casa dos familiares, mas não nos dizem que estão com problemas de habitação. Isto torna-se uma grande dificuldade para percebermos como é que vamos atuar, onde é que vamos negociar com o nosso parceiro, por exemplo.”  
(Presidente da AEGBL)

Tal como outras associações estudadas na presente dissertação, o financiamento é para a AEGBL uma das principais áreas onde carecem de apoio ou recursos. Neste âmbito, afirma que, não tendo fonte de rendimento, sustentam as suas atividades com as cotas dos associados, o que, muitas vezes, não é suficiente para cobrir os custos das atividades desenvolvidas, sobretudo ao nível do departamento de ação social, impossibilitando, por exemplo, o apoio a estudantes em dificuldades ao nível alimentar ou habitacional. Ao nível das estruturas, outra área frágil, declara terem melhorado desde que a Associação Aguinense cedeu um espaço para a instalação da sede, algo que dispensou a constante solicitação de sedes a outras instituições que até aí tinha acontecido, destacando como principal parceiro a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Refletindo sobre possíveis medidas que poderiam ser implementadas em prol de uma maior integração dos estudantes internacionais guineenses, o dirigente explica que está nos planos da Associação a elaboração de um guia de orientação para estudantes recém-chegados, que explique os passos a tomar ao nível de documentação e que incentive à participação em atividades de integração.

O dirigente avalia o impacto das atividades da Associação como positivas, na medida em que acredita que tanto o trabalho ao nível do contacto com estudantes como com núcleos nas diferentes faculdades favorece os estudantes. Volta, então, a considerar as visitas às faculdades e as atividades de receção dos “caloiros”, a longo prazo, um grande contributo ao êxito dos estudantes beneficiados. Ainda assim, assume que, nos últimos anos, o abandono escolar tem vindo a crescer, e que, ao questionar os estudantes dos motivos desse abandono, percebem que se deve às dificuldades que atravessaram no seu percurso.

Em relação à recolha de *feedback* referente às suas atividades, o dirigente indica que o fazem através do incentivo aos estudantes para que lhes escrevam por *e-mail* ou coloquem no grupo de WhatsApp ou na página de Facebook as suas opiniões acerca das atividades e os problemas que enfrentam. Destaca que a realização da gala de finalistas foi bem recebida pela generalidade da sociedade académica, mas indica que a não realização de atividades como a celebração do centenário de Amílcar Cabral devido à falta de recursos originam impactos negativos.

#### 4.2.5 A Erasmus Student Network Lisboa (ESN Lisboa)

<b>Associação/núcleo</b>	ESN Lisboa
<b>Ano de criação</b>	2010
<b>Área de atuação</b>	Lisboa
<b>Número de membros</b>	51-100
<b>Número de sócios/participantes</b>	Mais de 1000
<b>Principais objetivos</b>	“Integrar estudantes internacionais, promover os valores da ESN AISBL”
<b>Principais destinatários das atividades</b>	Norte Global, com destaque para os estudantes da União Europeia ao abrigo do programa <i>Erasmus</i>
<b>Principais obstáculos a nível estrutural</b>	Infraestruturas Motivação dos recursos humanos Capacitação e formação
<b>Principais obstáculos para a integração de estudantes internacionais</b>	Adaptação académica Preconceitos e discriminação Integração com a comunidade local
<b>Possíveis atividades a implementar</b>	Programas de mentoria Voluntariado com a comunidade local Fóruns e debates Apoio ao nível de alojamento
<b>Impedimentos à implementação das atividades</b>	“Falta de financiamento externo e de espaços.”
<b>Parcerias/protocolos com instituições governamentais e/ou privadas?</b>	“Sim, cedências de espaços, apoios pontuais na realização de atividades. JF, CM, Bares.”
<b>Parcerias/protocolos com associações juvenis/de estudantes?</b>	“Sim, FAL, AAUL, outras AEs - divulgação de atividades e atividades conjuntas”

**Quadro 29:** Dados de caracterização da ESN Lisboa. Fonte: Resposta à Ficha de Caracterização.

A ESN Lisboa é uma associação juvenil sem fins lucrativos fundada em 2008 por um grupo de estudantes do Instituto Superior Técnico, que conta atualmente com cerca de cem voluntários e organiza atividades para um universo de mais de 16 mil estudantes internacionais. Forma parte da ONG Erasmus Student Network, cuja sede é em Bruxelas. Nas palavras da sua presidente, a ESN é uma associação internacional independente, apartidária, apolítica, sem fins lucrativos que opera segundo a lei belga, e é apoiada pelo Programa Erasmus+ da União Europeia e pela *European Youth Foundation* do Conselho da Europa. Encontra-se presente em mais de 40 países nas

suas mais de 500 secções, sendo que em Portugal conta com 13 associações locais, funcionando numa ótica de rede.

Segundo a sua presidente, a Associação tem como objetivos a integração dos estudantes na cidade de Lisboa e na comunidade local, através da realização de eventos, assim como no apoio a nível burocrático (como pedir o NIF ou fazer o passe de transporte). A um nível mais profundo, prende-se com o intuito de enriquecimento da sociedade através dos estudantes internacionais, demonstrando com exemplos que muitos dos eventos têm o objetivo de conectar os estudantes à comunidade local. No plano internacional, indica que a ESN AISBL luta por uma mobilidade cada vez mais inclusiva e com melhores condições.

No que respeita às dificuldades académicas, indica que as próprias aulas, por ainda não serem lecionadas em inglês como já acontece em muitos países da Europa, podem ser difíceis para um estudante internacional que não domina o português; dá como exemplo o seu *Buddy Programme*, que permite ao estudante internacional ser emparelhado com um voluntário português, o que possibilita um intercâmbio linguístico. Acrescenta que a burocracia necessária ao dia-a-dia em Lisboa é outro entrave à adaptação académica à cidade, pois ocupa tempo. Ainda no plano académico, destaca a realização habitual de *Welcome Days* nas várias faculdades da região de Lisboa, nos quais se dão a conhecer aos estudantes e se disponibilizam para os acompanhar, e as reuniões que realizam com os gabinetes de relações internacionais das faculdades, levando dados das dificuldades que os estudantes internacionais experimentam, de modo a perceber se há algum esforço que está a ser feito para colmatar essas dificuldades.

No plano das dificuldades sociais, aponta que a origem do estudante pode ser um fator que ocasiona mais, ou menos, dificuldades sociais, dando o exemplo de culturas mais próximas da portuguesa como a espanhola ou a italiana que talvez sintam menos dificuldades na adaptação; além disso, acredita que um choque cultural maior pode levar a um maior isolamento, o que torna o processo de integração e de ligação com os estudantes nacionais mais difícil. Neste contexto, realça que o maior contributo da sua associação para colmatar estes problemas é a realização de mais de trinta eventos por mês, de âmbito cultural, desportivo, solidário ou recreativo, sejam de pequena ou grande dimensão e com um grau maior ou menor de sociabilização que lhes permita desenvolver conexões com outros estudantes. Além dos eventos, menciona o projeto *Christmas with Portuguese Families*, no qual os estudantes podem

passar o Natal com uma família portuguesa, caso não tenham a oportunidade de regressar a casa, proporcionando uma maior ligação à comunidade local.

Naquilo que concerne a possíveis subgrupos de estudantes com mais dificuldades, destacamos uma diferença em relação às associações já estudadas. Quando questionada sobre tal, e uma vez que a associação trabalha sobretudo com estudantes em mobilidade de crédito provenientes de países europeus, acabam por visualizar problemáticas diferentes das restantes associações, cujos exemplos seriam sobretudo na esfera da origem étnica dos estudantes. Indica, então, os estudantes com necessidades especiais ou deficiência, referindo que, em sua opinião, a grande maioria das faculdades não está preparada para receber nem presta o auxílio necessário. Aponta, também, a comunidade queer como um subgrupo que pode sofrer isolamento e, acrescenta, os estudantes provenientes de determinadas origens geográficas que sofrem discriminação ou racismo, problemas que estão presentes na sociedade portuguesa e dos quais os estudantes internacionais não são exceção.

Conforme já mencionado, a associação dispõe de um programa de mentoria, o *Buddy Programme*, no qual os estudantes internacionais e nacionais se inscrevem e, de acordo com as suas preferências e áreas de estudo, é feita uma correspondência que lhes permite estabelecer o contacto e um acompanhamento de um para um.

No campo da colaboração com universidades e outras entidades académicas, a dirigente sublinha o número cada vez maior de instituições de ensino com as quais tentam estabelecer o contacto, voltando a enfatizar a importância das sessões de acolhimento, para mostrarem o seu trabalho junto dos novos estudantes, e as reuniões com os gabinetes, para alertar para situações específicas e defender mais apoio para com os estudantes e as suas dificuldades. Colaboram, ainda, com as várias associações de estudantes e com a Associação Académica da Universidade de Lisboa, realizando eventos em conjunto.

No plano da integração social e cultural, frisa que a associação realiza mais de trinta eventos por mês, enumerando vários exemplos: as *tours* por Lisboa, em bairros como Alfama ou Belém; as *Atlas Nights*, nas quais proporcionam aos participantes comidas, músicas e danças típicas de um país, como Portugal, Irlanda ou Polónia; ou os *Cultural Sundays*, nos quais um pequeno grupo visita um museu ou outro ponto cultural da cidade. Depois, indica que realizam eventos junto de comunidades mais vulneráveis, como a idosa, para promover a interação com estudantes internacionais e a comunidade local.

Quando questionada acerca de mecanismos de denúncia e auxílio em casos de discriminação com base na nacionalidade ou etnia, indicou que não é um mecanismo formalizado, mas dispõem de um endereço eletrónico para o qual os estudantes podem enviar pedidos de auxílio de forma escrita, e acrescenta que já existiram situações de acompanhamento por parte de voluntários à realização de uma denúncia na esquadra. Além disso, refere que estão a desenvolver uma maior formação e capacitação dos voluntários no que respeita às formas de lidarem com este tipo de situações durante os seus eventos, ao qual deram o nome de *safety points*.

Sobre a integração habitacional, assume que a sua Associação não tem nenhum apoio direto, mas dispõe de um grupo de alojamento no WhatsApp onde os alunos partilham vagas entre si, dando o exemplo de estudantes que partilham os quartos que vão deixar no final do semestre ou ano letivo, que se tornam mais acessíveis a outros que vão chegando, protegendo-os, também, de possíveis esquemas fraudulentos. Para além desse grupo, celebram parcerias com *websites* de alojamento que consideram confiáveis e com anúncios verificados, assim como com residências estudantis, proporcionando descontos nas mensalidades. Ainda assim, admite que é um contributo muito reduzido face às dificuldades no acesso à habitação em Lisboa.

Partindo para questões mais estruturais, a presidente da Associação afirma que o imenso número de estudantes internacionais para integrar é o maior desafio enfrentado, dando como exemplo o grande número de estudantes *full-degree*, que confessa ter dificuldade em alcançar e conseguir que conheçam o trabalho da ESN e saber própria existência da associação. O financiamento é outro desafio, apontando que, mesmo não tendo fins lucrativos e a situação financeira seja estável, e beneficiando de financiamento externo por parte do IPDJ, falta-lhes mais apoio por parte das universidades. Indica, também, a formação dos voluntários como um desafio, dizendo que apesar de tentarem desenvolver *workshops* e formações aos seus membros para saberem lidar com várias situações, não conseguem abranger a sua totalidade. Por fim, direciona a sua crítica às universidades e a outras organizações importantes pelo fraco reconhecimento e importância dada a uma associação que considera fazer a diferença na comunidade de estudantes internacionais em Lisboa.

Pensando na implementação de medidas ou iniciativas que poderiam potenciar a integração dos estudantes internacionais, afirma que o próprio aumento no número de membros de maneira a tornar-se mais proporcional ao número de estudantes internacionais seria favorável, de forma a conseguirem também aumentar o número de atividades e participantes. Depois, a celebração de protocolos com as faculdades das

universidades de Lisboa é um dos objetivos de forma a chegar a mais estudantes, bem como a obtenção de mais apoio para o desenvolvimento de um projeto de criação de um website de alojamento acessível.

Inquirida sobre o impacto das atividades da associação na integração de estudantes internacionais, a dirigente acredita que este é muito bom no que respeita aos estudantes a que conseguem, efetivamente, chegar, tendo sido possível criar redes de apoio entre eles; contudo, assume insuficiente o trabalho na sua globalidade por não abranger todos os estudantes, por desconhecimento destes da sua existência devido à falta de apoio das instituições de ensino superior em Lisboa e aos recursos humanos considerados insuficientes.

Finalmente, indica que em todos os eventos realizados é enviado aos participantes um formulário no qual podem recolher o seu *feedback*, dando como exemplo um evento que recebeu várias sugestões de melhoria na primeira vez que foi realizado, tendo merecido elogios quando voltou a ser implementado, já incorporando as sugestões anteriores, que foram postas em prática.

### **4.3 Uma reflexão de conjunto sobre o papel das associações juvenis: um trabalho importante, mas incompleto?**

Ao longo deste subcapítulo, discutiremos os resultados obtidos no restante capítulo 4, complementando esta análise com aqueles que já havíamos recolhido no capítulo 3. Importa frisar que uma das limitações desta investigação é o reduzido número de entrevistas que conseguimos obter junto do tecido associativo juvenil e estudantil da região de Lisboa, apesar de termos respostas de um núcleo de estudantes, uma associação de estudantes e três associações juvenis, cobrindo, assim vários tipos de organizações.

O processo de internacionalização do ensino superior português, que acelerou na última década, apenas com uma quebra resultante da situação pandémica, veio descobrir algumas fragilidades dos sistemas de ensino superior, como a falta de preparação das instituições para o acolhimento de estudantes, os problemas ao nível da falta de alojamento e a sub-representação destes estudantes no tecido associativo estudantil, questões essas que são visíveis tanto através das entrevistas a estudantes internacionais como das realizadas com representantes de associações juvenis.

Como verificámos nos dados obtidos no capítulo 3, vários estudantes internacionais indicaram não terem tido dias de acolhimento na sua chegada à faculdade, apesar de grande parte das instituições oferecerem dias de acolhimento para estudantes do programa Erasmus+. Esta iniciativa teria resultados práticos no dia-a-dia dos estudantes em mobilidade de grau que, vindos do estrangeiro e constituindo um grupo imigrante, necessitam de um franco auxílio na sua integração, tanto com os seus pares, como com a instituição de ensino e as suas ferramentas de gestão académica (portais ou plataformas de *e-learning*), como na própria sociedade de acolhimento. Não obstante, ficou provado, através de várias entrevistas com estudantes extraeuropeus, que um único dia de acolhimento não seria suficiente para esta comunidade, pois uma grande fatia de estudantes chega a Portugal com dias, semanas ou mesmo meses de atraso por conta de demoras na concessão do visto de residência para fins de estudo. Logo aí, nota-se uma grande ineficiência ao nível das competências das instituições diplomáticas, conjugada com uma ausência de proatividade por parte das instituições de ensino superior em agilizar estes processos, intercedendo junto desses organismos estatais de forma a salvaguardar os seus estudantes. Inevitavelmente, este fator vem agravar desigualdades entre os vários grupos de estudantes com diferentes origens geográficas, com os estudantes dos PALOP e do Brasil a demonstrarem uma maior dificuldade na sua mobilidade e estabelecimento para Portugal, resultando numa maior exclusão social que se refletiu em alguns testemunhos dos entrevistados. Estas desigualdades são exacerbadas com uma situação socioeconómica mais precária de muitos destes estudantes, que necessitam de trabalhar enquanto estudam para conseguir pagar propinas, alojamento, comida, enfim, sobreviver em Lisboa. É importante, também, sublinhar que são, frequentemente, a primeira geração da sua família a ingressar no ensino superior, fazendo-o para poder subir no elevador social que, por si só, não os eleva suficientemente no seu país de origem; procuram, então, o ensino superior português como forma de adquirir um diploma mais forte que lhes permita melhores condições de vida, seja em Portugal, num país terceiro (remigração, agora por motivos de trabalho ou, eventualmente, prosseguimento de estudos mais avançados) ou no seu estado de origem, referindo alguns estudantes a sua vontade, pelo menos inicial, de regressar e contribuir para o desenvolvimento do seu país.

Não constitui uma surpresa o agravamento destes problemas no seio das IES portuguesas que, à semelhança da tendência constatada noutros países, demonstram uma cada vez maior lógica de mercado na adoção das suas estratégias de atração de estudantes internacionais, que constituem uma importante fonte de rendimento para as faculdades. Uma breve consulta aos requisitos de admissão a primeiros ou segundos

ciclos de estudos de qualquer faculdade é suficiente para constatar que um estudante internacional em mobilidade de grau externo à União Europeia paga, no mínimo, o triplo da propina de um estudante nacional ou da UE. Por vezes mais direta, por outras mais indiretamente ao longo deste estudo, parecem confirmar-se os argumentos de Altbach e Klemencic (2014) e Wit et al (2015). A esta questão soma-se uma aparente apatia face à crise na habitação, sendo poucos os projetos de construção ou ampliação de residências universitárias que permitam acolher estudantes deslocados, a par com os nacionais. Os sucessivos governos, por seu turno, não demonstram qualquer coragem em abordar estes problemas desde a raiz, ao que a tendência parece ser a de uma crescente desregulação nos próximos anos, o que irá certamente agravar a situação, rumo a um ensino superior cada vez mais elitista. É inevitável considerar a comunidade de estudantes internacionais em mobilidade de grau parte integrante da população da cidade de Lisboa.

É neste quadro de fracasso das instituições que entram, ou deveriam entrar, as associações de estudantes. Enquanto plataforma representativa de todas e todos os estudantes de uma instituição junto dos vários órgãos intervenientes ao nível do ensino superior, as AEs têm a possibilidade de exercer uma *advocacy* que lute por um ensino superior cada vez mais igualitário e inclusivo, não apenas para os estudantes nacionais, mas também para os internacionais. Por serem seus pares, os membros de uma associação conseguem compreender, de perto, os restantes estudantes e as suas necessidades e dificuldades, pois é para isso que são eleitos. No entanto, como indicado no início deste capítulo, não é fácil encontrar iniciativas específicas para estudantes internacionais; na verdade, a atividade de integração mais frequentemente encontrada parece ser a realização de festas. Obviamente, sendo um trabalho voluntário e que requer tempo livre, as associações de estudantes tentam organizar atividades que possam impactar o maior número de estudantes com o menor custo possível, tendo em conta todos os desafios estruturais que enfrentam, nomeadamente a falta de financiamento externo ou de recursos humanos. Por isso, é compreensível que as associações optem por desenvolver atividades que tenham em conta os gostos da maioria das pessoas, mesmo que sejam atividades recreativas, mas será necessário pensar em acomodar outro tipo de atividades que possam incluir mais pessoas com diferentes gostos. Em linha com tudo isto, como verificámos através das entrevistas do capítulo 3, apesar de alguns estudantes mencionarem mais do que uma associação, grande parte conhece apenas uma, e teve com ela baixa interação, sobretudo se falarmos da associação de estudantes da sua faculdade. É certo que esta amostra não é representativa da totalidade da comunidade de estudantes internacionais, mas

permite demonstrar que o trabalho das associações não é visível para uma parte dos estudantes da sua própria faculdade, nomeadamente para uma parcela dos não nacionais. Como vimos, também, existem muitas necessidades dos estudantes que não estão a ser supridas, seja porque as associações não realizam atividades suficientes com esse propósito, seja pela existência de diversas falhas na comunicação e divulgação das suas atividades.

A única AE entrevistada no âmbito desta dissertação foi a AEISA, que demonstrou dificuldades na integração de estudantes internacionais que nos parece serem comuns a várias outras associações. Não estando livre de crítica, revela ter programas específicos para estudantes do programa Erasmus+, como o programa de mentoria, que poderia facilmente ser promovido junto de estudantes brasileiros, africanos ou europeus em situação de mobilidade de grau. Ainda assim, demonstram uma crescente preocupação em trabalhar com os estudantes PALOP. Indica, também, um ponto importante, que pode representar uma questão cultural: “para ser integrado, o estudante tem de querer ser integrado”; no entanto, parece-nos que essa questão pode ser contornada se houver um maior esforço da associação em chegar aos estudantes que, por uma série de motivos possíveis, se isolam logo à partida – voluntária ou involuntariamente. Além disso, ao considerar que as atividades desenvolvidas têm um impacto positivo nos estudantes internacionais que nelas participam, afirma que uma maior divulgação seria um meio para atrair e integrar mais estudantes. Mesmo assim, destaca-se a articulação com as restantes AEs do campus em que se situam como algo que pode beneficiar os estudantes internacionais, permitindo uma interação entre comunidades das diversas faculdades. Uma vez que, graças ao método de bola de neve, obtivemos testemunhos de alguns estudantes provenientes do ISA-UL, esta associação de estudantes foi mencionada por todos, o que aponta, se não para reconhecimento, pelo menos para visibilidade.

Aquilo que se verifica, sobretudo no seio de faculdades com maiores dimensões em termos de número de alunos, é a criação de núcleos de estudantes, seja dos cursos ou área de estudos, de afiliações partidárias, de religiões, da comunidade *queer* ou, destacadamente, de estudantes internacionais de diversas origens, especialmente dos PALOP. Em última análise, estes núcleos, ainda que mais ou menos dependentes da associação de estudantes a que estão, ou não, afetos, podem afigurar-se como extensões das atividades que poderiam ser desenvolvidas pelas AEs, mas que, pelos mais variados motivos, não o são. Exemplo disso é o Núcleo de Estudos Africanos e Lusófonos da NOVA FCSH, que, como indicado pela sua presidente na entrevista, nos

indicou que recebe parte do orçamento da AE, ainda que insuficiente para todas as atividades que desejariam desenvolver. Neste caso em específico, o núcleo deseja promover a representatividade dos estudantes africanos e lusófonos da Faculdade, assim como a sua integração académica. Trata-se de uma organização que, por ser constituída pelos estudantes da FCSH, parece ter grande consciência dos problemas enfrentados e das necessidades daqueles, batalhando por uma maior consciencialização não só por parte da restante comunidade estudantil como dos órgãos diretivos da instituição. Apesar de uma dimensão tão reduzida, é notável o trabalho de *advocacy* desenvolvido, com alguns exemplos de luta por uma maior sensibilização para as dificuldades dos estudantes lusófonos junto da AE e da direção da Faculdade, além da comunidade estudantil no geral ali presente. Lamentavelmente, uma vez que o seu público-alvo principal é constituído por trabalhadores-estudantes, dadas todas as dificuldades que estes enfrentam para o seu percurso, as atividades desenvolvidas não alcançam todos os estudantes que desejariam, apesar de apresentarem estratégias para contornar esta situação, como a realização das atividades ao ar-livre e abertas a todo o campus.

Incontornável, portanto, é abordar o trabalho desenvolvido pelas associações juvenis, propriamente ditas, trabalhadas nesta dissertação. Com os três testemunhos obtidos, podemos retirar várias ilações acerca do seu importante contributo para a integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau, a par com as restantes organizações já mencionadas. Tal como no subcapítulo anterior, analisaremos primeiro a UECL e a AEGBL, terminando com a ESN Lisboa.

Simultaneamente ao trabalho desenvolvido por associações e núcleos *in campi*, a cidade de Lisboa, pela sua dimensão e interculturalidade típicas de uma capital, conta com um grande número de associações juvenis que se organizam em prol de uma maior integração das comunidades de estudantes internacionais. Ademais, e inevitavelmente, Lisboa apresenta-se, desde logo pela sua significativa oferta no contexto nacional, como um polo atrativo para estudantes lusófonos, que procuram melhores condições de vida e de ensino, e beneficiando de uma língua comum e acordos bilaterais ou multilaterais entre o país de origem e o de acolhimento. Estas foram condições favoráveis ao surgimento de associações de estudantes provenientes desses locais, como as estudadas nesta dissertação, ou mesmo outras como a Associação de Estudantes Angolanos em Portugal. Uma vez que esta dissertação se foca nas associações juvenis, entidades como a Casa do Brasil de Lisboa, a Associação Caboverdeana ou a Associação Aguienso, por exemplo, estavam automaticamente excluídas. Em

contraste, não se encontram associações de estudantes oriundos, por exemplo, de países da UE, como Espanha ou França.

A UECL, uma associação constituída por estudantes cabo-verdianos residentes em Lisboa, demonstra um bom exemplo de resiliência associativa, afirmando ter conseguido recuperar de um grande período de inatividade e recomeçado praticamente do zero. As duas iniciativas destacadas no início do capítulo mostram que o combate ao abandono escolar provocado pela carência económica dos estudantes é um grande foco, ao mobilizarem a comunidade imigrante a efetuar donativos em prol de uma bolsa de estudos e, simultaneamente, premiarem os estudantes pelo mérito académico. Mas, não é apenas sobre isso que incide a atividade da associação, como verificámos através da entrevista concedida. O programa de entreajuda entre “veteranos” e “caloiros”, apesar de não formalizado, aparenta ser uma iniciativa positiva para fomentar amizades, entreajuda e, no fundo, uma maior integração dos novos estudantes; contudo, uma formalização deste programa traria benefícios não apenas aos estudantes como à própria associação, uma vez que existiria um maior contacto com potenciais novos membros e maior curiosidade pelo trabalho desenvolvido. Depois, a grande diversidade de eventos permite aos estudantes ocuparem os seus tempos livres conectando-se com os nacionais do seu país, adquirirem novas competências que os auxiliam a adaptarem-se a um novo país com um sistema de ensino considerado mais exigente para esta comunidade e, ainda, interagirem com outras culturas e comunidades, sobretudo a nível local. Sobre este último ponto, o dirigente assumiu uma vontade da associação em promover uma maior interação entre as comunidades imigrantes, algo que por vezes se complica devido à dimensão da comunidade cabo-verdiana que propicia um fechamento dentro de si própria. A articulação das atividades da associação com outras associações e organizações cabo-verdianas ou a embaixada do país destaca-se como um ponto positivo, assim como a ênfase no papel que as universidades deveriam desempenhar mais eficazmente na receção de estudantes internacionais, afirmando que estudantes dos PALOP, por todas as dificuldades que enfrentam, são por elas, frequentemente negligenciados. Para terminar, defendeu uma maior colaboração entre as várias associações e núcleos relacionados com a lusofonia, pois considera que trabalham com o mesmo objetivo, mas de forma separada. Em relação a menções por parte dos estudantes internacionais entrevistados, dois dos três afirmaram conhecer a associação. Por fim, é positiva a colaboração com a ESN Portugal na redação do guia de acolhimento para estudantes da CPLP, mas que deveria ser alargado a outras associações de outras comunidades.

A AEGBL não constava da listagem do RNAJ, o que por si só já levanta um problema: não estando associada ao IPDJ, a Associação perde a oportunidade de se candidatar aos programas de apoio ao associativismo juvenil, algo que poderia constituir um grande pilar na sustentabilidade financeira. Não obstante este primeiro apontamento, pois, felizmente, foi fácil encontrá-la através das redes sociais, tal não impede a associação de realizar um trabalho positivo junto do seu principal foco, que são os estudantes guineenses em Lisboa. As iniciativas iniciais de levantamento dos novos estudantes e promoção de interajuda entre estes e os alunos já estabelecidos permite dar a conhecer a associação e evitar que os estudantes se isolem logo à partida. À semelhança dos cabo-verdianos, os estudantes guineenses também apresentam dificuldades com a língua portuguesa e com o sistema de ensino, algo que a AEGBL colmata com a sensibilização para uma interação com os estudantes locais de forma a praticarem o português e aprenderem técnicas de estudo mais eficientes, e dá aos estudantes a sugestão de participarem na praxe académica de forma a expandirem a sua rede de contactos. A associação mostra-se consciente da diversidade dos seus estudantes, que apesar de provenientes do mesmo país, apresentam diferenças culturais decorrentes da organização étnica e geográfica da Guiné-Bissau. Tal como a UECL, também coordenam a sua atividade com os núcleos de estudantes africanos das faculdades, ainda que de forma mais formalizada, de maneira a tomarem conhecimento dos novos estudantes e dos problemas por estes enfrentados, fazendo, depois, chegar à embaixada algum tipo de caderno de reivindicações. Ademais, destaque-se a *advocacy* exercida junto de instituições portuguesas como a AIMA e a DGES como um ponto a favor, uma vez que a pressão junto destes organismos poderá criar soluções efetivas por parte do poder português que regula a imigração e o ensino superior. A AIMA é uma das instituições que merece, por parte do presidente da AEGBL, uma crítica mais vocalizada pela má gestão dos processos pendentes, que levam a problemas na regularização de muitos destes estudantes e, em casos mais extremos, ao abandono escolar. Outra crítica feita é à atribuição de bolsas pelo Estado português, que exclui, à partida, estudantes internacionais. A associação aposta na formação dos estudantes de forma a melhorar a adaptação a questões de background académico, nomeadamente os reduzidos conhecimentos prévios em algumas disciplinas e o difícil acesso a computadores e à internet, que reconhecem ser, entre outros fatores, algo que também leva a um grande abandono escolar. Constata que a crise na habitação afeta fortemente os estudantes internacionais, apesar de alguns estudantes destes países de língua oficial portuguesa disporem de redes de contactos no país, designadamente familiares já imigrados que disponibilizam alojamento. Ainda assim, existem muitos casos de estudantes cuja experiência com estes familiares não é positiva, ocorrendo

frequentemente à intervenção da associação, que, a pensar nisso, desenvolveu um protocolo com a Associação Aguienso, que, por sua vez, disponibilizou um conjunto de quartos temporários para acolher estes e outros estudantes necessitados. Infelizmente, deve destacar-se, pela negativa, o impacto – nos trabalhos da Associação, na sua imagem e no processo de integração de estudantes internacionais – do cancelamento de atividades pela falta de recursos, sobretudo financeiros, sendo algo que se pode transpor a todas as associações. O foco na sustentabilidade financeira da Associação deve ser prioritário, pois, se mal gerida, os impactos podem ser múltiplos, dificultando ou mesmo impedindo a realização de atividades, para além de poderem gerar uma imagem negativa. Apenas um dos três estudantes guineenses entrevistados mencionou a AEGBL durante a sua entrevista.

A ESN Lisboa é, desde logo, uma associação com um potencial considerável, uma vez que se insere numa organização estudantil internacional, da qual beneficia do estatuto que o nome lhe confere, e está integrada numa federação a nível nacional, o que lhe confere oportunidades sinérgicas. Denota-se, logo à partida, um grande foco nos estudantes em mobilidade de crédito, até porque, como o próprio nome indica, o programa Erasmus+ é um dos pilares do funcionamento e da própria criação da organização. No entanto, uma vez que as suas atividades, iniciativas e projetos também estão direcionados para os restantes estudantes em mobilidade, é necessário apontar que, tal como assumido pela presidente da associação, não estão a conseguir alcançar os objetivos traçados para estudantes *full-degree*. Neste ponto, apresenta-se como possível razão o facto de as universidades não aproveitarem suficientemente o potencial desta organização para melhorar a integração dos seus estudantes, não dando a conhecer esta e outras associações. Portanto, tanto neste caso como nos vários já estudados, a dificuldade na divulgação das atividades junto de potenciais participantes é um entrave à participação por parte de estudantes internacionais em atividades de associações, podendo as universidades, se o desejassem, funcionar como elo de ligação forte e eficaz. Outros dois pontos menos positivos e, a longo prazo, pouco sustentáveis, parecem ser o reduzido rácio de recursos humanos para a quantidade de estudantes internacionais que se prontifica a auxiliar e a vontade de estar presente em todas as instituições de ensino superior da região de Lisboa, sendo porventura necessário criar uma estratégia de aumento de recursos humanos ou, à semelhança da presença noutras capitais e cidades europeias, criar mais secções<sup>11</sup> na cidade ou região de Lisboa. Não obstante, e passando a uma análise mais aprofundada, é necessário

---

<sup>11</sup> Dentro da organização, denominam as associações locais de “secções”.

sublinhar que esta associação é distinta das anteriores (a UECL e a AEGBL). Enquanto estas estão especialmente focadas em grupos específicos de estudantes por nacionalidades, respetivamente cabo-verdianos e guineenses, a ESN não faz distinção; mas, como vimos no capítulo 3, é conhecida sobretudo por estudantes da UE – no total, a associação foi mencionada por cinco das estudantes europeias entrevistadas (contra apenas um estudante brasileiro, membro dessa organização) –, talvez por, nas próprias cidades ou universidades de onde provêm, existirem secções da ESN. Fica, assim, de fora – mas não arbitrariamente por parte da associação – um grande número de estudantes de outras origens. Por esse motivo, iremos assumir que, quando a associação menciona estudantes internacionais, estará a referir-se, maioritariamente, a estudantes europeus, o que irá permitir um termo de comparação semelhante ao realizado entre os diferentes grupos de estudantes no capítulo 3. A associação mostra-se ciente dos problemas ao nível académico enfrentados pelos estudantes e, ao passo que as anteriores apontavam a língua portuguesa como sendo um entrave para o estudante dos PALOP devido ao uso corrente de crioulos ou línguas locais, a ESN Lisboa aponta como entrave para os estudantes europeus as aulas não serem sempre lecionadas em inglês a nível geral, mas sim em português. Apesar disso, indicam que a associação se preocupa em reunir com as faculdades de modo a pressioná-las no sentido de efetuarem esse tipo de mudanças que consideram necessárias. Como se trata de uma associação consideravelmente pequena para o universo de estudantes internacionais que está em Lisboa, tanto em mobilidade de grau como de crédito, dispõe de projetos que envolvem não apenas os seus membros, mas também a comunidade local, como o *Buddy Programme* que permite emparelhar estudantes internacionais com locais. As sessões de acolhimento nas diferentes faculdades demonstram, também, um esforço no desdobramento de recursos de forma a apresentarem-se aos novos estudantes; no entanto, ao não terem em consideração os estudantes que chegam mais tarde na realização desse tipo de sessões, como acontece com muitos não comunitários por causa da demora da outorga de vistos por parte dos consulados portugueses, poderão estar a excluí-los. No plano da integração social, a realização de um grande número de eventos recreativos e culturais permite aos estudantes acomodarem as suas preferências, mas sublinha-se a questão do choque cultural que, sendo maior nas culturas mais distantes da portuguesa, pode dar origem ao isolamento desses estudantes. Outra problemática que já foi mencionada no subcapítulo anterior é o facto de, por a questão da discriminação racial poder estar atenuada nesta comunidade de estudantes, ou não ser propriamente prioritária, a associação promover outras causas como as melhorias de acessibilidade para pessoas com deficiência ou a inclusão da comunidade LGBTQIA+. Sendo uma associação iminentemente constituída por

estudantes portugueses, denota-se a grande componente de cultura portuguesa presente nos eventos, desde as tours às visitas a museus, que permite proporcionar ao estudante um maior contacto com a cultura e, por conseguinte, uma maior integração social. A recolha de *feedback* formal, através do formulário disponibilizado aos participantes após cada atividade realizada, é uma iniciativa que poderia ser replicada pela generalidade das associações. Trata-se de um processo simples, podendo ser anónimo ou não, e que permite aos estudantes refletir sobre o impacto, positivo ou negativo, que a atividade teve. Esse *feedback* pode contribuir para uma melhoria das atividades e projetos das associações se for tido em conta para as atividades futuras.

Tendo já discutido as estratégias e contributos das associações nos parágrafos anteriores, interessa, agora, refletirmos acerca dos desafios que enfrentam estas organizações. É visível uma preocupação crescente com a crise da habitação que afeta a cidade de Lisboa. Como vimos, é uma grande fonte de ansiedade para os estudantes entrevistados, e todas as associações confirmaram que é um ponto crítico que, em casos mais extremos, motiva o abandono escolar. Ainda neste ponto, nota-se a dificuldade em estabelecer parcerias ou protocolos que permitam proporcionar aos estudantes internacionais alojamento mais acessível, seja do ponto de vista económico, seja do próprio acesso ao centro da cidade, denotando-se uma grande periferização da comunidade estudantil, sobretudo a proveniente do Sul Global. Ainda assim, este entrave não demove as associações na sua generalidade de exercerem pressão junto de instituições públicas no sentido de se preocuparem efetivamente mais com os estudantes que procuram Portugal para enriquecerem o seu currículo académico. Em grande parte dos casos, a solução possível é a criação de grupos de WhatsApp para a partilha de oportunidades de alojamento com os estudantes ou o estabelecimento de contactos entre estudantes para procura conjunta e partilha de apartamentos ou quartos.

Das cinco associações trabalhadas, apenas uma não se encontrava inscrita no RNAJ, impossibilitando-a de se candidatar a apoios concedidos pelo IPDJ através dos seus vários programas. É um recurso importante para associações maioritariamente compostas por jovens terem mais algum folgo financeiro que possibilite a realização das suas atividades, e a possível ampliação e melhoria destas. Contudo, como vimos antes, mesmo esses contributos nem sempre são suficientes, mas compensam a falta de apoio por parte das universidades a estas organizações. No entanto, não se pretende, deste modo, efetuar uma crítica à associação por não estar inscrita, mas sim à falta de

acessibilidade a um recurso tão importante como a informação, como iremos refletir mais à frente.

Pegando nos exemplos da AEISA e da ESN Lisboa, pode ser necessário refletir sobre a criação de departamentos especialmente focados na supressão de dificuldades de estudantes internacionais em mobilidade de grau, replicando algumas das iniciativas que já realizam para estudantes em mobilidade de crédito, mas acrescentando algumas que foram mencionadas no capítulo 3.

A questão dos recursos humanos mostra-se um ponto de grande *stress* no que respeita ao funcionamento eficiente das associações. Quase todas mencionaram o reduzido número de membros e da sua disponibilidade como um dos maiores problemas, tendo como consequências a não realização de atividades ou a dificuldade em chegar a um maior número de participantes. A sua motivação e capitação pode ser um fator que aumente a captação e retenção de recursos humanos. Algumas associações, como a UECL, chegam a considerar as suas atividades insuficientes, sobretudo devido ao facto de haver muitos membros em situação de trabalhadores-estudantes.

A divulgação das atividades aparenta ser outro foco de dificuldade das associações. Não parece haver uma fórmula infalível para esta questão, mas denota-se que, atualmente, a divulgação é feita, sobretudo, através das redes sociais. Muitas AEs já abandonaram os seus *websites*, focando-se maioritariamente na dinamização da sua conta de Instagram ou, por vezes, até, de TikTok, e com a partilha de hiperligações através de plataformas como a LinkTree (com a colocação do respetivo *link* na descrição do perfil). Mesmo o Facebook já é, em muitos casos, apenas um meio para partilha de publicações do Instagram. Ainda que pareça responder aos atuais padrões de utilização das redes sociais por parte dos jovens, é necessário refletir e colocar-se na posição de um estudante internacional. Um estudante proveniente da Eslováquia ou da África do Sul dificilmente irá fazer uma busca a partir do termo “associação de estudantes” na barra de pesquisa do Instagram ou do Facebook, por evidente desconhecimento da existência deste tipo de organizações típicas do Terceiro Setor em Portugal e, sobretudo, do termo utilizado. Como vimos, algumas associações já adotaram o termo anglófono “*students’ union*” de forma a captar mais facilmente os estudantes internacionais, mas, logo aí, podem estar a excluir estudantes lusófonos que não dominem a língua inglesa e que também desconheçam a existência das associações. A conclusão é que estas associações devem aprofundar o contacto com as direções das faculdades, de modo a solicitarem expressamente que os estudantes internacionais

sejam informados da sua existência, das principais atividades desenvolvidas e dos seus calendários de ação. Nota-se, portanto, uma franca dificuldade na criação de um fluxo de informação mais ágil que beneficie não apenas as associações de estudantes, mas também as associações juvenis e núcleos de estudantes. A criação de *newsletters*, ou a participação nas que as faculdades já disponham, pode ser outra ferramenta para chegarem a mais estudantes.

A falta de disponibilização de informação é outro dos problemas levantados pelas associações. Percebe-se o nível de burocratização do país quando o acesso à informação não está centralizado num só local, ou quando não estão acessíveis guias de orientação para as associações – que beneficiariam, sobretudo, associações compostas por membros estrangeiros como a AEGBL ou a UECL. A dispersão da informação é um grande entrave à eficiência destas estruturas, sobretudo sendo geridas por estudantes ou, até, trabalhadores-estudantes cujo tempo, já escasso a priori, é consumido por requisitos burocráticos extensos. Ainda sobre o IPDJ, seria, talvez, proveitoso para o desenvolvimento do associativismo juvenil uma maior proatividade no contacto direto às associações juvenis. Ressalva-se que tal só seria possível com a vontade política necessária proveniente do topo da hierarquia, com a dotação da organização dos devidos recursos financeiros e humanos para esse efeito. Depois, ainda neste âmbito, para algumas associações é um problema a perda de informação ao longo do tempo provocada por passagens de pasta ineficazes ou inexistentes, sobretudo num âmbito de grande rotatividade de equipas dirigentes, como na ESN Lisboa.

A falta de articulação do trabalho das várias associações juvenis com objetivos comuns – como, por exemplo, as associações de integração de estudantes PALOP ou de associações semelhantes à ESN – dificulta a realização de atividades que, sendo desenvolvidas individualmente, poderiam ter mais êxito se executadas em conjunto. Dá-se, aqui, o exemplo do plano da AEGBL em desenvolver um guia de orientação para novos estudantes, quando a ESN Portugal já desenvolveu um guia com esse mesmo fim (o *Orientações Lusófonas*), com a colaboração da UECL. Contudo, é um ponto positivo a realização em conjunto das celebrações do Dia de África, os eventos conjuntos das associações de estudantes do campus da Ajuda da Universidade de Lisboa ou a divulgação dos eventos das outras associações.

Efetivamente, a questão de compreender quais os desafios práticos que as associações enfrentam na integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau em Lisboa depressa se tornou numa demonstração de que as dificuldades das

associações são estruturais e, em maior ou menor nível, afetam a atividade da associação de um modo geral, impactando, por isso, a integração dos estudantes. Compreende-se, ainda, que com a prevalência destes obstáculos, a integração dos estudantes internacionais *full-degree* acaba por ficar relegada para segundo plano, com as associações a priorizarem outras questões para a sua própria continuidade. A sociedade civil e o poder político devem compreender a grande importância do trabalho das associações juvenis como motor de melhoria das condições do dia-a-dia de estudantes e jovens, mas, também, as dificuldades no desempenho das suas atividades e deveres, assentes numa base de voluntariado e ocupando grande parte do tempo livre dos seus membros, não sendo possível, por isso, efetuar tudo aquilo que desejariam. Por vezes, muitas das associações juvenis não dispõem, sequer, de um espaço físico para a instalação da sua sede, facto que a crise habitacional só agravou – impossibilitando associações com menor capital de arrendarem um espaço condigno e acessível –, sendo, talvez, importante as universidades disponibilizarem espaços próprios para estas associações. Essa ausência de sede impossibilita a associação de, entre outras questões, efetuar atendimento aos seus estudantes, desenvolver atividades no seu próprio espaço ou de centralizar num só local toda a documentação indispensável para o seu normal funcionamento.

Regressando à temática da crescente internacionalização do ensino superior português, compreendem-se as várias consequências que esse processo abarcou em várias vertentes. Se nos focarmos na perspetiva das associações de estudantes e juvenis, compreendemos que tem sido uma dificuldade o cada vez maior número de estudantes internacionais cuja integração pode ser facilitada por estas organizações. Sobretudo num contexto em que as IES têm falhado, como pudemos ver pelos relatos de vários estudantes no capítulo 3 ou de associações no capítulo 4, estas têm tentado colmatar essa falha, mas o sucesso pode estar comprometido se não adotarem uma estratégia de maior sustentabilidade, como o crescimento do seu número de recursos humanos e a sua capacitação, e de *advocacy* junto das IES e do Estado, exigindo uma melhoria das suas condições de existência e o reconhecimento do seu papel na integração dos estudantes internacionais.

<b>Principais dificuldades de integração dos estudantes internacionais em mobilidade de grau em Lisboa:</b>	
<b>Para a generalidade dos estudantes:</b>	Língua
	Encontrar um quarto ou uma residência de estudantes acessível e com condições
	Custo de vida elevado
<b>Especificamente para os estudantes provenientes do Brasil e dos PALOP:</b>	Background académico e exigência do método de ensino
	Demora na outorga de vistos por parte dos Serviços Consulares e, já em Portugal, no SEF/AIMA
	Saudades de casa; sentimento de solidão/desenraizamento
<b>Principais atividades das associações juvenis:</b>	
<b>Associações de estudantes (como a AEISA, cujos principais destinatários são a comunidade estudantil portuguesa)</b>	<b>Para a integração académica:</b> participação e organização de <i>Welcome Days</i> ; tours pela faculdade; <i>Erasmus Buddies</i> (mentoria); <i>Erasmus Talks</i> (sessões de esclarecimento); grupo no WhatsApp; festas e convívios internacionais.
	<b>Para a integração social:</b> eventos recreativos, como festas e churrascos; semana cultural com teatro, música e outras artes; eventos de ação social como caminhadas solidárias; particularmente, atividades direcionadas à celebração do mundo rural.
	<b>Para a integração habitacional:</b> dossiê físico com anúncios de quartos ou apartamentos disponíveis no bairro do Instituto.
<b>Núcleos de estudantes (como o NEAL-NOVA, cujos principais destinatários são os estudantes internacionais da CPLP)</b>	<b>Para a integração académica:</b> espaço de debate intercursos para discussão de autores ou referências africanas, negras e afrodescendentes, em falta nos conteúdos dos seus cursos; fomento de entreajuda e integração, combatendo a exclusão e solidão no meio académico; promoção da representatividade.
	<b>Para a integração social:</b> celebração do aniversário do núcleo e do Dia de África; atividades no exterior do campus abertas a toda a comunidade estudantil; piqueniques e pequenos convívios nas semanas iniciais.
	<b>Para a integração habitacional:</b> <i>advocacy</i> junto das IES para maiores apoios aos estudantes, sobretudo africanos.
<b>Associações juvenis (como a UECL, a AEGBL ou a ESN Lisboa, cujos principais destinatários são estudantes internacionais de determinados países ou da generalidade)</b>	<b>Para a integração académica:</b> pressão junto do país de origem para reforçar os seus níveis de ensino; interajuda entre “caloiros” e “veteranos”; formação e passagem de informação aos estudantes; <i>Buddy Programme</i> para intercâmbio linguístico; realização habitual de <i>Welcome Days</i> nas várias faculdades da região de Lisboa; reuniões com os gabinetes de relações internacionais das faculdades.
	<b>Para a integração social:</b> abertura dos eventos a outras comunidades de estudantes, incluindo a portuguesa, e à própria comunidade local; colaboração com outras associações de outras escolas e outros públicos; tertúlias com públicos e temas diversificados; atividades desportivas abertas à comunidade internacional e local; eventos e atividades de celebração de datas comemorativas dos países dos estudantes (e.g. Cabo Verde) abertos a toda a comunidade; atividades de conhecimento da cidade (e.g. <i>peddy papers</i> ); iniciativas de premiação dos estudantes pelo mérito académico; promoção da interação com

	famílias portuguesas (e.g. projeto <i>Christmas with Portuguese Families</i> ) e ações junto de comunidades mais vulneráveis, como a idosa.
	<b>Para a integração habitacional:</b> grupos no WhatsApp e contas no Instagram para a procura, informação e partilha de casa por parte dos estudantes parcerias com <i>websites</i> de alojamento confiáveis e anúncios verificados e com residências estudantis, que oferecem descontos nas mensalidades; encontros com representantes das Embaixadas, exercendo pressão para a resolução de problemas dos estudantes internacionais (e.g. mais parcerias entre Cabo Verde e Portugal para aumento dos lugares nas residências estudantis destinados a cabo-verdianos); cooperação com outras associações para disponibilização de quartos temporários e troca de vagas entre estudantes.
<b>Principais constrangimentos às atividades das associações</b>	
<b>Associações de estudantes:</b> recursos humanos, falta de financiamento, falta de visibilidade e reconhecimento.	
<b>Núcleos de estudantes:</b> infraestruturas, recursos humanos, sustentabilidade a longo prazo.	
<b>Associações juvenis:</b> infraestruturas, falta de visibilidade e reconhecimento, falta de financiamento, défice na disponibilização de informação; burocracia; motivação dos recursos humanos; capacitação e formação; vasto universo de estudantes para integrar; défice de apoio por parte das universidades.	

**Quadro 30:** Quadro-síntese de esquematização das principais dificuldades dos estudantes internacionais, das principais atividades das associações juvenis e dos principais constrangimentos à sua atividade. Fonte: Entrevistas a estudantes internacionais e a associações juvenis.

Como podemos observar através do quadro-síntese (Quadro 30), a generalidade dos estudantes internacionais debate-se com problemas relacionados com o aumento crescente do custo de vida em Lisboa, com destaque para o desafio do alojamento. É importante referir que os estudantes do Sul Global apresentam dificuldades adicionais, que se iniciam com uma maior incidência de indivíduos com níveis de rendimento mais baixos (o que conduz a uma necessidade maior de ter uma atividade profissional contínua) e se prolongam em sensações de solidão e desenraizamento mais significativas, na maior dificuldade de adaptação aos métodos de ensino, para além de enfrentarem desafios burocráticos mais significativos relativos à sua mobilidade.

São vários os pontos comuns no que respeita às atividades desenvolvidas pelas AEs, núcleos de estudantes e associações juvenis para estudantes internacionais, mas a investigação demonstra que as AEs estão mais focadas nos estudantes portugueses e europeus, enquanto as restantes se mostram mais direcionadas para os estudantes internacionais, desenvolvendo múltiplas atividades que vão de sessões iniciais de

acolhimento a *advocacy* junto de IES e entidades estatais, passando ainda por atividades desportivas e de conhecimento da cidade. Ainda assim, aquilo que mais as une são os constrangimentos enfrentados, que parecem ser transversais à maioria das associações, independentemente do tipo de estrutura, destacando-se problemas com a carência de recursos humanos, a falta de financiamento e a falta de visibilidade e reconhecimento.

## 5. PROPOSTA DE ESBOÇO DE GUIA ORIENTADOR PARA A ESTRUTURAÇÃO E AÇÃO DE ASSOCIAÇÕES JUVENIS ORIENTADAS PARA ESTUDANTES INTERNACIONAIS DE ENSINO SUPERIOR

Conforme defendido no início da dissertação, entendemos ser necessário – e definimos como um dos objetivos – a realização de uma análise sólida ao trabalho das associações, complementada com as dificuldades de integração apresentadas pelos estudantes internacionais em mobilidade de grau entrevistados, que permitisse a organização de um Guia Orientador para as associações juvenis. Tal foi efetuado no subcapítulo anterior e, neste, selecionaremos algumas das melhores práticas das várias associações, complementando com as sugestões dadas de possíveis medidas a serem implementadas em prol de uma maior integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau, assim como as sugestões de estudantes entrevistados. De forma a ser prático e de fácil leitura, este plano será redigido em formato de tabela. Ademais, entendemos ser necessário subdividi-lo nas temáticas que se mostraram mais desafiantes para as associações, nomeadamente: constituição da associação e burocracia adjacente; estratégia de *advocacy*; estratégia de comunicação/divulgação; e, sugestões de medidas e atividades de integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau. Estas temáticas encontram-se esquematizadas nos Quadros 31, 32, 33 e 34.

### CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO E BUROCRACIA ADJACENTE

#### **Efetuar a inscrição (e/ou manutenção regular) no RNAJ**

Esta inscrição permite à associação aceder aos direitos e benefícios previstos no regime jurídico do Associativismo Jovem (Lei n.º 23/2006, de 23 de junho, com a atual redação da Lei n.º 57/2019, de 7 de agosto) e Portarias regulamentares.

#### **Solicitar reunião com equipa de técnicos do IPDJ**

A realização de uma reunião permite à associação dar a conhecer o seu trabalho a este organismo, e solicitar apoio mais personalizado ao nível da redação de candidaturas aos apoios ou outros assuntos de carência relevante da associação.

#### **Estabelecer uma sede física**

Através da celebração de parcerias com instituições públicas ou privadas, universidades/faculdades ou outras associações ou do investimento com capital próprio, permite à associação o desenvolvimento de atividades, o atendimento ao público, a realização de reuniões e assembleias e o estabelecimento de um arquivo.

#### **Zelar pela transparência democrática e por uma passagem de pasta existente e eficaz**

Primar pelo cumprimento de todos os trâmites da lei portuguesa no que concerne aos órgãos sociais e respetivas competências, processos eleitorais e respeito pelos estatutos e regulamentos internos, assim como disponibilizar essa informação aos sócios.

Garantir que as diferentes direções e equipas de coordenação promovem uma passagem de pasta eficaz às seguintes equipas, podendo tal ser facilitado com a criação e manutenção regular de atas e guias escritos.

**Criar ou aderir a federações de associações de carácter semelhante**

A opção por esta via pode permitir à associação estabelecer sinergias com outras associações semelhantes, assim como a partilha e captação de boas práticas.

**Criar uma estratégia de captação de recursos humanos e de capacitação e formação**

Aqui, podem entrar atividades de *team building* ou incentivos de outro género.

**Celebrar protocolos de colaboração e apoio com IES**

**Celebrar protocolos de colaboração com outras associações juvenis ou de outro carácter**

**Celebrar parcerias comerciais e de serviços**

Na área do alojamento, cultura, saúde e bem-estar, restauração, serviços (como facilitação de cartões SIM) ou transportes.

**Quadro 31:** Sugestões para a constituição da associação e burocracia adjacente, no âmbito do Guia Orientador para a estruturação e ação de associações juvenis orientadas para estudantes internacionais de ensino superior proposto na dissertação. Fonte: autoria própria.

## **ESTRATÉGIA DE ADVOCACY**

**Exercer pressão junto de entidades como o IPDJ ou embaixadas e participação ativa em eventos como o ENDA de forma a advogar por melhores condições para as associações juvenis e de estudantes**

Através de reuniões com entidades e da escrita de documentos de tomada de posição, publicações ou entrevistas a órgãos de comunicação social.

**Articular com outras associações juvenis e com os núcleos de apoio ao estudante, de relações internacionais e/ou de mobilidade**

Realização de atividades e projetos em parceria com essas entidades, com a celebração e manutenção de protocolos de colaboração.

**Identificar estudantes internacionais em maior situação de vulnerabilidade**

**Efetuar essa sinalização em articulação com as IES, respeitando sempre o RGPD ou legislação semelhante.**

**Promover, junto das IES, a importância da oferta de aulas de português a não falantes primários**

Faculdades que oferecem cadeiras de Português como Segunda Língua são exemplo de iniciativas que auxiliam estudantes que provêm de países não lusófonos e de países de língua oficial portuguesa, mas cujo português não é a língua mais utilizada no quotidiano de algumas populações.

**Solicitar às IES que cumpram, na prática, a promessa de disponibilização de aulas em inglês ou em modo híbrido, sobretudo quando constante do programa de estudos do curso**

**Advogar pelo fortalecimento dos regimes de trabalhador-estudante ou semelhantes**

Garantir que os estudantes, em especial os estudantes internacionais, que têm de trabalhar enquanto estudam têm os seus direitos académicos assegurados ou, mesmo, acrescidos.

**Requerer o alargamento de atribuição de bolsas de estudo a estudantes internacionais**

**Sensibilizar as IES para a existência de estudantes internacionais com chegada tardia ao país**

Especialmente os estudantes internacionais que necessitam de visto de entrada no território e que por demoras nas respostas do sistema consular português não conseguem chegar logo no início do ano letivo.

**Quadro 32:** Sugestões para a estratégia de *advocacy*, no âmbito do Guia Orientador para a estruturação e ação de associações juvenis orientadas para estudantes internacionais de ensino superior proposto na dissertação. Fonte: autoria própria.

**ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO/DIVULGAÇÃO****Refletir sobre a clareza da denominação da associação**

Compreender que o associativismo juvenil não é um fenómeno presente em todos os países do mundo, nem de igual forma. As associações devem refletir se deverão adotar outras denominações (como "*students' union*", em inglês), pelo menos de forma periódica, de maneira a alcançar estudantes que não estejam acostumados com os termos utilizados em Portugal. Se possível, a opção mais eficaz poderá ser uma estratégia bilingue (português-inglês).

**Promover campanhas de sensibilização para a existência de estudantes internacionais em mobilidade de grau e das suas dificuldades**

Efetuar essa sensibilização junto das universidades e faculdades, instituições públicas, comunidade estudantil e comunidade local.

**Promover uma comunicação bilingue**

Incluir, nas comunicações e material promocional, a língua portuguesa e a língua inglesa, de forma a englobar estudantes internacionais de diferentes origens geográficas.

**Construir guias de boas-vindas e de orientação para estudantes internacionais**

Preferencialmente, construir estes guias em conjunto com outras associações e núcleos de estudantes, com uma manutenção regular adaptada à evolução do contexto burocrático e social. Ademais, será produtiva uma constante promoção desse guia junto dos estudantes e a eventual inclusão de "secções direcionadas" (para estudantes com determinadas origens, determinado ciclo de estudo, etc.).

**Solicitar divulgação das atividades e projetos da associação por parte das IES**

Através de comunicações regulares com os estudantes, por meio de *newsletters*, *website* ou redes sociais da IES, os estudantes internacionais podem ficar a conhecer as associações juvenis e de estudantes ainda antes da chegada a Lisboa.

**Quadro 33:** Sugestões para a estratégia de comunicação/divulgação, no âmbito do Guia Orientador para a estruturação e ação de associações juvenis orientadas para estudantes internacionais de ensino superior proposto na dissertação. Fonte: autoria própria.

## SUGESTÕES DE MEDIDAS E ATIVIDADES DE INTEGRAÇÃO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS EM MOBILIDADE DE GRAU

### **Integrar estudantes internacionais em mobilidade de grau nas equipas das associações juvenis e de estudantes**

Sobretudo em associações que sejam maioritária ou totalmente compostas por estudantes nacionais, ponderar a captação de estudantes em mobilidade, de forma a personalizar a sua atividade com base nas necessidades dos EIs.

### **Auscultar, com frequência, os estudantes internacionais e compreender as suas dificuldades e necessidades. Interpretar as respostas e considerá-las nas estratégias e ações.**

Recolha de testemunhos e opiniões através de formulários ou, até, da organização de reuniões ou debates.

### **Desenvolver programas de mentoria/tutoria**

Neste aspeto, pode ser mais produtivo desenvolver sinergias com outras associações e as próprias faculdades para implementar programas conjuntos ou melhorar os já existentes.

### **Equilibrar o apoio e realização de atividades para estudantes em mobilidade de crédito (Erasmus+) com mobilidade de grau**

#### **Criar departamentos focados na integração de estudantes *full-degree***

Com foco em áreas de maior *stress* como, por exemplo, no tratamento de burocracia, na procura de alojamento ou até apoio ao estudo.

#### **Estudar a criação de iniciativas de atribuição de apoios financeiros a estudantes carenciados**

Iniciativas como bolsas de apoio financeiro ou prémios de mérito, desde que não perturbem a estabilidade orçamental da associação, podem beneficiar estudantes em comprovada carência financeira

### **Desenvolver e divulgar mecanismos de denúncia em casos de discriminação ou assédio e capacitar os membros da associação para lidarem com essas situações**

Em coordenação, ou não, com instituições de ensino superior, dispor de mecanismos - por exemplo, formulário online, canal de denúncia online ou presencial, ou membros específicos em determinados eventos - que permitam denunciar casos de discriminação ou assédio com base em etnia, religião, género ou orientação sexual, seja em âmbito social ou académico.

### **Realizar atividades que impliquem o contacto direto com a comunidade local**

Exemplos: atividades de voluntariado com populações vulneráveis; recolhas e entregas de alimentos ou vestuário; promoção de atividades e eventos culturais locais.

### **Organizar clubes de intercâmbio linguístico (*tandem*)**

Atividades que promovam a aprendizagem de novas línguas e, sobretudo no caso do português não ser a primeira língua, a consolidação dos conhecimentos ou da pronúncia.

### **Realizar atividades de cariz cultural e desportivo**

Apostar na realização de atividades que promovam, junto de estudantes internacionais, um contacto e conhecimento da cultura local, como visitas a museus e monumentos, *tours*, viagens e eventos desportivos.

### **Realizar atividades de formação e capacitação dos estudantes internacionais**

Nesta vertente, a associação pode procurar oferecer oportunidades de formação aos estudantes através das competências dos seus membros ou da procura de centros de formação e de *workshops*. Aqui, entra, ainda, a divulgação de outras oportunidades de formação.

<p><b>Criar grupos de conversação <i>online</i></b></p> <p>Em aplicações como o WhatsApp, a criação de grupos de chat e respetiva divulgação junto dos IEs pode permitir uma maior socialização. Além disso, podem ser criados grupos para temáticas específicas, como o alojamento, e para promover eventos e iniciativas.</p>
<p><b>Envolver as comunidades <i>alumni</i> e imigrante</b></p> <p>No caso, por exemplo, de associações de estudantes de outros países, aproveitar a comunidade em diáspora para colaborar em eventos, iniciativas ou projetos da associação.</p>
<p><b>Criar um cartão de sócio</b></p> <p>À semelhança do que já fazem algumas associações, dispor de um cartão de membro/sócio que permita o acesso a determinadas atividades e descontos em parceiros comerciais.</p>
<p><b>Desenvolver uma estratégia focada no acesso a alojamento acessível para os estudantes internacionais</b></p> <p>Procurar e partilhar oportunidades de alojamento acessível e, se possível, construir um banco de dados de ofertas de alojamento acessível, com regular manutenção. Igualmente, foco em <b><i>advocacy</i></b> junto de IES e organismos estatais para fazer face a esta problemática.</p>

**Quadro 34:** Sugestões de medidas e atividades de integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau, no âmbito do Guia Orientador para a estruturação e ação de associações juvenis orientadas para estudantes internacionais de ensino superior proposto na dissertação.

Fonte: autoria própria.

## 6. CONCLUSÕES

A investigação conduzida nesta dissertação apresentou-se como uma proposta de estudo sobre as estratégias seguidas, os contributos dados e os desafios enfrentados pelas associações juvenis e de estudantes da região de Lisboa no seu esforço para a integração de estudantes internacionais em Lisboa. Para tal, analisou-se bibliografia sobre a internacionalização do ensino superior português e o respetivo fenómeno de capitalização, no qual se enquadra o crescente número de estudantes internacionais que se fixam na cidade de Lisboa todos os anos e semestres para estudar, seja em mobilidade de crédito ou de grau. Neste âmbito, foi igualmente necessário analisar a bibliografia respeitante à integração e ao associativismo juvenil.

Podemos, agora, concluir que, em sequência dos grandes desafios provocados pela crescente internacionalização do ensino superior português, inserida numa lógica de mercado por parte das instituições de ensino superior e das instituições que as tutelam, os desafios das associações têm, da mesma forma, aumentado. Conforme observado em vários testemunhos de estudantes internacionais e associações, uma grande parte das instituições de ensino superior não se mobiliza de forma eficaz – seja por falta de recursos ou, mesmo, de vontade – para acolher e integrar os estudantes em mobilidade de grau que, quando necessitam de visto de entrada e permanência em território português, chegam ao país com largos atrasos. Foi frequente, ao longo das entrevistas realizadas, o contraste entre os esforços largamente superiores das faculdades para o acolhimento de estudantes em mobilidade de estudos ao abrigo do programa Erasmus+, em relação ao défice de iniciativas para estudantes fora desse programa.

Ao longo da investigação, entendemos que, mesmo que exista vontade da sua parte, as associações de estudantes apresentam dificuldades ao tentarem colmatar essas falhas das IES. Por vezes, quando se trata de IES de maior dimensão em termos de número de estudantes, é frequente a constituição de núcleos de estudantes de certas origens geográficas, como os PALOP ou o Brasil, mas que se debatem com dificuldades a nível estrutural, como o baixo orçamento ou poucos recursos humanos. Em relação às associações de estudantes, a principal conclusão parece ser a falta de preparação e adaptação a um tão crescente número de estudantes internacionais, levando ao agravamento de problemas estruturais como recursos humanos reduzidos. No que concerne as associações juvenis, entrevistámos a ESN Lisboa, a UECL e a AEGBL, que, num quadro de independência das IES, apresentam estratégias diferenciadas para diferentes destinatários. Por esse motivo, a estrutura da dissertação segue uma lógica

de contínua comparação entre estudantes do Norte Global (neste caso da União Europeia) e do Sul Global (com foco no Brasil e alguns PALOP), pois são grupos com diferentes dificuldades de integração e diferentes interações com o tecido associativo.

Não obstante, as associações demonstraram uma grande resiliência e um leque de boas-práticas que podem servir de modelo para a atuação de outras associações a operar em Lisboa, sendo esse o principal motivo para a construção do Guia Orientador do capítulo 5.

No início da dissertação, definimos a pergunta de partida como sendo “Que estratégias têm e que desafios enfrentam as associações juvenis na integração dos estudantes internacionais em situação de mobilidade de grau em Lisboa?”, cujo caminho para a sua resposta passou pela revisão de literatura dos principais conceitos-chave, a consulta de dados estatísticos relacionados com a mobilidade internacional de estudos em Portugal e o associativismo juvenil, e a condução de entrevistas semiestruturadas com estudantes internacionais em mobilidade de grau e com representantes de associações juvenis, de estudantes e núcleos de estudantes. A resposta a esta pergunta implicou uma questão adicional (perceber quais as dificuldades de integração de estudantes internacionais de diferentes origens) e pretende contribuir para preencher uma lacuna na literatura, relativamente ao papel das associações juvenis neste processo.

Os resultados obtidos nesta investigação que as principais dificuldades de integração dos estudantes internacionais são a barreira linguística, dificuldades de alojamento e custo de vida, estando especialmente vulneráveis estudantes de países terceiros (como dos PALOP ou do Brasil), que se apresentam um *background* académico bastante diferente, saudades de casa e entraves burocráticos como agravantes. Sendo a integração destes estudantes por parte das suas IES frequentemente descurada, as associações procuram responder através de atividades de integração (recreativas, culturais, desportivas ou de voluntariado) e *advocacy* junto de instituições de ensino e entidades estatais, mas deparam-se com limitações estruturais, como falta de recursos humanos, infraestruturas, financiamento e reconhecimento institucional. Foi também possível verificar diferentes abordagens consoante o grupo-alvo da sua atividade que, dependendo da estrutura, podem diferenciar positiva ou negativamente os restantes grupos. Os testemunhos dados por estes dois grupos de entrevistados permitiram-nos construir um Guia Orientador para a ação das associações juvenis e outras estruturas, sendo esse outro dos objetivos iniciais da investigação.

Por fim, acreditamos que investigações futuras poderão cobrir de forma mais abrangente o tecido associativo português que opera junto de estudantes internacionais, utilizando metodologias semelhantes como entrevistas e grupos focais a mais associações juvenis e de estudantes e núcleos, e avaliando, de forma mais aprofundada, o impacto da extinção do SEF e do ACM e criação da AIMA na integração de migrantes. Ademais, poderá ser relevante compreender as eventuais diferenças na integração dos estudantes e nas respostas dadas pelos vários tipos de IES, designadamente institutos politécnicos e universidades, público e privado ou IES localizadas em cidades de dimensões distintas, ou mais ou menos periféricas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAUL | *Historia*. (s.d.). AAUL. <https://www.aaul.pt/historia>

Accornero, G. (2009). *Efervescência estudantil: estudantes, acção contenciosa e processo político no final do Estado Novo (1956-1974)* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/321>

AEFPIE-UL - organograma. (s.d.). <https://www.aefpieul.com/organograma>

Albuquerque, R. (2008). *Associativismo, capital social e mobilidade : contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portugal* [Tese de Doutoramento, Universidade Aberta]. Repositório Aberto - Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/1271>

Altbach, P. G., & Engberg, D. (2014). Global Student Mobility: the changing landscape. *International Higher Education*, 77, 11–13. <https://doi.org/10.6017/ihe.2014.77.5676>

Altbach, P. G., & Klemencic, M. (2014). Student activism remains a potent force worldwide. *International Higher Education*, 76, 2–3. <https://doi.org/10.6017/ihe.2014.76.5518>

*Aluno internacional* | AAFDL. (s.d.). <https://aafdl.pt/aluno-internacional/>

Alves, E. (2015). *Estudantes Internacionais no Ensino Superior Português: Motivações, Expectativas, Acolhimento e Desempenho* (Vol. 46). Observatório das Migrações, ACM, IP. [https://www.google.pt/books/edition/Estudantes Internacionais no Ensino Su/pe/1xl0DwAAQBAJ?hl=pt-PT&qbpv=1&pg=PP1&printsec=frontcover](https://www.google.pt/books/edition/Estudantes_Internacionais_no_Ensino_Su/pe/1xl0DwAAQBAJ?hl=pt-PT&qbpv=1&pg=PP1&printsec=frontcover)

- Alves, E. (2021). *Angolan and Cape Verdean students in Portuguese higher education: Motivations and mobility strategies* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/52497>
- Alves, E., & King, R. (2021). Between international student and immigrant: A critical perspective on Angolan and Cape Verdean students in Portugal. In R. Brooks & S. O'Shea (Eds.), *Reimagining the higher education student: Constructing and contesting identities*, (pp. 245–262). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781000358766-14>
- Alves, E., King, R., & Malheiros, J. (2023). 'Going to study or plan to stay on?' Mobility profiles of Angolan and Cape Verdean students in Portugal. *Population Space and Place*, 30(1). <https://doi.org/10.1002/psp.2715>
- Associação de Estudantes Angolanos em Portugal | Escola Superior de Tecnologia e Gestão. (s.d.). <https://www.ipleiria.pt/estg/associacao-de-estudantes-angolanos-em-portugal/>
- Breznik, K., & Skrbinjek, V. (2020). Erasmus student mobility flows. *European Journal of Education*, 55(1), 105–117. <https://doi.org/10.1111/ejed.12379>
- Brown, L. (2009). An ethnographic study of the friendship patterns of international students in England: An attempt to recreate home through conational interaction. *International Journal of Educational Research*, 48(3), 184–193. doi:10.1016/j.ijer.2009.07.003
- Cabrito, B., Cerdeira, L., & Mucharreira, P. R. (2023). O Ensino Superior Público em Portugal: financiamento, privatização e precariedade. *FINEDUCA - Revista De Financiamento Da Educação*, 13(10). <https://doi.org/10.22491/2236-5907127480>
- Cachapuz, A. (2020). O Processo de Bolonha e a internacionalização do ensino superior na Europa: uma experiência multicultural. *Série-Estudos - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB*, 103–120. <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v25i53.1385>

- Calvo, D. M. (2017). Understanding international students beyond studentification: A new class of transnational urban consumers. The example of Erasmus students in Lisbon (Portugal). *Urban Studies*, 55(10), 2142–2158. <https://doi.org/10.1177/0042098017708089>
- Campos, R., Pereira, I. & Simões, J. A. (2016). Ativismo digital em Portugal: um estudo exploratório. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 82, 27–47. <http://journals.openedition.org/spp/2460>
- Cardina, M. (2008). Movimentos estudantis na crise do Estado Novo: mitos e realidades. *E-cadernos CES*, 01, 57–76. <https://doi.org/10.4000/eces.101>
- Carlson, S. (2012). Becoming a Mobile Student – A processual perspective on German degree student mobility. *Population Space and Place*, 19(2), 168–180. <https://doi.org/10.1002/psp.1749>
- Carvalho, C., Santos, F., Jabula, I., Barreto, M. A., & Da Silva, R. (2023). *Perfil do Estudante dos PALOP nas Instituições de Ensino Superior em Portugal: caracterização, expetativas, constrangimentos (2015-2021)*. CEI-Iscte. [https://cei.iscte-iul.pt/wp-content/uploads/2024/01/relatorioestudo\\_pepip\\_final.pdf](https://cei.iscte-iul.pt/wp-content/uploads/2024/01/relatorioestudo_pepip_final.pdf)
- Castelo, C. (2015). Casa dos Estudantes do Império (1944-65): uma síntese histórica. In F. Rosas, C. Castelo, T. Medeiros, A. Margarido, F. Soares, A. M. Martinho... Pepetela (2015). *Mensagem - Casa dos Estudantes do Império 1944-1994, Número Especial* (pp. 25-31). União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA).
- Chainho-Pereira, J., Martins, A., Martins, N., Querido, L., Pinto, P., Pratas, S., & Nunes, N. (2021). Associativismo popular e envelhecimento ativo: O caso do distrito de Leiria. *Análise Associativa*, 8, 18-47. <https://www.cpccrd.pt/centro-documentacao-e-informacao/analise-associativa/>
- Choudaha, R. (2017). Three waves of international student mobility (1999–2020). *Studies in Higher Education*, 42(5), 825–832. <https://doi.org/10.1080/03075079.2017.1293872>

Chumak, N. (2022). Mobility of students and teachers in the face of Russia's military aggression in Ukraine. In *Multidisciplinary academic notes: Theory, methodology and practice*, 525–526. International Science Group. <https://doi.org/10.46299/ISG.2022.1.17>

Concurso Especial para Estudantes Internacionais | DGES. (s.d.). <https://www.dges.gov.pt/pt/pagina/concurso-especial-para-estudantes-internacionais>

Dados, N., & Connell, R. (2012). The Global South. *Contexts*, 11(1), 12–13. <https://doi.org/10.1177/1536504212436479>

Daniel, P. (2024). *Manual de Métodos Qualitativos em Geografia*. <https://doi.org/10.33787/ceg20240002>

De Wit, H., Ferencz, I., & Rumbley, L. E. (2012). International student mobility. *Perspectives Policy and Practice in Higher Education*, 1–7. <https://doi.org/10.1080/13603108.2012.679752>

de Wit, H., Hunter, F., Egron-Polak, E., & Howard, L. (Eds). (2015). Internationalisation of higher education: A study for the European parliament. [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2015/540370/IPOL\\_STU\(2015\)540370\\_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2015/540370/IPOL_STU(2015)540370_EN.pdf)

Departamentos - AEISEG. (2021). AEISEG. <http://aeiseg.pt/departamentos/>

Direção-Geral da Comunicação - Parlamento Europeu. (2024). *Europa social: em que consiste a política social da UE?*. Parlamento Europeu. [https://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/2017/6/story/20170616STO77648/20170616STO77648\\_pt.pdf](https://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/2017/6/story/20170616STO77648/20170616STO77648_pt.pdf)

Direção-Geral da Educação, da Juventude, do Desporto e da Cultura (Comissão Europeia). (2023). *Relatório anual do Erasmus+ de 2022*. Serviço Das Publicações Da União Europeia. <https://op.europa.eu/s/z76k>

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. (s.d.). Inscritos em mobilidade internacional de grau. <https://www.dgeec.medu.pt/l/MNh03>

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. (2024). *Inquérito ao Registo de Alunos Inscritos e Diplomados do Ensino Superior (RAIDES) – 2023/2024: Resultados do 1.º Momento do Inquérito RAIDES*. Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. <https://www.dgeec.medu.pt/api/ficheiros/6627c4a387a436c686ca2462>

Education at a Glance 2017. (2017). In *Education at a glance. OECD indicators/Education at a glance*. <https://doi.org/10.1787/eag-2017-en>

Elwood, S. (2010). Mixed methods: thinking, doing, and asking in multiple ways. In *SAGE Publications, Inc. eBooks* (pp. 94–114). <https://doi.org/10.4135/9780857021090.n7>

Erasmus 2023/2024. (s.d.). AEIGOT. <https://aeigotulisboa.weebly.com/erasmus-20232024.html>

Erasmus Student Network Lisboa - ESN Lisboa | Students helping Students. (s.d.). <https://www.esnlisboa.org/>

Estudantes noutra país da UE: direito de residência - Your Europe. (2022). Your Europe. [https://europa.eu/youreurope/citizens/residence/residence-rights/students/index\\_pt.htm](https://europa.eu/youreurope/citizens/residence/residence-rights/students/index_pt.htm)

França, T., Alves, E., & Padilla, B. (2018). Portuguese policies fostering international student mobility: a colonial legacy or a new strategy? *Globalisation Societies and Education*, 16(3), 325–338. <https://doi.org/10.1080/14767724.2018.1457431>

GUIA DOS NÚCLEOS AAFDL. (2021). Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa. <https://aafdl.pt/wp-content/uploads/2021/11/GUIA-DOS-N%C3%9ACLEOS-AAFDL-2021.pdf>

Gusso, R. J. (2021). O que é associativismo? In Bodart, C. N. (Eds.), *Conceitos e categorias fundamentais do ensino de ciência política*. (pp. 19–24). Café com Sociologia.

Haverila, M., Haverila, K., & McLaughlin, C. (2020). Variables affecting the retention intentions of students in higher education institutions. *Journal of International Students*, 10(2), 358–382. <https://doi.org/10.32674/jis.v10i2.1849>

Hendriks, M., & Birnberg, R. (2023). Happiness in the Daily Socio-Cultural Integration Process: A day Reconstruction Study among American Immigrants in Germany. *International Migration Review*, 58(2), 619–643. <https://doi.org/10.1177/01979183221149022>

Horta, H. (2010). The role of the State in the internationalization of universities in catching-up Countries: An analysis of the Portuguese higher education system. *Higher Education Policy*, 23(1), 63–81. <https://doi.org/10.1057/hep.2009.20>

*Inclusão e Integração – AEFCL.*  
(s.d.). <https://aefcl.ciencias.ulisboa.pt/home/departamentos/inclusao-e-integracao/>

*Integração de cidadãos nacionais de países terceiros | Eurocid - Informação europeia ao cidadão.* (2024). Eurocid. <https://eurocid.mne.gov.pt/integracao-cidadaos-nacionais-de-paises-terceiros>

Iorio, J. C., & Silva, A. V. (2022). Mobilidade em tempos de imobilidade: estudantes internacionais em Portugal durante a pandemia da COVID-19. *Revista Brasileira De Educação*, 27. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782022270096>

Iorio, J. C., Silva, A. V., & Fonseca, M. L. (2021). O impacto da Covid-19 nos e nas estudantes internacionais no ensino superior em Portugal: uma análise preliminar. *Finisterra*, 55(115), 153–161. <https://doi.org/10.18055/Finis20285>

*JUPLP | Juventude Unida dos Países de Língua Portuguesa.*  
(s.d.). <https://www.iuplp.com/>

Knight, J. (2004). Internationalization Remodeled: Definition, Approaches, and Rationales. *Journal of Studies in International Education*, 8(1), 5–31. <https://doi.org/10.1177/1028315303260832>

- Knight, J. (2021). *Higher Education internationalization: Concepts, rationales, and frameworks*. <http://170.210.83.53/index.php/redalint/article/view/3090>
- Lusa, A. (2023, novembro). Novo líder dos reitores quer combater subfinanciamento e abandono escolar. “Faltam seis mil dólares por estudante em relação à média da OCDE.” *CNN Portugal*. <https://cnnportugal.iol.pt/educacao/universidades/novo-lider-dos-reitores-quer-combater-subfinanciamento-e-abandono-escolar-faltam-seis-mil-dolares-por-estudante-em-relacao-a-media-da-ocde/20231117/6557a347d34e371fc0b9fd1e>
- McDowell, L. (2010). Interviewing: Fear and liking in the field. In *SAGE Publications, Inc. eBooks*. 156–171. <https://doi.org/10.4135/9780857021090.n11>
- Núcleo de Estudantes Internacionais – Nova Law SU – NOVA School of Law Students Union. (s.d.). <https://ae.fd.unl.pt/nucleo-de-estudantes-internacionais/>
- Núcleo de Estudos Africanos e Lusófonos - AEFCSH. (2020). AEFCSH. <https://ae.fcsh.unl.pt/neal/>
- Núcleo de Mobilidade. (s.d.). <https://www.aefful.pt/mobility/>
- Núcleos da AEISA | Associação dos Estudantes do ISA. (s.d.). <https://ae.isa.ulisboa.pt/nucleos#neaisa>
- OECD (2024). *International student mobility (indicator)*. doi: 10.1787/4bcf6fc3-em
- Oliver, C., & Gidley, B. (2015). Integration of Migrants in Europe. *Global Exchange on Migration and Diversity, University of Oxford*.
- Órgãos de Gestão – AEFUL. (s.d.). <https://www.aefful.pt/orgaos-de-gestao/>
- Outras dimensões da internacionalização no ensino superior. (2024). Eurydice. <https://eurydice.eacea.ec.europa.eu/pt-pt/eurypedia/portugal/outras-dimensoes-da-internacionalizacao-no-ensino-superior>

- Penninx, R., & Garcés-Mascareñas, B. (2015). The concept of integration as an analytical tool and as a policy concept. In *IMISCOE research series*, 11–29. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-21674-4\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-21674-4_2)
- Penninx, R., Caponio, T., Garcés-Mascareñas, B., Matusz Protasiewicz, P., & Schwarz, H. (2014). *European cities and their migrant integration policies: a state-of-the-art study for the Knowledge for Integration Governance (KING) project*. Universiteit Van Amsterdam. <http://hdl.handle.net/11245/1.496057>
- Perez-Encinas, A., Rodriguez-Pomeda, J., & De Wit, H. (2020). Factors influencing student mobility: a comparative European study. *Studies in Higher Education*, 46(12), 2528–2541. <https://doi.org/10.1080/03075079.2020.1725873>
- Pina, F. A. da S. (2022). *A pandemia de COVID-19 e a desigualdade: O papel do associativismo sociocultural no combate à desigualdade social* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/54831>
- Projectos*. (2024). *ESN Portugal*. <https://esnportugal.org/projects>
- Registo Nacional do Associativismo Jovem. (2022). *Pesquisa Entidades*. Consultado a 22 de outubro de 2022. <https://rnaj.ipdj.gov.pt/web/rnaj/pesquisarmapa>
- República Portuguesa. (2000). Resolução da Assembleia da República n.º 83/2000, de 14/12/2000. Aprova o Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil, assinado em Porto Seguro em 22 de Abril de 2000. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/resolucao-assembleia-republica/83-2000-583237>
- República Portuguesa. (2006). Lei n.º 23/2006, de 23/06/2006. Estabelece o regime jurídico do associativismo jovem. <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/2006-123737632>
- República Portuguesa. (2016). Resolução do Conselho de Ministros n.º 78/2016, de 30/11/2016. Define um conjunto de orientações gerais para a articulação da política de internacionalização do ensino superior e da ciência e tecnologia com as demais políticas públicas de internacionalização.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/resolucao-conselho-ministros/78-2016-105283924>

República Portuguesa. (2023). Decreto-Lei n.º 64-A/2023, de 31/07/2023. Estabelece o regime jurídico do associativismo jovem. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/64-a-2023-216512899>

Rivas, J., Burke, M., & Hale, K. (2019). Seeking a sense of belonging. *Journal of International Students*, 9(2), 682–704. <https://doi.org/10.32674/jis.v9i2.943>

Silva, S. I. C. (2013). *Saudades de casa e estratégias de adaptação em estudantes em mobilidade internacional : determinantes e consequências*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/9751>

Silva, S. M. da, Lima, J. A. & Lopes, J. (2021). *Associativismo Juvenil em Portugal. Indicadores e evidências de impacto do associativismo juvenil – Associações e Dirigentes Associativos*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Silva, S. M. da, Lima, J. A. & Lopes, J. (2022). *Associativismo Juvenil em Portugal. Indicadores e evidências de impacto do associativismo juvenil – Associados/as*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Singh, R. (2023, novembro). A ‘fourth wave’ of international student mobility (opinion). *Inside Higher Ed | Higher Education News, Events and Jobs*. <https://www.insidehighered.com/opinion/views/2023/11/20/fourth-wave-international-student-mobility-opinion>

*Sobre nós – NEAIST*. (s.d.). <https://neaist.tecnico.ulisboa.pt/sobre-nos/>

Song, G. (2013). Academic and Social Integration of Chinese International Students in Italy. *Asia Pacific Journal of Educational Development*, 2(1), 13–25. <https://doi.org/10.6228/apjed.2013.0201.02>

Sörensen, I., Fürst, S., Vogler, D., & Schäfer, M. S. (2023). Higher education institutions on Facebook, Instagram, and Twitter: Comparing Swiss universities’ social media

communication. *Media and Communication*, 11(1), 264–277. <https://doi.org/10.17645/mac.v11i1.6069>

Sousa, M. A. de, Nogueira, T., Barata, A., Moura, A., Félix, C., Escudeiro, N., & Costa, V. (2019). Internacionalização do ensino superior: para além da mobilidade internacional. *Sensos-e*, 6(3), 28–38. <https://doi.org/10.34630/sensos-e.v6i3.3106>

Stallivieri, L. (2002). O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. *Educação Brasileira: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras*, 24(48), 35–57.

Strielkowski, W. (2022). New Trends in International Education: Impact of COVID-19 and Digitalization on Higher Education and Student Mobility. In *Education Policies in the 21st Century*, 191–215. [https://doi.org/10.1007/978-981-19-1604-5\\_8](https://doi.org/10.1007/978-981-19-1604-5_8)

Timóteo, I., Monteiro, H., Antunes, M. J., & Weiner, F. (2024). Associativismo e educação popular no pós-25 de Abril. *Educação Sociedade & Culturas*, 69, 1–18. <https://doi.org/10.24840/esc.vi69.1176>

UECL - União dos Estudantes Cabo-verdianos de Lisboa. (s.d.). *UECL - União dos Estudantes Cabo-verdianos de Lisboa | LinkedIn*. UECL - União Dos Estudantes Cabo-verdianos De Lisboa. <https://pt.linkedin.com/company/ueclcv>

Vögtle, E., & Windzio, M. (2022). The ‘Global South’ in the transnational student mobility network. Effects of institutional instability, reputation of the higher education systems, post-colonial ties, and culture. *Globalisation Societies and Education*, 1–19. <https://doi.org/10.1080/14767724.2022.2047900>

*What is Erasmus+?* (2024). Erasmus+. <https://erasmus-plus.ec.europa.eu/about-erasmus/what-is-erasmus>

*What is Linktree? | Linktree Help Center*. (s.d.). <https://linktr.ee/help/en/articles/5434130-what-is-linktree>

Wiers-Jenssen, J. (2012). Degree Mobility from the Nordic Countries. *Journal of Studies in International Education*, 17(4), 471–491. <https://doi.org/10.1177/1028315312463824>

## ANEXOS

### **Anexo 1: Ficha de caracterização de associações juvenis com impacto na integração de estudantes internacionais na região de Lisboa**

Ficha de caracterização de associações juvenis com impacto na integração de estudantes internacionais na região de Lisboa

A ficha de caracterização constante deste formulário insere-se no âmbito da dissertação de mestrado com o título "O papel do associativismo juvenil na integração dos estudantes internacionais em Lisboa: estratégias, contributos e desafios". A referida dissertação está inserida no âmbito do Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território da Universidade de Lisboa, e é realizada pelo discente Miguel Ferreira e orientada pelo Professor Doutor Jorge Malheiros.

Com esta ficha de caracterização tenciono compreender de que forma a vossa associação se dedica à realização de atividades e projetos com o objetivo de integrar da melhor forma os estudantes internacionais que se encontram em Lisboa a frequentar uma licenciatura ou mestrado. Deste modo, constituir-se-á uma amostra representativa deste universo de associações que será alvo de entrevistas semiestruturadas, que permitirão aprofundar os conhecimentos acerca da atividade destas organizações e, assim, avançar para a análise e discussão dos resultados e consequentemente responder à questão de investigação.

A sua participação neste questionário é voluntária, podendo a qualquer momento se decidir pelo seu término.

Agradecemos, desde já, a sua participação!

\* Indica uma pergunta obrigatória

1. Email \*

---

Em conformidade com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) [Regulamento

(UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril de 2016], informa-se que os dados fornecidos neste formulário serão tratados em cumprimento das disposições legais aplicáveis, atendendo aos princípios de confiança, segurança, confidencialidade e sigilo. Deste modo, são adotadas todas as medidas técnicas e processuais que garantam aos/às titulares dos dados a licitude, transparência, exatidão, segurança e limitação do acesso aos dados para finalidades específicas. Ao preencher este formulário, está a concordar com que o processamento da sua informação pessoal seja feito para os fins descritos anteriormente.

Informa-se, ainda, que, a qualquer momento, poderá exercer o seu direito de acesso aos dados que lhe digam respeito, solicitar a sua retificação, eliminação ou limitação ou oposição ao tratamento. Em caso de dúvida sobre a política de privacidade dos dados, contacte-nos através do e-mail [miguelferreira@edu.ulisboa.pt](mailto:miguelferreira@edu.ulisboa.pt) ou [jmalheiros@edu.ulisboa.pt](mailto:jmalheiros@edu.ulisboa.pt).

## 2. Declaração de consentimento informado \*

Declaro ter-me sido lido e compreendido este documento, assim como as informações que me foram comunicadas. Desta forma, foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer momento, recusar a participar nesta investigação sem qualquer tipo de consequências.

Sendo assim, aceito participar de livre vontade nesta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.

Caso concorde com a proposta apresentada, solicitamos que selecione a seguinte caixa de verificação como confirmação.

Marcar tudo o que for aplicável.

Li e aceito os Termos e Condições do Regulamento Geral de Proteção de Dados

## 3. Nome da associação \*

---

4. Tipo de associação \*

*Marcar apenas uma oval.*

Juvenil

De estudantes

De carácter juvenil

Federação de associações

Núcleo de estudantes (afeto à associação de estudantes ou à instituição de ensino superior)

5. Nome da pessoa de contacto e cargo dentro da associação \*

---

6. Ano de criação da associação \*

---

7. Localização da associação (concelho e área de abrangência) \*

---

8. Principais objetivos da associação \*

---

---

---

---

---

9. Dimensão da associação (n.º de membros) \*

*Marcar apenas uma oval.*

1-20

21-50

51-100

Mais de 100

10. Dimensão da associação (n.º de pessoas abrangidas pela atividade da associação) \*

*Marcar apenas uma oval.*

1-50

51-150

151-500

501-1000

Mais de 1000

11. A sua associação integra estudantes internacionais?

Sim

Não

12. Se respondeu sim, qual a proporção?

---

13. Se respondeu sim, indique as principais nacionalidades

---

14. A sua associação dispõe de um departamento e/ou núcleo específico destinado à integração de estudantes internacionais? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

15. Se respondeu "Sim" à questão anterior, descreva a forma de atuação desse departamento, nomeando as suas principais atividades, iniciativas e projetos

---

---

---

---

---

16. Considera que as atividades da sua associação se destinam sobretudo a estudantes provenientes do Norte Global (ex.: União Europeia, EUA) ou do Sul Global (ex.: PALOP, América Latina)? \*

Norte Global

Sul Global

17. Quais são os principais obstáculos com que a sua associação se depara a nível de estrutural? Por favor, selecione três: \*

- Infraestruturas
- Número de recursos humanos
- Motivação dos recursos humanos
- Capacitação e formação
- Gestão da burocracia e cumprimento da legislação em vigor
- Falta de financiamento
- Localização
- Falta de visibilidade e reconhecimento
- Sustentabilidade a longo prazo
- Dificuldades ao nível de parceiras e colaborações com outras entidades
- Outra: \_\_\_\_\_

18. Quais são os principais obstáculos com que a sua associação se depara no cumprimento dos objetivos traçados para a integração de estudantes internacionais? Por favor, selecione três: \*

- Barreira linguística
- Diferenças culturais
- Adaptação académica
- Isolamento social
- Desafios ao nível administrativo e legal
- Preconceitos e discriminação

- Apoio psicossocial
- Integração com a comunidade local
- Outra: \_\_\_\_\_

19. Que atividades considera que seriam uma mais-valia a serem implementadas em prol dos estudantes internacionais? \*

- Programas de mentoria
- Eventos de orientação cultural e linguística
- Promoção de informação e apoio jurídico
- Grupos de intercâmbio linguístico
- Atividades desportivas e de lazer
- Redes de apoio psicossocial
- Workshops de capacitação académica e profissional
- Voluntariado com a comunidade local
- Fóruns e debates
- Apoio ao nível de alojamento
- Outra: \_\_\_\_\_

20. Relativamente à questão anterior, quais são os impedimentos para essas atividades não serem postas em prática?

---

---

---

---

---

21. Dispõe de parcerias/protocolos com instituições governamentais e/ou privadas? Com quais e como se materializam? \*

---

---

---

---

---

22. Dispõe de parcerias/protocolos com associações juvenis/de estudantes? Com quais e como se materializam? \*

---

---

---

---

---

20. Na eventualidade de a sua associação se enquadrar na amostra pretendida, está disponível para a marcação de uma entrevista? Se sim, disponibilize um contacto para esse efeito: \*

---

21. Observações

---

---

---

---

---

Muito obrigado pelo seu contributo para esta investigação! Até breve.

## **Anexo 2: Guião de entrevista semiestruturada conduzida a estudantes internacionais em mobilidade de grau em Lisboa**

Guião de entrevista semiestruturada a realizar com estudantes internacionais

*(English version below)*

**Descrição do estudo:** Esta entrevista semiestruturada insere-se no âmbito da dissertação de mestrado com o título "O papel do associativismo juvenil na integração dos estudantes internacionais em Lisboa: estratégias, contributos e desafios". A referida dissertação está inserida no âmbito do Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território da Universidade de Lisboa, e é realizada pelo discente Miguel Ferreira e orientada pelo Professor Doutor Jorge Malheiros.

Com esta entrevista semiestruturada tenciono averiguar as questões de integração académica, social e habitacional dos estudantes internacionais que se encontram em Lisboa a frequentar uma licenciatura ou mestrado, de forma a confirmar e complementar a informação recolhida numa análise de bibliografia previamente realizada relativa à integração de estudantes internacionais em mobilidade de grau em Lisboa. Posteriormente, a informação recolhida, que será anonimizada e utilizada exclusivamente para a realização da dissertação de mestrado e, eventualmente, algumas publicações científicas dela decorrentes, permitirá avançar para a análise e discussão dos resultados e conseqüentemente responder à questão de investigação. A sua participação nesta entrevista semiestruturada é voluntária, podendo a qualquer momento decidir pelo seu término.

**Declaração de consentimento informado:** Em conformidade com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) [Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril de 2016], informa-se que os dados fornecidos nesta entrevista serão tratados em cumprimento das disposições legais aplicáveis, atendendo aos princípios de confiança, segurança, confidencialidade e sigilo. Deste modo, são adotadas todas as medidas técnicas e processuais que garantam aos/às titulares dos dados a licitude, transparência, exatidão, segurança e limitação do acesso aos dados para finalidades específicas. Ao participar nesta entrevista, está a concordar com que o processamento da sua informação pessoal seja feito para os fins descritos anteriormente. Informa-se, ainda, que, a qualquer momento, poderá exercer o seu direito de acesso aos dados que lhe digam respeito, solicitar a sua retificação, eliminação ou limitação ou oposição ao tratamento. Em caso de dúvida sobre a política de privacidade dos dados, contacte-nos através do e-mail [miguelferreira@edu.ulisboa.pt](mailto:miguelferreira@edu.ulisboa.pt) ou [jmalheiros@edu.ulisboa.pt](mailto:jmalheiros@edu.ulisboa.pt).

Caso concorde com a proposta apresentada, solicitamos que rubrique este documento como confirmação. Declaro ter-me sido lido e compreendido este documento, assim como as informações que me foram comunicadas. Foi-me, ainda, garantida a possibilidade de, em qualquer momento, recusar a participação nesta investigação sem qualquer tipo de consequências.

Deste modo, aceito participar de livre vontade nesta investigação, no quadro das garantias de confidencialidade e anonimização de dados que me são dadas pelo investigador.

Nome: \_\_\_\_\_

Rubrica: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/2024

Agradecemos, desde já, a sua participação!

---

## Semi-structured interview guide to be conducted with international students

**Study Description:** This semi-structured interview is part of a Master's dissertation titled "The role of youth associations in the integration of international students in Lisbon: strategies, contributions, and challenges." This dissertation is part of the Master's program in Human Geography: Globalization, Society, and Territory at the University of Lisbon, conducted by the student Miguel Ferreira and supervised by Professor Doctor Jorge Malheiros.

With this semi-structured interview, I intend to investigate the academic, social, and housing integration issues of international students who are in Lisbon attending an undergraduate or master's program, in order to confirm and complement the information collected from a previously conducted literature review related to the integration of international degree-seeking students in Lisbon. Subsequently, the collected information, which will be used exclusively for the MA thesis and eventually to some subsequent academic publication associated to it, will allow for the analysis and discussion of the results and consequently respond to the research question.

Your participation in this semi-structured interview is voluntary, and you may decide to end it at any time.

**Informed Consent Statement:** In accordance with the General Data Protection Regulation (GDPR) [Regulation (EU) 2016/679 of the European Parliament and of the Council of 27 April 2016], it is informed that the data provided in this interview will be

processed in compliance with the applicable legal provisions, considering the principles of trust, security, confidentiality, and secrecy. Thus, all technical and procedural measures are adopted to ensure the legality, transparency, accuracy, security, and limitation of access to data for specific purposes to the data subjects. By participating in this interview, you agree that the processing of your personal information will be done for the purposes described above. Additionally, it is informed that at any time, you can exercise your right to access the data concerning you, request its rectification, deletion, or limitation, or object to its processing. In case of doubt about the data privacy policy, please contact us via email at [miguelferreira@edu.ulisboa.pt](mailto:miguelferreira@edu.ulisboa.pt) or [jmalheiros@edu.ulisboa.pt](mailto:jmalheiros@edu.ulisboa.pt).

If you agree with the proposal presented, we ask you to initial this document as confirmation. I declare that I have read and understood this document, as well as the information communicated to me. It was also guaranteed to me the possibility of, at any time, refusing to participate in this research without any consequences.

Thus, I voluntarily agree to participate in this research under the guarantees of confidentiality and anonymity provided by the researcher.

Name: \_\_\_\_\_

Initials: \_\_\_\_\_ Date: \_\_/\_\_/2024

Thank you in advance for your participation!

1. Questões sociodemográficas a colocar ao entrevistado:

1.1 Nome/Name: \_\_\_\_\_

1.2 País de origem/Country of origin: \_\_\_\_\_

1.3 Idade/Age: \_\_\_\_\_

1.4 Ano de chegada a Portugal/Year of arrival in Portugal: \_\_\_\_\_

1.5 Concelho de residência/Municipality of residence: \_\_\_\_\_

1.6 Faculdade e universidade/Faculty and university: \_\_\_\_\_

1.7 Ciclo de estudos que frequenta/Type of course of study: \_\_\_\_\_

1.8 Curso que frequenta/Program of attendance: \_\_\_\_\_

2. Questões semiestruturadas:

Âmbito	Questão	Resposta
2.1 Motivações para a mobilidade internacional	2.1.1 Qual foi a principal motivação para estudar no estrangeiro, especificamente em Portugal? <i>What was your main motivation to study abroad, specifically in Portugal?</i>	
	2.1.2 Considera mais fácil a obtenção do diploma em Portugal ou no seu país de origem? <i>Do you consider it easier to get the degree in Portugal or in your country?</i>	
2.2 Problemas de integração	2.2.1 Quais considera ser as maiores barreiras à aprendizagem? <i>What do you consider to be the main barriers to learning?</i>	
	2.2.2 Quais considera ser as maiores dificuldades para se instalar/viver em Lisboa? <i>What do you consider to be the main barriers to settle/live in Lisbon?</i>	
	2.2.3 Sente ou já sentiu algum tipo de discriminação a nível académico, social ou habitacional? (descrever brevemente) <i>Have you ever felt any kind of academic, social or housing discrimination? (describe succinctly)</i>	
	<u>Fazer apenas as seguintes conforme o entrevistado menciona ou não nas anteriores</u>	
	2.2.4 Sente facilidade na adaptação à cultura portuguesa? Sim/Não; porquê? <i>Is it easy for you to adapt to the Portuguese culture? Yes/No; why?</i>	

	<p>2.2.5 Considera a língua uma barreira à aprendizagem? De que forma? <i>Do you consider language a barrier to learning? How?</i></p>	
	<p>2.2.6 O custo de vida em Lisboa é para si um problema? <i>Is the cost of living in Lisbon a problem for you?</i></p>	
	<p>2.2.7 Foi fácil para si obter autorização de residência para residir em Portugal durante o ciclo de estudos? Quais foram os obstáculos que encontrou? <i>Was it easy for you to get permission to live in Portugal during your degree? Which obstacles did you find?</i></p>	
	<p>2.2.8 Com que frequência tem ido ao país de origem? Sente necessidade de ir mais frequentemente? Tem muitas saudades de “casa”? Do que mais sente falta? <i>How frequently have you returned to your country of origin? Do you feel the need to return more frequently? Do you feel homesick? What do you miss the most?</i></p>	
	<p>2.2.9 A longo prazo, considera regressar ao seu país de origem, migrar para outro país ou ficar em Portugal? Porquê? <i>In the long term, do you think of returning to your country of origin, migrating to another country or staying in Portugal? Why?</i></p>	
2.3 Associativismo	<p>2.3.1 Conhece alguma associação juvenil ou núcleo de estudantes? <i>Do you know any youth association or student union?</i></p>	
	<p>2.3.1.1 (Se sim,) faz parte de alguma associação de jovens ou núcleo de estudantes? <i>(If so,) are you part of any youth association or student union?</i></p>	
	<p>2.3.1.2 (Se sim,) em que atividades participou? Com que frequência? <i>(If so,) in which activities did you participate? How frequently?</i></p>	
	<p>2.3.2 Por que motivo decidiu juntar-se (ou não) a uma associação durante os seus estudos? <i>Why did you decide to join (or not) an association during your studies?</i></p>	
	<p>2.3.3 Como avalia as atividades da associação? Considera suficientes? O que considera estar em falta? <i>How do you evaluate the association's activities? Do you consider them sufficient? What do you think it's missing?</i></p>	
2.4 Outras	<p>2.4.1 Existe algo que queira acrescentar? <i>Is there anything you would like to add?</i></p>	

Muito obrigado pela sua participação!

### **Anexo 3: Guião de entrevista semiestruturada conduzida a representantes das associações juvenis, de estudantes e núcleos de estudantes a operar em Lisboa**

Guião de entrevista semiestruturada a realizar com representantes das associações juvenis, de estudantes e núcleos de estudantes

**Descrição do estudo:** Esta entrevista semiestruturada insere-se no âmbito da dissertação de mestrado com o título "O papel do associativismo juvenil na integração dos estudantes internacionais em Lisboa: estratégias, contributos e desafios". A referida dissertação está inserida no âmbito do Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território da Universidade de Lisboa, e é realizada pelo discente Miguel Ferreira e orientada pelo Professor Doutor Jorge Malheiros.

Com esta entrevista semiestruturada tenciono averiguar o papel desempenhado por associações juvenis, de estudantes e núcleos de estudantes na integração académica, social e habitacional dos estudantes internacionais que se encontram em Lisboa a frequentar uma licenciatura ou mestrado (estudantes internacionais em mobilidade de grau), de forma a confirmar e complementar a informação recolhida numa análise de bibliografia previamente realizada relativa a estas organizações. Posteriormente, a informação recolhida, que será anonimizada e utilizada exclusivamente para a realização da dissertação de mestrado e, eventualmente, algumas publicações científicas dela decorrentes, permitirá avançar para a análise e discussão dos resultados e consequentemente responder à questão de investigação.

A sua participação nesta entrevista semiestruturada é voluntária, podendo a qualquer momento decidir pelo seu término.

**Declaração de consentimento informado:** Em conformidade com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) [Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril de 2016], informa-se que os dados fornecidos nesta entrevista serão tratados em cumprimento das disposições legais aplicáveis, atendendo aos princípios de confiança, segurança, confidencialidade e sigilo. Deste modo, são adotadas todas as medidas técnicas e processuais que garantam aos/às titulares dos dados a licitude, transparência, exatidão, segurança e limitação do acesso aos dados para finalidades específicas. Ao participar nesta entrevista, está a concordar com que o processamento da sua informação pessoal seja feito para os fins descritos anteriormente. Informa-se, ainda, que, a qualquer momento, poderá exercer o seu direito de acesso aos dados que lhe digam respeito, solicitar a sua retificação,

eliminação ou limitação ou oposição ao tratamento. Em caso de dúvida sobre a política de privacidade dos dados, contacte-nos através do e-mail miguelfferreira@edu.ulisboa.pt ou jmalheiros@edu.ulisboa.pt.

Caso concorde com a proposta apresentada, solicitamos que rubrique este documento como confirmação. Declaro ter-me sido lido e compreendido este documento, assim como as informações que me foram comunicadas. Foi-me, ainda, garantida a possibilidade de, em qualquer momento, recusar a participação nesta investigação sem qualquer tipo de consequências.

Deste modo, aceito participar de livre vontade nesta investigação, no quadro das garantias de confidencialidade e anonimização de dados que me são dadas pelo investigador.

Nome: \_\_\_\_\_

Rubrica: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/2024

Agradecemos, desde já, a sua participação!

3. Questões de caracterização da associação (a preencher com os dados previamente recolhidos na ficha de caracterização da associação ou a complementar com a entrevista):

1.1 Nome da associação: \_\_\_\_\_

1.2 Tipo de associação: \_\_\_ Juvenil \_\_\_ De estudantes \_\_\_ De carácter juvenil  
\_\_\_ Federação de associações \_\_\_ Núcleo de estudantes (afeto à associação de estudantes ou à instituição de ensino superior)

1.3 Nome da pessoa de contacto e cargo dentro da associação:  
\_\_\_\_\_

1.4 Ano de criação da associação: \_\_\_\_\_

1.5 Localização da associação (concelho e área de abrangência):  
\_\_\_\_\_

1.6 Principais objetivos da associação: \_\_\_\_\_

1.7 Dimensão da associação (n.º de membros):

\_\_\_ 1-20

\_\_\_ 21-50

\_\_\_ 51-100

\_\_\_ Mais de 100

1.8 Dimensão da associação (n.º de pessoas abrangidas pela atividade da associação):

\_\_\_ 1-50

\_\_\_ 51-150

\_\_\_ 151-500

\_\_\_ 501-1000

\_\_\_ Mais de 1000

4. Questões semiestruturadas:

Âmbito	Questão	Resposta
2.1 Características da associação	2.1.1 Quais são os principais objetivos e atividades da associação?	

2.2 Integração académica	2.2.1 a) Quais são as principais dificuldades académicas que os estudantes internacionais enfrentam e de que forma a sua associação ajuda a superá-las?	
	2.2.1 b) Quais são as principais dificuldades de integração social que os estudantes internacionais enfrentam e de que forma a sua associação ajuda a superá-las?	
	2.2.1 c) Há subgrupos de estudantes mais vulneráveis e que experimentam mais dificuldades? Se sim, quais destacaria? (Rapazes, raparigas; determinadas origens geográficas, sociais...)	
	2.2.2 Dispõem de programas de tutoria ou mentoria específicos para estudantes internacionais?	
	2.2.3 A sua associação colabora com universidades ou outras instituições académicas? Se sim, de que forma?	
2.3 Integração social	2.3.1 Que tipo de atividades sociais e culturais organiza para promover a integração dos estudantes internacionais e, se for o caso, a cultura portuguesa?	
	2.3.2 Pode descrever alguns eventos recentes que tiveram um impacto positivo na integração social dos estudantes?	
	2.3.3 Como a associação facilita a criação de redes de apoio entre estudantes internacionais e locais?	
	2.3.4 Existem programas específicos para promover a interação entre estudantes internacionais e a comunidade local?	
	2.3.5 A associação dispõe de mecanismos de denúncia e auxílios em casos de discriminação com base na nacionalidade ou etnia por parte de estudantes internacionais? Se sim, de que forma? Se não, porquê?	
2.4 Integração habitacional	2.4.1 A associação oferece algum tipo de apoio na procura de alojamento para estudantes internacionais?	

	2.4.2 Face à crise na habitação verificada na região de Lisboa, a sua associação dispõe de projetos ou parcerias com o objetivo de auxiliar os estudantes na procura de casa? Se sim, de que forma? Se não, porquê?	
2.5 Desafios e soluções	2.5.1 Quais são os maiores desafios que a associação enfrenta na integração de estudantes internacionais?	
	2.5.2 Existem áreas específicas onde a associação sente que precisa de mais apoio ou recursos?	
	2.5.3 Que medidas ou iniciativas poderiam ser implementadas para melhorar a integração dos estudantes internacionais?	
	2.5.3 Como avalia o impacto das atividades da associação na integração de estudantes internacionais? Considera suficientes? O que considera estar em falta?	
2.6 Feedback	2.6.1 A associação procura recolher feedback de estudantes internacionais sobre as atividades e serviços oferecidos? Se sim, de que forma?	
	2.6.2 Pode partilhar alguns exemplos de feedback recebido e como isso influenciou as atividades da associação?	
2.7 Observações	2.4.1 Existe algo que queira acrescentar?	

Muito obrigado pela sua participação!

**Anexo 4: Caracterização sociodemográfica dos estudantes internacionais em mobilidade de grau alvo de entrevistas semiestruturadas no âmbito do capítulo 3**

Nome (fictício)	País de origem	Idade	Ano de chegada	Concelho de residência	IES	Ciclo de estudos	Programa de estudos
<b>União Europeia</b>							
<b>Emma</b>	Bélgica	24	2023	Lisboa	NOVA SBE	2.º	Management: Marketing
<b>Lucía</b>	Espanha	25	2023	Lisboa	NOVA SBE	2.º	International Development & Public Policy
<b>Louise</b>	França	24	2022	Lisboa	IGOT	2.º	Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território
<b>Sophie</b>	França	24	2023	Lisboa	Católica SBE	2.º	Management: Entrepreneurship & Management
<b>Roberta</b>	Itália	23	2023	Lisboa	NOVA SBE	2.º	International Development & Public Policy
<b>PALOP</b>							
<b>José</b>	Angola	21	2022	Lisboa	ISA-UL	1.º	Engenharia do Ambiente
<b>Adilson</b>	Cabo-Verde	25	2026	Almada	NOVA FCT	Mestrado integrado	Engenharia Informática
<b>Dulce</b>	Cabo-Verde	25	2017	Lisboa	NOVA FCT	Mestrado integrado	Engenharia Informática
<b>Gerson</b>	Cabo-Verde	22	2020	Loures	NOVA FCT	Mestrado integrado	Engenharia Informática
<b>Mariama</b>	Guiné-Bissau	26	2019	Seixal	IGOT	1.º	Geografia
<b>Celestino</b>	Moçambique	24	2021	Lisboa	ISA-UL	1.º	Engenharia do Ambiente
<b>Teresa</b>	Moçambique	22	2021	Lisboa	Nova Medical School	Mestrado integrado	Medicina

<b>Brasil</b>							
<b>Arthur</b>	Brasil	24	2023	Lisboa	Católica FCH	2.º	Mestrado em Comunicação, especialização em Transformação Digital
<b>Caio</b>	Brasil	32	2019	Alenquer	IGOT	2.º	Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território
<b>Davi</b>	Brasil	23	2019	Lisboa	ISA UL	2.º	Engenharia Florestal e dos Recursos Naturais
<b>Felipe</b>	Brasil	24	2019	Lisboa	ISEG	2.º	Desenvolvimento e Cooperação Internacional
<b>Isabella</b>	Brasil	37	2022	Lisboa	IGOT	2.º	Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território
<b>Valentina</b>	Brasil	34	2008	Lisboa	FLUL	2.º	Estudos Brasileiros

Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.

**Anexo 5: Organizações mencionadas pelos estudantes internacionais em mobilidade de grau alvo de entrevistas semiestruturadas no âmbito do capítulo 3 em resposta à pergunta “Conhece alguma associação juvenil ou núcleo de estudantes?”**

<b>Organização mencionada</b>	<b>Tipo de organização</b>	<b>Número de vezes mencionada</b>
Erasmus Student Network Lisboa (ESN Lisboa)	Associação juvenil	6
Associação de Estudantes do ISA (ISA-ULisboa)	AE	3
Nova SU – Nova Students’ Union (Nova SBE)	AE	3
Erasmus Life Lisboa	Organização privada/empresa	2
NAISA – Núcleo de Ambiente do ISA (ISA-ULisboa)	Núcleo de estudantes	2
“Praxes” ou “tunas”		2
UECL – União dos Estudantes Cabo-Verdianos de Lisboa	Associação juvenil	2
180 Degrees Consulting Club (Universidade Católica Portuguesa)	Clube	1
AEGBL – Associação de Estudantes da Guiné-Bissau em Lisboa	Associação juvenil	1
AEIGOT – Associação de Estudantes do IGOT (IGOT-ULisboa)	AE	1
APEF – Associação Portuguesa de Estudantes Florestais	Associação juvenil	1
Associação de Estudantes da FCT (Nova FCT)	AE	1
Associação de Estudantes do ISCSP (ISCSP-ULisboa)	Associação de estudantes (AE)	1
BET - Bring Entrepreneurs Together (Universidade Católica Portuguesa)	Clube	1
Casa do Brasil de Lisboa	Associação de imigrantes	1
Clube “Oikos Lisbon” (Nova SBE)	Clube	1
NEA – Núcleo de Estudantes Africanos (Nova FCT)	Núcleo de estudantes	1
NEAISCSP – Núcleo de Estudantes Africanos do ISCSP (ISCSP-ULisboa)	Núcleo de estudantes	1
NEB – Núcleo de Estudantes Brasileiros do ISCSP (ISCSP-ULisboa)	Núcleo de estudantes	1
NERI – Núcleo de Estudantes de Relações Internacionais (ISCSP-ULisboa)	Núcleo de estudantes	1

Fonte: Entrevistas a estudantes estrangeiros universitários em Lisboa.